UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIANA VANNUCHI TOMAZINI

Construção da carreira em surfistas profissionais brasileiros

Ribeirão Preto — SP

2017

MARIANA VANNUCHI TOMAZINI

Construção da carreira em surfistas profissionais brasileiros

Versão Corrigida

(versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-graduação)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências

Área de concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento

Orientadora: Prof^ª Dr^ª: Lucy Leal Melo-Silva

Ribeirão Preto – SP

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio, convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

FICHA CATALOGRÁFICA

Tomazini, Mariana Vannuchi

Construção da carreira em surfistas profissionais brasileiros. / Mariana Vannuchi
Tomazini : orientadora Lucy Leal Melo-Silva. — Ribeirão Preto, 2017

161 p.: il., 30cm

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia

1.Construção de carreira 2. Carreira esportiva 3. Surfe de alto rendimento 4. Surfista
profissional 5. Carreira no surfe

FICHA DE APROVAÇÃO

Nome: Mariana Vannuchi Tomazini

Título: Construção da carreira em surfistas profissionais brasileiros

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: 15/12/2017

Banca Examinadora

Profa Dra Luciana Ferreira Angelo

Instituição: Instituto Sedes Sapientiae-SP – Psicologia do Esporte

Julgamento _____

Prof Dr Marcelo Afonso Ribeiro

Instituição: Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo-SP

Julgamento _____

Profa Dra Manoela Ziebell de Oliveira

Instituição: Pontifícia Universidade Católica – PUC-RS – Departamento de Psicologia

Julgamento _____

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço aos meus Pais, por terem me dado a vida e por sempre me respeitarem, apoiarem e ensinarem, com amor e presença incondicionais. Vocês são meus maiores exemplos de sabedoria, profissionalismo, ética e amor à profissão. À minha Mãe, guerreira admirável, que se reinventou e se reinventa através do trabalho, minha grande amiga e meu grande exemplo de carreira acadêmica. Hoje eu entendo, na pele, o quanto deve ter sido difícil ser uma Mãe tão presente, se dedicando à vida acadêmica. Ao meu Pai, meu grande amigo, de doçura e capacidade de doação ímpares, profissional humano, que me faz acreditar que o mundo sempre pode ser um lugar melhor. Ambos têm minha eterna gratidão, admiração e amor!

À minha família, meus grandes amores (Pais, Irmãs, Sobrinhas e Afilhados) e aos meus amigos, pela força, afeto, cuidado, incentivo, compreensão e paciência, mesmo nos momentos em que, com o coração apertado, não pude me dedicar a vocês o quanto eu gostaria e o quanto vocês mereciam, em virtude da dedicação à “tripla carreira” que desenvolvi ao longo do Mestrado. Vocês foram essenciais neste processo e são essências em minha vida.

Ao meu Noivo e parceiro, que esteve ao meu lado me apoiando, da idealização à realização deste projeto, inclusive em viagem para obtenção de dados, nas longas e intermináveis horas no computador, na saudade, no reencontro, nas angústias, nas dificuldades e nas conquistas.

À minha orientadora, Professora Doutora Lucy Leal Melo-Silva, por ter me auxiliado, há dez anos, em estágio de Orientação Profissional, a compreender quais eram os temas de vida nucleares para construção de minha carreira subjetiva e, por ter aceitado prontamente minha proposta de pesquisa de Mestrado e me acompanhado neste processo de descoberta científica e de desenvolvimento pessoal e profissional.

A todos os participantes, por confiarem em meu trabalho e colaborarem com o processo de obtenção de dados. Serei eternamente grata a todos. Vocês são a alma desta pesquisa!

Aos atletas que participaram desta pesquisa, por me permitirem o acesso às suas trajetórias de vida e de carreira e aos seus universos internos. Obrigada por terem me ensinado tanto, com tamanha capacidade de persistirem na busca de seus sonhos, mesmo em condições desfavoráveis. Ao ouvir suas narrativas, pude entender a profundidade das metáforas “segurar a onda” e “manter-se de pé”. O surfe é uma modalidade esportiva que demanda a capacidade de manter-se de pé na prancha e de segurar-se em muitas ondas. Mas vocês demonstraram esta capacidade para além do ambiente marinho e me lembraram da importância de sabermos

segurar as diversas ondas que a vida traz, muitas vezes sem aviso prévio e nos mantermos de pé. O processo de construção da carreira no âmbito acadêmico demanda resiliência e o exemplo dado através da história de vida de vocês me auxiliou a perseverar, nos momentos mais difíceis. Aos Professores Doutores Luciana Ferreira Angelo, Marcelo Afonso Ribeiro e Manoela Ziebell de Oliveira, por aceitarem fazer parte deste processo e pelas valiosas e norteadoras contribuições no Exame de Qualificação (Luciana e Marcelo) e na Defesa (Luciana, Manoela e Marcelo) de meu Mestrado.

À Professora Doutora Luciana Ferreira Angelo, minha Professora na Especialização em Psicologia do Esporte e do Exercício do Instituto Sedes Sapientiae e minha Supervisora no estágio no Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da FMUSP (Incor), foi uma honra ter você colaborando na construção de minha carreira novamente.

Ao Professor Doutor Marcelo Afonso Ribeiro, suas contribuições foram essenciais para a resignificação do delineamento da minha pesquisa.

À Keila Sgobi de Barros e à Manoella Fiochi Marques, pela disponibilidade em me auxiliar na construção do conhecimento.

À Aliene Lago e Ana Cristina Brás, pelo compartilhamento de conhecimento, angústias e soluções.

À Professora Doutora Maria Eduarda Duarte, pelas aulas, pelo conhecimento e pela disponibilidade em me auxiliar a pensar sobre a construção de meu projeto inicial de pesquisa, em seu escasso tempo no Brasil.

Aos colegas do Grupo de pesquisa em Orientação Profissional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, coordenado pela Professora Doutora Lucy Leal Melo-Silva, pela co-construção do conhecimento nas produtivas reuniões e encontros em Congressos.

À Maria Fernanda Pinto, pela grande amizade, por fazer da sua casa a minha casa e pelos encontros deliciosos e memoráveis.

À Helena Badari, amiga querida e parceira de linha de pesquisa, com quem ainda desejo construir muitos e novos estudos, viagens e momentos.

À Diva Assef e a todas as pessoas que me auxiliaram no contato com os participantes.

RESUMO

TOMAZINI, M.V. **Construção da carreira em surfistas profissionais brasileiros**, 2017. 161f. Dissertação (Mestrado em Ciências) — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

Com a progressiva profissionalização e espetacularização do esporte de alto rendimento, houve um crescimento significativo do interesse acadêmico sobre a construção da carreira esportiva nas diferentes modalidades, incluindo o surfe, objeto deste estudo. Há escassez na produção científica nacional e internacional sobre carreira esportiva no surfe e este estudo objetiva analisar e descrever a atuação profissional e a construção da carreira do atleta de surfe de alto rendimento no Brasil. Trata-se de uma investigação qualitativa, no formato de análise temática com categorias definidas a priori, a partir da Teoria Desenvolvimentista de Carreira, da Teoria de Construção de Carreira e de estudos sobre carreira esportiva da Psicologia do Esporte, literatura esta que também embasou a análise de dados neste estudo. Colaboraram com esta pesquisa seis participantes do sexo masculino: quatro atletas que atuam profissionalmente com o surfe, entre 15 e 28 anos e dois profissionais com atuação relacionada à organização e ao desenvolvimento do surfe de alto rendimento no Brasil, entre 44 e 52 anos. Os dados foram obtidos por entrevistas semiestruturadas e analisados em eixos, categorias e subcategorias temáticos. Os resultados evidenciam que não há atuação sistêmica das entidades nacionais e internacionais na gestão do surfe, nem regulamentação da profissão. A atuação como surfista caracteriza uma carreira globalizada, informal, precarizada e dinâmica e sua construção demanda adaptabilidade e resiliência. Atualmente há falta de investimento financeiro no surfe profissional brasileiro, o que reduz as oportunidades de atuação e influencia na progressão da carreira, de modo que o Brasil tem atuado mais na exportação do que no desenvolvimento de talentos. A iniciação e profissionalização no surfe foram facilitadas por fatores sociais, pessoais e ambientais, com ênfase na alta motivação intrínseca para a prática da modalidade, que compreendeu um importante fator motivacional e de proteção na construção da carreira e no enfrentamento de adversidades. Os estágios de desenvolvimento esportivo e de carreira e as transições normativas foram experienciadas com precocidade, incluindo processos precoces de especialização esportiva, profissionalização e transição para o âmbito mundial de competição, além da antecipação dos maxicírculos de carreira e de suas respectivas tarefas de desenvolvimento. A preparação psicológica e a gestão da carreira foram consideradas essenciais, porém, apenas dois dos participantes tiveram respaldo profissional da Psicologia, que foi realizado de modo intermitente e reduzido ao aprimoramento da performance esportiva. E os processos de planejamento e gestão da carreira se deram de modo informal, com protagonismo inicial dos pais e, posteriormente, dos patrocinadores e atletas. A trajetória de carreira incluiu transições não normativas como perda de patrocínio, lesão e *dropout* temporário. Foram observadas demandas de aprimoramento de habilidades socioemocionais, visto que sua escassez atuou como fator de risco na adaptação às transições normativas precoces e não normativas, além de demandas de desenvolvimento da adaptabilidade de carreira, sobretudo relativas às dimensões preocupação e curiosidade. O patrocínio esportivo atuou como marcador na carreira e sua obtenção seguiu a lógica de detecção de talentos. A preponderância do papel de atleta no *life-space* facilitou a ocorrência do conflito de papéis e dificultou a construção da dupla-carreira. Já a transição para o *free surf*, que atuou como uma espécie de destreinamento esportivo, facilitou a construção da dupla-carreira. O repertório de *coping vocacional* incluiu fatores pessoais e sociais, com ênfase na rede de apoio social, financeira e profissional. Os participantes apresentaram elevada satisfação profissional e uma relação existencial com o mar e com o surfe, de modo que a prática da modalidade transcende o autoconceito ocupacional e compõe o estilo de vida e o *Self* dos mesmos. Este estudo permitiu uma melhor compreensão da organização do surfe de alto rendimento e da construção da carreira objetiva e subjetiva na modalidade, ao evidenciar dados de realidade da atuação profissional, temas de vida e aspectos nucleares do *Self* dos participantes, fornecendo pistas para o Aconselhamento de Carreira e o desenvolvimento de atletas.

Palavras-chave: construção de carreira, carreira esportiva, surfe de alto rendimento, surfista profissional, carreira no surfe.

ABSTRACT

TOMAZINI, M. V. The construction of the Brazilian professional surfers career. 2017. 161p. Dissertation (Master in Science) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

With the progressive professionalization and spectacularization of high performance sports, there was a significant increase at academic interest about sports career and its construction at different modalities, including surfing, object of this study. There is a scarce scientific production about sports career at surf on national and global levels and this study aims to analyze and describe the professional performance and career construction of high performance athlete at surf in the Brazilian context. This is a qualitative research, with thematic analysis of pre defined categories format, which were constructed from Developmental and Career Construction Theories and sports career studies from Sports Psychology, literature which also embraced the data analyses at this study. Six male participants collaborated with this research: four athletes who professionally perform with surf, aged between 15 and 28 years old and two professionals who work at the organization and development of high performance surfing in Brazil, aged between 44 and 52 years. Data were obtained through semi-structured interviews and analyzed through thematic matrices, categories and subcategories. The results show that there is no systemic integration of national and international entities responsible for surfing management, nor surfer profession regulation. Working as a surfer characterizes a globalized, informal, precarious and dynamic career, which demands adaptability and resilience on its construction.

There is a current lack of financial investment at professional Brazilian surf, which reduces work opportunities and influences the career progression, so that Brazil has working more at exporting talents than at developing them. The initiation and professionalization at surfing were facilitated by social, personal and environmental factors, with emphasis in intrinsic motivation for surfing, which was an important motivational and protection factor on facing adversities at career construction. The stages of sports and career development and normative transitions were experienced with precocity, including precocious processes of sports specialization, professionalization and transition to the world competition level, besides the anticipation of career maxicycles and their respective development tasks. Psychological preparation and career management were considered essential, however, only two between the participants had psychological professional support, which was intermittent and reduced to sports performance improvement. Furthermore, career planning and management processes occurred on an informal way, with an initial protagonism of parents, followed by the sponsors and athletes protagonism. The career trajectory included non normative transitions as sponsorship loss, injury and temporary dropout. Demands of socioemotional abilities improvement were observed, as its scarcity acted as a risk factor to early normative and non normative transitions adaptation, besides, were found demands of career adaptability improvement, mainly related to concern and curiosity dimensions. The sports sponsorship was a career marker, and its obtaining followed the talents detection logic. The role athlete preponderance at life-space facilitated the occurrence of role conflict and made the double career construction more difficult. Meanwhile, the transition to free surf, which acted as a sort of a sport detraining, facilitated the double career construction. The vocational coping repertoire included personal and social factors, with emphasis on the social, financial and professional support network. The participants presented high professional satisfaction and an existential relationship with the sea and the surf, so that surfing practice transcends professional self-concept and composes the athlete's lifestyle and their Selves. This study allowed a better comprehension of the high performance surfing organization and of the objective and subjective career construction at the referred modality, as evidenced reality data of professional performance, life themes and nuclear aspects of participant Selves, providing clues to Career Counseling and the athlete's development.

Key-words: career building, sports career, high performance surfing, professional surfer, career at surf

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
A. Motivação pessoal para a temática investigada.....	15
B. Motivação científica para a temática investigada.....	16
 PARTE I — ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	 19
1. A profissionalização no esporte de alto rendimento e a carreira esportiva.....	21
2. A relevância do processo de planejamento e gestão da carreira esportiva.....	26
3 Teorias de Aconselhamento de Carreira norteadoras do estudo.....	32
3.1. A teoria Desenvolvementista de Donald Super.....	32
3.2. A teoria de Construção de Carreira de Savickas.....	35
4. Surfe: origem e desenvolvimento da modalidade no mundo.....	41
5. Surfe: origem e desenvolvimento da modalidade no Brasil.....	43
6. Surfe: panorama atual.....	46
 PARTE II — ESTUDO EMPÍRICO.....	 51
1.MÉTODO.....	53
1.1 Participantes.....	53
1.2 Instrumentos.....	56
1.3 Cuidados Éticos.....	57
1.4 Procedimentos para obtenção de dados.....	58
1.5. Procedimentos para obtenção de dados análise de dados.....	59
2. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	61
2.1 EIXO TEMÁTICO 1 — A carreira esportiva no surfe de alto rendimento.....	61
2.1.1 Organização do surfe de alto rendimento.....	61
2.1.2 A carreira no surfe de alto rendimento: caracterização e atuação.....	63
2.1.3 A progressão na carreira no surfe de alto rendimento.....	67
2.1.4 A construção da carreira no surfe de alto rendimento no Brasil.....	70
2.2. EIXO TEMÁTICO 2 — Trajetória de carreira esportiva.....	75
2.2.1 Estágios de desenvolvimento esportivo.....	76
2.2.1.1 Estágio de iniciação esportiva.....	77
2.2.1.2 Estágio de especialização esportiva.....	80

2.1.2.3. Estágio de investimento esportivo.....	83
2.2.2 Transições normativas.....	84
2.2.2.1 Transição da prática esportiva infantil para o alto rendimento.....	84
2.2.2.2 Transição da prática esportiva autônoma para a patrocinada.....	85
2.2.2.3 Transição da categoria amadora para a categoria profissional.....	87
2.2.2.4 Transição do âmbito nacional para o mundial de competição.....	88
2.2.2.5 Transição do surfe competitivo para o free surfer.....	89
2.2.3 Transições não normativas.....	90
2.2.3.1. <i>Dropout</i> esportivo temporário.....	90
2.2.3.2 Lesão esportiva (interrupção da prática esportiva para processo de reabilitação).....	91
2.2.3.3 Perda de patrocínio (transição da prática esportiva patrocinada para a prática esportiva autônoma).....	92
2.3 EIXO TEMÁTICO 3 — Arco-íris de carreira.....	93
2.3.1 Ciclo da vida ou dimensão temporal (<i>Life-span</i>).....	93
2.3.2 Espaço da vida ou dimensão espacial (<i>Life-space</i>).....	96
2.4 EIXO TEMÁTICO 4 — Adversidades enfrentadas na construção da carreira esportiva.....	102
2.4.1 Fatores de risco externos.....	102
2.4.2 Fatores de risco internos.....	105
2.5 EIXO TEMÁTICO 5 — Repertório de Coping vocacional ao longo da carreira esportiva.....	108
2.5.1 Recursos externos de enfrentamento.....	108
2.5.2 Recursos internos de enfrentamento.....	110
2.6 EIXO TEMÁTICO 6 — Planejamento e gestão da carreira.....	113
2.6.1 Processos de planejamento e gestão da carreira (adaptabilidade e objetivos de carreira).....	113
2.6.2. Temas de vida (carreira subjetiva).....	124
2.7 EIXO TEMÁTICO 7 — Satisfação profissional e sucesso na carreira.....	127
2.8 Norteadores para o desenvolvimento de carreira esportiva.....	130
2.8.1 Condições consideradas importantes para a formação e o desenvolvimento de futuros atletas.....	131
2.8.2 Demandas de intervenção em Aconselhamento de carreira.....	135

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
4 REFERÊNCIAS.....	145
5 APÊNDICES.....	150
6 ANEXOS.....	161

LISTA DOS APÊNDICES

5.1 APÊNDICE A — Ficha de Identificação Sócio-demográfica.....	150
5.2 APÊNDICE B — Roteiro A de Entrevista semi-estruturada.....	151
5.3 APÊNDICE C — Roteiro B de Entrevista semi-estruturada.....	152
5.4 APÊNDICE D — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Versão para participantes com idade acima de 18 anos).....	153
5.5 APÊNDICE E — Termo de Autorização para inclusão em Banco de Dados (Versão para participantes com idade acima de 18 anos).....	155
5.6 APÊNDICE F — Termo de Autorização para Participação em Pesquisa (versão para pais e/ou responsáveis legais por participantes com idade abaixo de 18 anos).....	156
5.7 APÊNDICE G — Termo de Autorização para inclusão em Banco de Dados (Versão para pais ou responsáveis legais pelos participantes com idade abaixo de 18 anos).....	158
5.8 APÊNDICE H — Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Versão para participantes com idade abaixo de 18 anos).....	159

LISTA DOS ANEXOS

6.1 ANEXO A — CARTA DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....	161
---	------------

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 01 — Caracterização dos Participantes-atletas.....	53
Tabela 02 — Caracterização dos Participantes “não-atletas”.....	55
Tabela 03 — Eixos e Categorias Temáticas.....	60
Tabela 04 — Trajetória de carreira esportiva.....	75
Tabela 05 — Life-span: Tarefas e estágios de desenvolvimento de carreira.....	94
Tabela 06 — Adaptabilidade de Carreira.....	114
Tabela 07— Objetivos de carreira.....	117
Figura 01 – Fluxograma: a progressão da carreira no surfe (carreira objetiva).....	67
Figura 02 – Fluxograma: a trajetória de desenvolvimento esportivo.....	77

APRESENTAÇÃO

“A vida é como o surfe, quando você embala em uma onda é preciso levantar-se rápido. Porque nunca se sabe o que virá na próxima...”

(Bethany Hamilton)

A. Motivação pessoal para a temática investigada

Não sou surfista. Mas o mar sempre teve um significado existencial para mim e a conexão do surfista com o mar e o universo do surfe sempre me encantaram. Nasci e cresci no interior e ainda não tive o privilégio de morar em uma cidade litorânea e ter o mar como quintal. Já me aventurei algumas vezes no mar com uma prancha e pude sentir um pouco da sensação mágica que é deslizar em pé sob uma onda. Mas por enquanto, sou apenas uma grande admiradora do surfe e uma pesquisadora da modalidade. Cresci passando as férias e alguns feriados e finais de semana em Paúba, vilarejo do litoral norte de São Paulo e ficava horas admirando locais e turistas se aventurando nas ondas do canto direito da praia. Como uma metáfora do dinamismo da vida, o mar de Paúba apresenta duas principais versões: *flat*, calmo como uma lagoa ou tomado pelo *swell*, repleto de tubos famosos entre os praticantes e admiradores da modalidade. O amor incondicional pelo mar e pela vida marinha me fez desejar, desde muito cedo, ser Bióloga Marinha. Porém, nas voltas que a vida dá, me formei em Psicologia pela USP de Ribeirão Preto, profissão que aprendi a amar. Na graduação, dentre os diversos estágios realizados, atuei na área de Oncologia e desenvolvi uma investigação científica sobre a temática “A morte e o processo de morrer”. Estas experiências somadas à vivência do estágio em Orientação Profissional, sob a supervisão da Professora Doutora Lucy Leal Melo-Silva, minha atual Orientadora neste estudo, me fizeram compreender qual era “a minha Psicologia”. Descobri que meu desejo era atuar com uma Psicologia relacionada à vida, ao movimento, à expressividade, à existência e ao processo de viver. Em termos psicanalíticos, percebi que a “Psicologia da pulsão de vida” fazia mais sentido na construção da minha carreira. Sincronicamente, em uma viagem à Florianópolis, conheci um Projeto Social relacionado ao Surfe, no qual atuava uma Psicóloga do Esporte. Quando “descobri” a Psicologia do Esporte,

percebi que havia então encontrado a “minha Psicologia”. Tornei-me especialista em Psicologia do Esporte no Instituto Sedes Sapientae e, quanto mais me desenvolvo nesta área, mas tenho certeza que escolhi o caminho certo, um caminho que faz muito sentido para mim. Possuo uma atuação profissional bastante dinâmica e diversificada: atendo atletas de alto rendimento, atletas amadores e praticantes de exercício físico em consultório particular e aplico a Psicologia do Esporte em minha atuação no Caps Infantil. Porém ainda faltava alguma coisa: o surfe, o mar. Foi quando propus à minha atual orientadora um projeto de pesquisa sobre carreira esportiva no surfe e iniciei meu Mestrado, também na USP de Ribeirão Preto. Logo após meu ingresso no Mestrado, Gabriel Medina foi o primeiro brasileiro a conquistar o título de campeão mundial de surfe. No ano seguinte, Adriano Mineiro repetiu o mesmo feito e, posteriormente, o surfe passou a integrar os Jogos Panamericanos e Olímpicos pela primeira vez. Foi um prazer indescritível realizar esta pesquisa, pois além do momento profícuo da modalidade no Brasil e no mundo, pude realizar um grande sonho: pesquisar sobre o universo da modalidade esportiva que considero mais incrível e instigante e trazer, finalmente, o mar para a “Minha Psicologia”. Tenho certeza que este é só o início da minha relação científica com o surfe e espero poder contribuir, ao longo de minha trajetória de vida e de carreira, com o desenvolvimento da modalidade.

B. Motivação científica para a temática investigada

Com a progressiva profissionalização e espetacularização do alto rendimento no contexto do esporte moderno, nas últimas décadas, houve um crescimento significativo do interesse acadêmico sobre transições e desenvolvimento de carreira esportiva, por pesquisadores da área das Ciências do Esporte, incluindo a Psicologia do Esporte. A carreira esportiva compreende um processo complexo, que perpassa diversas fases do ciclo vital, em uma progressão de estágios que se dão em sequência relativamente estável, com duração condicionada ao alcance do alto rendimento, incluindo transições normativas e não normativas. Tanto a formação, quanto a construção da identidade de atleta compreendem um processo que implica investimentos físicos, materiais e emocionais. Para que um atleta de elite alcance sucesso e se destaque no alto rendimento esportivo são necessários anos de extrema dedicação à modalidade escolhida, além da capacidade de adaptar-se aos inúmeros maxicilos e miniciclos inerentes à carreira esportiva.

Os processos de planejamento e gestão da carreira esportiva são extremamente importantes para que o atleta possa alcançar o sucesso no esporte e, ao mesmo tempo, satisfazer suas demandas biopsicossociais e realizar-se em outros domínios de sua vida. As pesquisas em Psicologia do Esporte sobre a carreira esportiva são desenvolvidas mundialmente, pertencem a diferentes tradições científicas e possuem diferentes focos de investigação. Os estudos da América do Norte, Europa e Austrália possuem maior visibilidade e influência, no desenvolvimento de instrumentos, enquadramentos teóricos e produção de conhecimento na área. Na América do Sul, Ásia e África, os estudos sobre a temática estão em expansão, porém, apesar de relevantes, ainda não são reconhecidos internacionalmente.

Os modelos de transições no âmbito da carreira esportiva existentes são muito gerais, de modo que há a demanda do desenvolvimento de estudos culturais e trans-culturais para compreender as especificidades relativas aos sistemas esportivos, à cultura de cada modalidade, aos contextos sócio-históricos, geográficos e culturais de cada país e ao gênero. No Brasil, há pesquisas recentes sobre o desenvolvimento de carreira e suas respectivas transições em diferentes modalidades esportivas.

Atualmente, o surfe é o esporte náutico mais praticado mundialmente, além de ser um dos esportes que mais cresce anualmente em todo o mundo, em termos de número de praticantes. Após duas décadas de luta das entidades responsáveis pelo surfe em âmbito mundial, essa modalidade (surfe) passou a compor a lista entre os novos esportes que irão integrar as Olimpíadas de Tóquio em 2020 e os Jogos em Lima, no Peru em 2019. Um dos critérios utilizados para a inclusão do esporte foi o aumento da quantidade de praticantes, que se torna cada vez mais expressiva em âmbito mundial.

No Brasil, o surfe também se encontra em grande expansão, tanto no âmbito amador, quanto no profissional e tem se tornado uma modalidade cada vez mais disseminada e admirada. O surfe brasileiro profissional se encontra em um momento histórico significativo: especialmente nos últimos cinco anos, os surfistas profissionais brasileiros vêm se destacando em nível mundial e, o “país do futebol” ganhou dois novos campeões mundiais na modalidade em menos de três anos. Nos últimos anos, a relevância do Surfe no Brasil também pode ser observada no âmbito acadêmico, visto que pesquisas sobre a temática vêm sendo cada vez mais desenvolvidas nas diversas áreas das Ciências do Esporte. Porém, em revisão bibliográfica realizada para fins desta pesquisa, não foram identificadas pesquisas no âmbito nacional e mundial sobre a carreira esportiva nesta modalidade. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, no formato de análise temática com categorias definidas a priori, teve como objetivo analisar e descrever a atuação profissional e a construção da carreira do atleta de surfe de alto rendimento

no contexto brasileiro. Para tanto, foi utilizada uma amostra intencional composta por seis participantes do sexo masculino, sendo quatro surfistas profissionais com idade entre 15 e 28 anos, e dois profissionais que possuem atuação relacionada à organização, ao desenvolvimento e/ou à veiculação midiática do surfe de alto rendimento no Brasil, com idade entre 44 e 52 anos. O processo de obtenção de dados se deu através de entrevista semiestruturada. O método de análise de dados consistiu na compreensão das narrativas dos participantes a partir de eixos, categorias e subcategorias temáticas, sob o escopo epistemológico do Aconselhamento de Carreira, mais especificamente a Teoria Desenvolvimentista de Donald Super e a Teoria de Construção de Carreira de Savickas, além de estudos recentes sobre carreira esportiva da área da Psicologia do Esporte, incluindo os autores, Wylleman et al, Stambulova et al e Rubio. A temática investigada se justifica pela importância de se buscar desenvolver o conhecimento no âmbito da carreira esportiva em uma modalidade onde esta temática ainda não foi pesquisada. Esperamos que os dados obtidos possam contribuir para a construção do conhecimento sobre o aconselhamento de carreira esportiva e fornecer pistas para a implementação de programas de desenvolvimento de carreira de surfistas de alto rendimento.

Este estudo é composto por duas grandes seções: I — enquadramento teórico e II — estudo empírico. A seção denominada enquadramento teórico descreve a bibliografia utilizada para a compreensão do estudo empírico realizado e inclui as subseções: a profissionalização no esporte de alto rendimento e a carreira esportiva; a relevância do processo de planejamento e gestão da carreira esportiva; Teoria de Desenvolvimento Vocacional de Donald Super e Teoria de Construção de Carreira de Savickas; surfe: origem e desenvolvimento da modalidade no mundo; surfe: origem e desenvolvimento da modalidade no Brasil e surfe: panorama atual. E a seção II, denominada estudo empírico, inclui as subseções método; resultados e discussões e considerações finais.

PARTE I — ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A PROFISSIONALIZAÇÃO NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO E A CARREIRA ESPORTIVA

No âmbito do esporte de alto rendimento moderno, a partir dos anos 1970, o amadorismo esportivo, um dos principais pilares do olimpismo, passa a ser substituído pela profissionalização no esporte e surge um novo tipo de trabalhador: o atleta profissional, que vende sua força de trabalho, tem seu valor regulado pelas leis de oferta e procura do mercado e protagoniza espetáculos que atraem multidões. Neste contexto, um novo tipo de carreira ganha espaço: a carreira esportiva, que compreende um processo complexo, que inclui diversos estágios e transições, perpassa diferentes fases do ciclo vital, possui duração, estabilidade e sucesso condicionados ao alcance da alta performance esportiva e impõe ao atleta a demanda de constante adaptação (Rubio, 2012). A carreira esportiva pode ser local, regional, nacional ou internacional, de acordo com o nível alcançado pelo atleta em competições esportivas e em termos de status, pode ser considerada amadora ou profissional. As carreiras de elite são aquelas, amadoras ou profissionais, desenvolvidas em nível internacional. (Alfermann & Stambulova, 2007).

O fenômeno da profissionalização esportiva, associado à crescente disseminação e espetacularização midiática do esporte de alto rendimento, resultou em grande interesse profissional e acadêmico pela carreira esportiva e suas respectivas transições (Rubio, 2012). De acordo com Levy et al. (2005), antes de 1980 havia apenas cerca de vinte publicações sobre desenvolvimento de carreira e transições no âmbito da carreira esportiva, enquanto no ano de 2000, havia mais de duzentos e setenta.

O conceito de transição na carreira foi introduzido no campo da Psicologia do Esporte, no final dos anos 70 e início dos 80 por psicólogos e cientistas sociais no intuito de compreender como os atletas lidavam com os eventos de encerramento da carreira do alto rendimento e de esportes profissionais (Haerle, 1975; Hallden, 1965; Mihovilovic, 1968, apud Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004). As pesquisas sobre transições no âmbito da carreira esportiva evoluíram através de quatro fases, em termos de foco de investigação. Na fase inicial, o foco era uma transição específica, a finalização da carreira esportiva, que era compreendida como um evento isolado e inerentemente negativo ou traumático (Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004). Em um segundo momento, os pesquisadores passaram a compreender o encerramento da carreira esportiva como um processo de transição e não mais como um evento isolado (Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004; Stambulova et al, 2009). O próprio conceito de

transição foi ressignificado, nesse mesmo sentido. Inicialmente, a definição geral de transição utilizada por Schlössberg (1981) foi bem aceita e adotada pela Psicologia do Esporte. A autora compreende que as transições são partes naturais e inevitáveis da carreira e compreendem eventos ou não eventos que resultam em uma troca de suposições sobre si mesmo e sobre o mundo e, por conseguinte, requerem do trabalhador um ajustamento social, ocupacional, psicológico e comportamental. Porém, segundo Stambulova et al (2009), a evolução das pesquisas sobre a temática evidencia que as transições no contexto da carreira esportiva não ocorrem como “eventos/não eventos” isolados. Deste modo, as transições no contexto do esporte devem ser compreendidas enquanto processos de enfrentamento, com potencialidade para gerar resultados positivos ou negativos, dependendo do modo como são vivenciadas. Em um terceiro momento, o foco das pesquisas passou a ser as diversas transições que ocorrem ao longo da carreira esportiva e não apenas o encerramento da mesma (por exemplo, mudanças de categorias e de clubes e transição do esporte de recreação para o de alto rendimento esportivo). Este tipo de foco foi denominado abordagem “*whole career*”, ou seja, a carreira como um todo (Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004; Stambulova et al, 2009).

Em diversos países essa tendência nas pesquisas foi inspirada pelos debates teóricos e pesquisas sobre desenvolvimento de talento e pela mudança na compreensão acerca do talento esportivo, que, entre os anos 1970 e 1980, era compreendido com ênfase em seus aspectos inatos e, a partir de 1990, a ênfase foi deslocada para seus aspectos adquiridos. Esta ressignificação foi acompanhada por uma mudança de paradigma: da detecção/seleção de talentos para o desenvolvimento de talentos, que por sua vez ocorre em um contexto de desenvolvimento de carreira e favorece o aprimoramento dos recursos internos do atleta para enfrentar transições ao longo da carreira (Stambulova et al, 2009).

Atualmente, os estudos adotam uma perspectiva “*life-span*” (ao longo da vida ou dimensão temporal), multinível e holística das transições, que abrange a carreira esportiva e pós-esportiva e as transições normativas e não normativas que ocorrem no âmbito intra e extra esportivo (incluindo os domínios psicológico, psicossocial e acadêmico/profissional). Esta abordagem conhecida como “*whole person*” enfatiza a influência das transições que ocorrem fora do âmbito esportivo no desenvolvimento da carreira esportiva e compreende o atleta como um ser humano integral, que possui desafios inerentes ao esporte, às fases do ciclo vital e às diversas esferas de sua vida. (Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004; Stambulova et al, 2009). Na atualidade, o foco do enquadramento teórico das pesquisas sobre transições no âmbito da carreira esportiva foi deslocado de estudos sobre a influência de pais, treinadores e pares no desenvolvimento e transições de carreira, para estudos que também consideram fatores macro-

sociais, como a cultura e os sistemas esportivos (Stambulova, et al, 2009).

Atualmente, pesquisas sobre transições e desenvolvimento de carreira são desenvolvidas mundialmente. Na medida em que os sistemas esportivos são influenciados pelos contextos sócio-históricos, geográficos e culturais de cada país, existem diferentes tradições científicas e focos de investigação. Os estudos da América do Norte, Europa e Austrália possuem maior visibilidade e influência, em termos de desenvolvimento de instrumentos, enquadramentos teóricos e produção de conhecimento. Os estudos norte-americanos incluem: estágios de carreira, papel dos treinadores, colegas de modalidade e pais no desenvolvimento de carreira, transições de estudantes-atletas, identidade atlética, aposentadoria esportiva e participação nos esportes. Os estudos europeus enfatizam: coordenação das transições esportivas e não esportivas, aposentadoria esportiva e rede de apoio social e assistência profissional nas transições de carreira. Por sua vez, os estudos australianos destacam: visão holística do atleta, pesquisa aplicada e avaliação de programas de assistência ou desenvolvimento de carreira. Na América do Sul, Ásia e África, os estudos sobre a temática estão em expansão (com foco na aposentadoria esportiva e carreira de treinadores), porém, apesar de relevantes, ainda não são devidamente reconhecidos internacionalmente (Stambulova et al, 2009). No Brasil, há pesquisas recentes, em âmbito nacional, sobre o desenvolvimento de carreira e suas respectivas transições em diferentes modalidades esportivas dentre elas: futebol, basquete e *Mixed Martial Arts* — MMA (respectivamente Angelo, 2014; Barros, 2015; Camilo, 2016).

A Psicologia do Esporte, em âmbito mundial, tem buscado compreender melhor o processo de desenvolvimento da carreira esportiva, que, de acordo com Stambulova et al (2009), consiste em prosseguir através de estágios de carreira e transições. Neste sentido, inúmeras pesquisas buscam desenvolver modelos que delimitam quais são os estágios e transições ao longo da carreira esportiva e suas respectivas peculiaridades. O modelo desenvolvido por Stambulova (1994) é embasado em estudos sobre transições de carreira com atletas russos e inclui os seguintes estágios e transições normativas: (a) iniciação esportiva; (b) transição da prática recreativa para a prática mais intensa no esporte escolhido; (c) transição para participação de competições e esporte adulto; (d) transição do amador para o profissional; (e) transição do pico de alto rendimento até o final da carreira esportiva; (f) fim da carreira - pós carreira.

O modelo de desenvolvimento *life-span* (ciclo da vida) de Wylleman e Lavallee (2003 apud Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004) é embasado em resultados de pesquisa sobre carreiras de atletas iniciantes, estudantes atletas e atletas profissionais de elite e ilustra (em

quatro camadas) a natureza desenvolvimental, interativa e interdependente das transições normativas em diferentes domínios da vida dos atletas (psicológico, psicossocial e acadêmico/vocacional). A primeira camada inclui os estágios e transições que os atletas enfrentam no desenvolvimento esportivo: (a) estágio de iniciação — início do contato com esportes organizados e identificação dos atletas como talentosos; (b) estágio de desenvolvimento — elevação da dedicação ao esporte, da quantidade de treinamento e do nível de especialização esportiva; (c) estágio de maestria ou perfeição — auge do nível de habilidade esportiva; (d) estágio de descontinuação — processo de transição do esporte competitivo. A segunda, inclui os estágios e transições relativos ao desenvolvimento humano (infância, adolescência e idade adulta). A terceira, inclui as mudanças no desenvolvimento psicossocial relativas ao desenvolvimento esportivo (relações interpessoais significativos intra-esporte). E a camada final, inclui as etapas e transições no nível acadêmico e vocacional (Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004).

Diversos modelos descritivos, incluindo os supracitados, definem a carreira esportiva como uma sucessão de estágios, que se dá na sequência: estágio de iniciação/amostragem; estágio de desenvolvimento/especialização; estágio de perfeição/maestria/investimento; estágio final/manutenção e descontinuação do estágio de envolvimento no esporte competitivo, visto que não necessariamente o atleta se desliga completamente do esporte (Bloom, 1985; Salmela, 1994; Stambulova, 1994; Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004; Stambulova et al, 2009).

O estágio de iniciação/amostragem compreende o processo no qual o indivíduo inicia a prática regular e orientada de atividades físico-esportiva e marca o início da carreira esportiva (Salmela, 1994). No estágio de desenvolvimento/especialização o atleta passa a dedicar-se a determinada modalidade de modo exclusivo, especializado, sistematizado, regular e orientado para a competição e o alto rendimento (Ramos & Neves, 2008). O estágio de perfeição/maestria/investimento está relacionado à profissionalização no esporte (aprimoramento e consolidação do papel de atleta profissional) e ao auge da habilidade esportiva. Porém, nem todos atletas atingem este estágio (Durand-Bush & Salmela, 2002). Os estágios de desenvolvimento/especialização e de perfeição/maestria/investimento incluem longos períodos de formação (física, técnico, tática e psicológica), treinamento e competições (Salmela, 1994). O estágio final/manutenção e descontinuação do estágio de envolvimento no esporte competitivo (também denominado transição de carreira e destreinamento esportivo) é um processo inevitável, que requer ajustamentos (físicos, ocupacionais, financeiros, psicológicos e sociais), pode se dar de forma voluntária ou involuntária e é, na maioria das vezes, multifatorial, resultando de uma interação de fatores relativos ao atleta e ao contexto do

esporte de alto rendimento, como envelhecimento do atleta; novos interesses emergentes; declínio da performance e resultados esportivos; problemas de saúde; lesões; problemas com a equipe técnica e/ou patrocinadores; *burnout* esportivo; etc (Brandão et al, 2000).

Esta sequência geral compreende uma trajetória comum para atletas de diferentes países, modalidades esportivas e gêneros, porém, há variações em relação ao momento em que cada um dos estágios ocorre, devido a especificidades da população analisada. Por exemplo, a especialização esportiva, o auge da performance e o encerramento da carreira no alto rendimento se dá de modo mais precoce em atletas do sexo feminino (quando comparadas aos atletas do sexo masculino, da mesma modalidade esportiva); e em atletas de esportes de coordenação complexa (como a ginástica), quando comparados a esportes de endurance (como a corrida de maratona). Também podem ser observadas diferenças entre atletas de diferentes países e diferenças decorrentes de características pessoais (motivação, potencial inato e circunstâncias de vida), de modo que cada carreira esportiva possui suas idiosincrasias e deve ser considerada única (Stambulova et al, 2009).

Wylleman, Alfermann & Lavallee (2004) consideram que os modelos de transições no âmbito da carreira esportiva existentes são muito gerais e se baseiam em transições de natureza normativa, de modo que é essencial o desenvolvimento de estudos sobre transições específicas (por exemplo, transições não-normativas e transições dentro da mesma carreira), sobre as diferenças nos processos de transição em decorrência de características específicas (especificidades relativas às modalidades esportivas, ao gênero e à cultura) e sobre as percepções dos atletas acerca das transições vivenciadas. Já Stambulova et al (2009) enfatizam que os estudos desenvolvidos investigam amostras nacionais, de modo que se faz necessário o desenvolvimento de estudos trans-culturais sobre a temática, no intuito de facilitar o intercâmbio de conhecimento e comparar como o desenvolvimento da carreira esportiva e suas diversas transições se dão em diferentes contextos culturais e sócio-históricos.

Os estudos supracitados evidenciam que a carreira esportiva compreende um processo complexo, que ocorre ao longo do ciclo vital, inclui diversas transições e possui uma relação dialética com as demais esferas da vida do atleta. Neste ínterim, o processo de planejamento e gestão da carreira esportiva possui grande relevância, para facilitar o aprimoramento do desempenho, atender às demandas biopsicossociais do atleta e às demandas da construção da carreira no alto rendimento esportivo. Essa temática será discutida na próxima seção.

2. A RELEVÂNCIA DO PROCESSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO DA CARREIRA ESPORTIVA

O esporte de alto rendimento moderno possui os mesmos valores da sociedade capitalista: disciplina, perfeição, mensuração dos resultados e competitividade (Guttmann, 1978; Elias & Dunning, 1992, *apud* Ângelo, 2014). Segundo Rubio (2001), o objetivo primordial do esporte de alto rendimento é o alcance da alta performance esportiva. Neste contexto, o atleta é visto como herói e, ao mesmo tempo, é reificado, como produto de consumo da espetacularização esportiva. Ao longo da carreira esportiva, de acordo com a autora, a ânsia acrítica por resultados pode acarretar na negligência das demandas humanas do atleta, em prejuízo no desempenho de outros papéis sociais e em rotinas e cargas de treinos incompatíveis com o desenvolvimento biopsicossocial saudável. O que, por sua vez, favorece a ocorrência de patologias físicas e emocionais, como a síndrome de *burnout* esportivo (que compreende uma reação ao estresse crônico, que inclui exaustão emocional, senso reduzido de realização, despersonalização e queda de desempenho esportivo) e o *dropout* (que compreende o abandono do esporte devido ao estresse crônico, compreendido como uma interrupção prematura da carreira, em um ponto de desenvolvimento atípico na vida, que ocorre quando o atleta ainda não atingiu todo seu potencial). Neste interim, o processo de planejamento e gestão de carreira facilita o desenvolvimento do atleta no esporte, a atenção às demandas dos estágios de desenvolvimento da carreira esportiva e do ciclo vital, a coordenação do papel de atleta com os demais papéis sociais e a adaptação às diversas transições enfrentadas, no âmbito esportivo e na vida (Rubio, 2003).

As transições vivenciadas ao longo da carreira esportiva implicam em uma série de demandas que o atleta deve enfrentar com sucesso para continuar se desenvolvendo no esporte ou ajustar-se à aposentadoria no esporte. A qualidade do enfrentamento das transições esportivas está relacionada à combinação entre as demandas das transições e os recursos de enfrentamento do atleta. Os recursos de transição compreendem fatores internos e externos que facilitam o enfrentamento das transições (um recurso de transição importante compreende o apoio de uma rede social composta por pessoas significativas, incluindo pais, treinadores e psicólogos do esporte). Já as barreiras de transição compreendem os fatores internos e externos que prejudicam o enfrentamento das transições de modo bem-sucedido. Uma transição bem-sucedida ocorre quando o atleta é capaz de desenvolver e utilizar eficientemente os recursos necessários para superar as barreiras de transição e resulta em sensação de ajustamento e

elevação da satisfação no esporte e na vida. Quando o atleta não é capaz de desenvolver estratégias para lidar de modo eficiente com as demandas de transição, ocorre a crise de transição, que requer intervenção psicológica (Alfermann e Stambulova, 2007 apud Stambulova et al, 2009; Stambulova et al, 2009).

As transições vivenciadas ao longo da carreira esportiva podem ser normativas e não normativas. As transições normativas caracterizam-se por relativa previsibilidade, visto que fazem parte de uma sequência definida de eventos relacionados ao esporte e à idade. São exemplos de transições normativas na carreira esportiva as transições da iniciação para a especialização esportiva, do nível amador para o profissional, de competições regionais para nacionais, de participação ativa para a aposentadoria no esporte competitivo. Já as transições não normativas são idiossincrásicas, imprevistas e involuntárias. São exemplos de transições não normativas na carreira esportiva as lesões e a não convocação para um time (Petitpas, Champagne, Chartrand, Danish & Murphy, 1997; Wylleman, Alfermann & Lavalée, 2004; Alfermann & Stambulova, 2007).

A qualidade do enfrentamento das transições está intimamente relacionada à existência/ausência de um processo de planejamento e gestão de carreira. A relevância deste processo na carreira esportiva pode ser ilustrada por duas evidências: as transições não normativas são mais difíceis de serem enfrentadas (por possuírem baixo nível de previsibilidade), se comparadas às transições normativas (por serem previsíveis, permitem que os atletas se preparem para seu enfrentamento com antecedência; e as causas involuntárias (e, portanto, não planejadas) de aposentadoria estão mais relacionadas a reações emocionais negativas (Stambulova et al, 2009).

Concomitante à evolução das pesquisas sobre transições no âmbito da carreira esportiva, desenvolveu-se a consciência da necessidade de auxiliar os atletas a coordenarem a participação no esporte com outras atividades e se prepararem para transições em suas carreiras. Esta necessidade foi reconhecida há mais de vinte anos e resultou no desenvolvimento de programas de assistência de carreira ao redor do mundo, geridos por órgãos governamentais nacionais de esportes, comitês olímpicos nacionais, federações esportivas, instituições acadêmicas e organizações independentes ligadas a contextos esportivos. Inicialmente, o foco das intervenções era auxiliar o atleta a lidar com a possível experiência traumática da aposentadoria esportiva. Gradativamente, o foco se deslocou para auxiliá-lo a lidar com as transições (esportivas e não esportivas) ao longo da carreira e da vida (Wylleman, Alfermann & Lavalée, 2004, Stambulova et al, 2009).

Apesar de haver variação em termos de método e formatos, os programas de assistência

de carreira compreendem uma combinação de orientação profissional, aconselhamento individual e em grupo, seminários, *workshops*, suporte multidisciplinar e módulos educacionais, que objetiva facilitar: o planejamento da carreira; a conscientização sobre demandas futuras de transição (esportivas e não esportivas) e recursos/estratégias necessários para seu enfrentamento; a busca pelo equilíbrio entre demandas dos âmbito intra e extra esportivo; a coordenação das carreiras esportiva e acadêmica; o desenvolvimento da identidade (esportiva e não esportiva); a exploração de interesses, papéis sociais e de oportunidades profissionais; a adaptação às mudanças no suporte emocional e social; o aprimoramento da auto-imagem e autoestima; a prática de lazer; a clarificação de responsabilidades e prioridades; a preparação para a vida após a aposentadoria no esporte (conscientização sobre aspectos psicofisiológicos, vantagens e desafios deste processo); o desenvolvimento de competências de gestão pessoal e habilidades de vida (sociais, educacionais, ocupacionais e de enfrentamento) transferíveis (estabelecimento de metas, gerenciamento de tempo e estresse, expressão emocional, tomada de decisão, planejamento financeiro e etc), que compreendem recursos de enfrentamento para além do âmbito esportivo (Anderson & Morris, 2000, Gorely, Lavalley e Wylleman, 2001, Wylleman et al., 1999 apud Wylleman; Alfermann & Lavalley, 2004; Stambulova et al, 2009).

De acordo com Stambulova et al, 2009), os programas de assistência de carreira incluem intervenções preventivas (que objetivam conscientizar os atletas acerca das transições iminentes e futuras a serem enfrentadas e auxiliá-los no desenvolvimento de recursos para lidar com as mesmas); intervenções para o enfrentamento de crises (que objetivam auxiliar os atletas a analisar a situação de crise e encontrar a melhor forma de transformar o enfrentamento ineficiente em estratégias eficientes); e intervenções clínicas (que objetivam auxiliar os atletas no enfrentamento de eventuais consequências negativas e problemas específicos, como o *dropout* prematuro, neuroses, abuso de drogas, dentre outros).

Além da preparação dos atletas para o enfrentamento de transições normativas e não normativas dentro e fora do esporte, é de extrema importância que o processo de planejamento e desenvolvimento da carreira esportiva sejam realizados de modo alinhado ao desenvolvimento biopsicossocial saudável. Neste sentido, em relação ao estágio de iniciação esportiva, este deve se dar precocemente, pois, a prática esportiva, quando adequadamente mediada, atua como ferramenta facilitadora do desenvolvimento físico, motor, social, cognitivo, emocional e moral. A iniciação esportiva da criança não deve se resumir à prática exclusiva e exaustiva de determinada modalidade ou à busca da alta performance. Quanto maior a amplitude de estímulos e modalidades praticadas nesta fase, maior o desenvolvimento

psicomotor. Assim, as atividades devem ser principalmente lúdicas e cooperativas, para que o esporte atue como ferramenta promotora da aprendizagem, da socialização, da motricidade e da afetividade (Ramos & Neves, 2008). Quando realizada de modo adequado, a iniciação esportiva consiste em um período de formação e desenvolvimento da base psicomotora, que prepara o atleta prosseguir nas fases subsequentes da carreira esportiva (Salmela, 1994).

No que tange ao estágio de especialização esportiva, de acordo com Schimidt e Wrisberg (2001), o trabalho esportivo especializado deve acontecer a partir dos 14 anos de idade, pois o atleta não está pronto (física e psicologicamente) para especializar-se antes da puberdade. De acordo com Rubio (2012), quando a especialização esportiva ocorre antes da puberdade, ocorre o fenômeno da especialização esportiva precoce, no qual crianças são submetidas a rotinas e cargas de treinos muito intensas, inapropriadas à faixa etária e ao desenvolvimento biopsicossocial saudável, o que acarreta diversos prejuízos psíquicos, motores e sociais, dentre eles: a vivência quase exclusiva do papel de atleta; o prejuízo no desempenho de outros papéis e atividades lúdicas importantes para o desenvolvimento infantil; alto nível de estresse; saturação esportiva; lesões; formação escolar deficiente (pois as fases de formação da carreira esportiva coincidem com a formação escolar básica e o desempenho do papel de estudante pode ser prejudicado pela dedicação ao esporte).

O desenvolvimento do penúltimo estágio da carreira esportiva, de perfeição/maestria/investimento, também merece atenção especial. Segundo Durand-Bush e Salmela (2002), este estágio reserva ao atleta a vivência de diversas transições (normativas e não normativas, incluindo períodos de reabilitação devido às lesões esportivas e mudanças de categoria, patrocínio, comissão técnica, equipes e país) e, portanto, demanda grande capacidade de enfrentamento e adaptação. Dentro do referido estágio, há a transição do esporte júnior para o sênior (crucial para aqueles atletas que almejam alcançar o esporte de elite), que é considerada bastante delicada pela maioria dos atletas e resulta em altos níveis de estresse, pois há o enfrentamento de desafios relativos à prática e às competições esportivas e à novas demandas psicológicas, psicossociais e muitas vezes acadêmicas e vocacionais (Stambulova et al, 2009).

Por fim, o último estágio da carreira esportiva, a transição de carreira, deve ser planejado e manejado cuidadosamente, visto que, em decorrência de diferenças inter-individuais pode ser vivenciado como uma transição saudável a um novo *status* e/ou estilo de vida ou pode resultar em *distress*, processo que envolve dificuldades de ajustamento, transtornos psicopatológicos, ocupacionais, financeiros, sociais e comportamentais (Rubio, 2012). Pesquisas desenvolvidas na América do Norte, leste Europeu e Austrália, evidenciam que o processo de transição de carreira esportiva desencadeia *distress* (e, conseqüentemente, requer assistência psicológica)

em 15% a 20% dos atletas de elite. A qualidade do enfrentamento do processo de transição de carreira é influenciada pelos fatores que a desencadearam (percepção subjetiva do atleta sobre o caráter voluntário/involuntário desta transição) e pelos recursos individuais e sociais que o atleta dispõe (Stambulova et al, 2009).

Além do fortalecimento dos recursos individuais, através do treinamento de competências e habilidades de vida transferíveis e do suporte social (rede social de apoio composta por familiares, pessoas significativas, profissionais e organizações esportivas) há dois fatores de proteção importantes no enfrentamento do processo de transição de carreira: o planejamento de carreira para a aposentadoria esportiva (enquanto o atleta ainda se encontra ativo no esporte) e o desenvolvimento de uma identidade multidimensional (Stambulova et al, 2009). O enfoque prévio e estratégico da aposentadoria favorece o ajustamento saudável à transição de carreira e diminui a ocorrência de transtornos emocionais e comportamentais, pois permite o desenvolvimento de pré-condições e habilidades de enfrentamento, auxilia o atleta a compreender suas limitações e potencialidades, a refazer suas metas pessoais e profissionais e a explorar papéis sociais, identidades e projetos de vida, que haviam ficado em segundo plano em detrimento do investimento no esporte (Rubio, 2012).

O desenvolvimento de uma identidade multidimensional ao longo da carreira esportiva é essencial, afinal, ela é mais curta quando comparada às carreiras desenvolvidas em outras profissões (visto que sua duração está condicionada ao alcance da alta performance), de modo que, mesmo os atletas que conseguem alcançar o sucesso esportivo, se aposentam em fases do ciclo vital nas quais a maioria dos profissionais se encontra ocupacionalmente ativa. Nesse sentido, uma identidade esportiva (nível de identificação com o papel de atleta) flexível permite uma transição mais saudável e facilita a recolocação profissional do atleta, enquanto uma identidade esportiva exagerada favorece um processo mais patológico e dificulta a construção de uma nova carreira (Brewer, Van Raaltem & Linder; 1993; Stambulova et al 2009; Rubio; 2012). Para o desenvolvimento de identidades multidimensionais, o papel de estudante se faz essencial, pois, quando desempenhado concomitantemente ao papel de atleta, traz bons prognósticos para a autorrealização após a transição de carreira e atua como elo entre a carreira esportiva e o estágio pós-carreira esportiva, fornecendo ferramentas para a construção de novas formas identitárias e competências que transcendem o contexto esportivo, facilitando a inserção no mercado de trabalho (Rubio, 2012).

A preocupação com o desenvolvimento da dupla carreira no esporte (papel de estudante desempenhado concomitantemente ao papel de atleta) no intuito de facilitar uma transição bem sucedida para a carreira após o esporte, foi apresentada pela Comissão de Atletas do Comitê

Olímpico Internacional (COI) em 2002. Antes disso, algumas instituições esportivas mundiais como o Comitê Olímpico dos Estados Unidos (USOC) e da Alemanha (DOSB) já desenvolviam programas de formação educacional durante a carreira esportiva. Em 2005, o COI como o órgão diretivo mundial do esporte internacional, lançou a primeira edição do Programa de Carreira Atlética em parceria com a consultoria ADECCO47, acessível a todos os atletas olímpicos, com oportunidades de formação e inserção profissional. Em 2014 cerca de 15.000 atletas em mais de 100 países e cinco continentes já haviam participado do programa. No Brasil, a primeira edição do Programa de Apoio ao Atleta (PAA) foi lançada em dezembro de 2011. Porém, o alcance destes programas ainda é muito pequeno, quando comparado com a demanda de intervenção existente (Ângelo, 2014).

Tanto a formação, quanto a desconstrução da identidade do atleta implicam em custos materiais e emocionais e o planejamento e a gestão da carreira esportiva podem facilitar que ambos os processos se dêem de maneira mais saudável e adaptável (Rubio, 2012). A área reponsável por intervir neste contexto complexo de constante transição é a Gestão Esportiva, porém, apesar da carreira esportiva ser reconhecida e valorizada socialmente, no que tange à gestão de carreira esportiva, os investimentos ainda são escassos e pouco difundidos, como apontam Pires e Sarmiento (2001 apud Angelo, 2014).

Em relação ao desenvolvimento de futuras pesquisas e intervenções, Stambulova et al (2009) enfatizam a importância dos programas de assistência de carreira adotarem uma perspectiva de carreira e de ser humano integrais, objetivando auxiliar os atletas a lidarem com transições ao longo de toda a trajetória profissional e em todos os âmbitos da vida, bem como considerar e respeitar a diversidade e as idiossincrasias dos atletas. Já Petitpas, Brewer e Van Raalte (1996 apud Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004) ressaltam que os programas de transição de carreira precisam ser multidimensionais e incluir componentes de aprimoramento, suporte e aconselhamento. E Wylleman, Alfermann & Lavallee (2004) enfatizam a necessidade de se investigar a aplicabilidade e a eficácia de intervenções e programas de transições de carreira esportiva desenvolvidos, em diversas modalidades e com atletas de diferentes nacionalidades e de ambos os sexos.

Para compreensão da carreira esportiva, este estudo utilizou duas teorias de Aconselhamento de carreira: a teoria desenvolvimentista e a teoria de construção de carreira, que serão descritas na seção a seguir. Ambas foram escolhidas por serem consideradas pertinentes pela autora para compreender a carreira esportiva, por permitirem uma perspectiva de análise processual, dinâmica, holística, temporal, espacial e dialética da carreira.

3. TEORIAS DE ACONSELHAMENTO DE CARREIRA NORTEADORAS DO ESTUDO

3.1 A TEORIA DESENVOLVIMENTISTA DE DONALD SUPER

O processo de orientação de carreiras no início do século XX, era orientado pelo *matching paradigm*, embasado nas concepções de Frank Parsons e influenciado pelas ciências naturais, que visava encontrar leis universais que regessem o comportamento humano. As práticas embasadas no referido paradigma compreendiam a escolha profissional como uma situação pontual na vida, que deveria ser pautada na combinação de características pessoais e demandas ocupacionais, ou seja, na adequação “*homem certo ao lugar certo*” (Ribeiro; Melo-Silva, 2011). Porém, na medida em que a organização social do trabalho se transformou ao longo do tempo, as teorias também foram sendo ressignificadas para atender às novas demandas de aconselhamento de carreira.

A partir da década de 1950, a concepção de carreira começa a ser ressignificada, principalmente pela teoria desenvolvimentista de Donald Super, passando a ser compreendida através de um enfoque mais processual, evolutivo, dinâmico e abrangente. Super define carreira como a constelação, a variedade, a interação e a sequência de papéis sociais desempenhados por uma pessoa da infância à velhice, de modo que esta pode ser considerada a própria história de vida do indivíduo, em termos de atuação no mundo objetivo e de inserção na sociedade (Super, 1980).

A teoria de desenvolvimentista busca compreender como as pessoas desenvolvem suas carreiras durante o ciclo vital, em um processo contínuo de desempenho de papéis ao longo da vida, em uma sequência de estágios (flexíveis). No intuito de descrever os diversos aspectos de carreiras multidimensionais ao longo do ciclo de vida, ela foi contextualizada no arco-íris de carreira, composto por duas dimensões: *life-span* (dimensão temporal ou o ciclo de vida) e *life-space* (dimensão espacial ou o espaço de vida). O *life-span* inclui os maxiciclos — sequência dos estágios vocacionais de crescimento, exploração, estabelecimento, manutenção e desengajamento (que correspondem, respectivamente, às etapas de desenvolvimento infância, adolescência, adultez jovem, maturidade e velhice). Cada um desses estágios implica no enfrentamento de tarefas evolutivas e demandas sociais relativamente previsíveis, de acordo com o contexto cultural. (Super, 1980).

De acordo com o referido autor, no estágio de crescimento, a tarefa evolutiva consiste na origem e crescimento da personalidade vocacional individual. No estágio de exploração, o adolescente deve realizar atividades exploratórias que o capacite a fazer escolhas educacionais e vocacionais baseadas no autoconhecimento e em informações sobre as ocupações. Na transição escola-trabalho, é esperado que o indivíduo aprenda a contribuir para a sociedade, em papéis sociais congruentes com suas personalidades vocacionais, habilidades e interesses. No estágio de estabelecimento, o indivíduo deve se estabilizar ou avançar em uma ocupação segura. No estágio de manutenção, o indivíduo deve se manter em sua posição, se desenvolvendo e implementando novas rotinas de trabalho. No estágio de desengajamento o indivíduo está pronto para deixar seu trabalho e começa a desacelerar suas atividades de trabalho, delegando-as a outros trabalhadores. Neste período, o indivíduo pode desenvolver e explorar novos interesses em outras posições ou ocupações, ou, em momentos avançados do ciclo de vida, se preparar para a aposentadoria. A maturidade de carreira compreende a prontidão e a capacidade individual de utilizar o repertório de *coping* vocacional (estratégias e comportamentos de enfrentamento) para lidar adequadamente com as tarefas impostas ao longo dos maxiciclos, ou seja, o nível de sucesso alcançado no enfrentamento das mesmas, em comparação com o sucesso esperado para cada idade cronológica, considerando as especificidades dos respectivos contextos e cenários.

O *life-space* evidencia que as carreiras ocorrem em contexto sociocultural, no qual há o desempenho de papéis sociais, de modo que o papel laboral está inserido em uma constelação de outros papéis. Super (1980) enfatiza nove papéis principais, desempenhados em quatro cenários (ambientes doméstico, escolar, de trabalho e a comunidade) e descritos na ordem cronológica em que são tipicamente assumidos: filho; estudante; papel relacionado ao tempo livre e lazer; cidadão (atuação comunitária); trabalhador (inclui o desemprego como forma de desempenhar o papel); cônjuge; papel relativo às atividades domésticas e familiares; papel de pais e o de aposentado. A sequência de assunção e abandono de papéis pode diferir e outros papéis podem ser acrescentados, de acordo com o contexto e estilo de vida do indivíduo. A escolha de papéis e o formato dado a eles são influenciados por determinantes pessoais e situacionais. Para cada papel há um conjunto de tarefas e responsabilidades e os papéis devem ser definidos e compreendidos em termos de expectativas (de terceiros e do protagonista) e de performance (formato dado a ele e satisfação ao desempenhá-lo). Segundo o autor, os papéis exercem impacto uns sobre os outros, de modo que o desempenho simultâneo dos mesmos pode gerar conflito ou equilíbrio e autorrealização (dependendo da disponibilidade de tempo, da natureza e variedade das habilidades e interesses e da estabilidade emocional do indivíduo e

seus parceiros).

Os papéis podem ser definidos como centrais, periféricos, ocasionais e inexistentes em relação à importância na definição da identidade dos indivíduos. Neste sentido, o arco-íris de carreira evidencia a constelação de papéis sociais (quantidade e tipos de papéis desempenhados) e a saliência de papéis (destaque de um papel em relação ao outro, em termos de importância). A saliência de papel é definida em termos de dedicação temporal ao papel (participação e estabilidade de tempo — componente comportamental) e de intensidade de investimento e comprometimento emocional (componente afetivo) no desempenho do mesmo. Ao retratar onde e como o indivíduo investe tempo e energia, o arco-íris de carreira evidencia o *Self* e o estilo de vida. Ao longo do ciclo vital, na medida em que o indivíduo se depara com novos estágios e tarefas de desenvolvimento, a interação entre variáveis pessoais e situacionais pode ressignificar a importância e a qualidade da performance dos papéis, dos cenários de atuação e, portanto, da saliência de papéis (Super, 1980).

Ao desempenhar papéis sociais e ter seu desempenho avaliado (auto-avaliação e *feedback* de atores sociais), o indivíduo constrói seu autoconceito, que consiste na representação que ele tem de si e do que é capaz de realizar na realidade. Não há um autoconceito único, mas um sistema dinâmico de autoconceitos, construído ao longo da vida, que compõe o *self* e a identidade. O papel de trabalhador e o autoconceito ocupacional possuem grande influência na inserção do indivíduo na sociedade e na construção de sua identidade. Os papéis de trabalho estruturam a vida, conferem-lhe significado e auxiliam a estabelecer e regular a rotina e a vida social. Através da atuação profissional, o autoconceito ocupacional é construído e implementado na realidade e, o nível de satisfação profissional está relacionado à oportunidade que o indivíduo tem de, no papel de trabalhador, satisfazer suas características vocacionais (habilidades, valores, interesses, traços de personalidade e necessidades) e implementar seus autoconceitos, especialmente o autoconceito ocupacional (Super, 1963a, 1963b *apud* Skorikov & Vondracek, 2010).

A partir da década de 1970, mediante mudanças no universo laboral que tornaram as trajetórias profissionais menos lineares, Super, acrescentou a noção dos miniciclos (transições potenciais dentro do mesmo estágio) aos maxiciclos, ao considerar que as carreiras desta nova organização social do trabalho demandavam do indivíduo a adaptabilidade (capacidade de adaptar-se constantemente). Nos miniciclos são reatualizadas as tarefas de exploração, estabelecimento e manutenção podendo, ou não, haver tarefas de desengajamento e, o tempo transcorrido entre cada estágio dentro de um miniciclo depende de determinantes pessoais e situacionais. Em cada miniciclo, há o reconhecimento de uma demanda de decisão de carreira

iminente - crescimento; a revisão de premissas, a busca e avaliação de dados e alternativas de ação, para a compreensão e resolução da demanda - exploração; a ponderação das alternativas em termos de valores e objetivos e a seleção e implementação de um plano de ação - estabelecimento; e a avaliação dos resultados do plano de ação implementado, na qual o indivíduo decide manter o plano de ação – manutenção, ou desistir do mesmo – declínio, que antecede o retorno ao início do ciclo, ou seja, a um novo ponto de decisão (Super, 1980).

3.2 A TEORIA DE CONSTRUÇÃO DE CARREIRA DE SAVICKAS

A Teoria de Construção de Carreira de Savickas, ressignifica a Teoria de Desenvolvimento Vocacional de Donald Super, incorporando e adequando os conceitos desenvolvimentistas a uma sociedade multicultural globalizada. Ela foi desenvolvida para atender às novas demandas no domínio da carreira, pois, segundo Savickas (2005), a orientação vocacional do século XXI deve ser mais dinâmica e auxiliar o trabalhador a reinventar-se e reestruturar-se continuamente em sua carreira. Na atual organização social do trabalho o parâmetro muda da estabilidade para a mobilidade e a carreira deixa de ser o comprometimento com um empregador ao longo da vida e passa a ser a venda de serviços e habilidades para uma série de empregadores, em uma trajetória repleta de transições, que demanda pró-atividade na construção da carreira. Neste contexto, as atividades que caracterizam os maxiciclos de carreira (crescimento, exploração, estabelecimento, manutenção/gerenciamento e desengajamento) continuam pertinentes, principalmente se consideradas em termos de miniciclos que se reeditam no interior dos maxiciclos.

A teoria de construção de carreira possui uma perspectiva contextualista, ou seja, considera que o desenvolvimento da carreira é dirigido por adaptações ao ambiente e não pela maturação de estruturas internas e que sua construção se dá conforme o indivíduo faz escolhas que expressam seu autoconceito e materializam suas metas na realidade social (através dos papéis de trabalho) e atribui significado ao próprio comportamento vocacional e experiências profissionais. Os indivíduos constroem o *Self* e a carreira e dão sentido e direção ao comportamento vocacional ao longo do ciclo vital, através do construtivismo pessoal e do construcionismo social, ou seja, de um processo interpessoal e interpretativo de representação da realidade, que se dá por intermédio da linguagem, que por sua vez fornece a subjetividade necessária para a reflexão sobre o *Self*, as próprias ações, experiências e aspirações relativas ao

trabalho. As três perspectivas do comportamento vocacional (diferencial, desenvolvimental e dinâmica), são integradas na Teoria de Construção de Carreira, através da personalidade vocacional, da adaptabilidade de carreira e dos temas de vida, respectivamente. Enquanto a personalidade vocacional está relacionada ao conteúdo da carreira, a adaptabilidade de carreira está relacionada ao modo como a carreira é construída e os temas de vida estão relacionados à coerência e unidade da carreira (Savickas, 2005).

Segundo o referido autor, a personalidade vocacional compreende as habilidades, necessidades, valores e interesses individuais relativos à carreira (ensaiados em tarefas domésticas, jogos, hobbies e estudos antes de serem expressos em ocupações). É formada na família de origem e desenvolvida em contextos sociais (vizinhança, comunidade e colégio), na medida em que os indivíduos progridem nos estágios de crescimento e exploração de suas carreiras. Os indivíduos representam papéis como atores sociais e constroem a si mesmos através da internalização do mundo social em que vivem, começando pela introjeção dos modelos de comportamento no ambiente familiar na infância, que representa a primeira escolha na construção da carreira (Savickas, 2005).

As ocupações fornecem um mecanismo de participação, integração e sustentação social e um foco para a organização da personalidade e requerem um padrão de características vocacionais, permitindo uma variedade de indivíduos para cada uma delas. As características vocacionais pessoais, do mesmo modo, permitem que os indivíduos sejam qualificados para uma variedade de ocupações (Savickas, 2005). Para a compreensão da relação entre personalidade e papéis de trabalho, a teoria de construção de carreira utiliza os protótipos de personalidade vocacionais do modelo RIASEC de *Holland*, que organizam o fenômeno vocacional em categorias comparativas, em termos de disposições individuais (habilidades, interesses e valores). O modelo não é utilizado de modo determinista, enquanto traços estáveis, mas como semelhanças de atitudes e habilidades socialmente construídas, analisadas como possibilidades. A teoria de construção de carreira transcende a perspectiva objetiva de análise dos traços vocacionais, pois considera que essa não reconhece o significado subjetivo da experiência, ou compreende o comportamento sob o ponto de vista do indivíduo. Para a compreensão da perspectiva vocacional subjetiva, são utilizados os temas de vida e o autoconceito, que evidenciam concepções do indivíduo sobre o mundo, a vida, o trabalho e sobre si e possuem maior capacidade para explicar e significar a continuidade comportamental, sustentar a coerência da identidade e prever a ação futura (Savickas, 2005).

Os temas de vida compreendem conteúdos nucleares (sentimentos, crenças, atitudes, motivações, valores, desejos, representações, objetivos), que impõem significado ao

comportamento vocacional e dão coerência, unidade e continuidade à trajetória de vida e de carreira e ao *Self*. Os temas de vida explicam a motivação e o significado (o porquê) da construção da carreira. O conceito tema de vida emerge de postulados centrais da teoria de Super, dentre eles: (a) a expressão das preferências vocacionais traduzem o autoconceito em terminologias ocupacionais; (b) os indivíduos buscam implementar seu autoconceito e realizar seus potenciais em uma ocupação. Tais postulados levam à conceitualização da escolha ocupacional como uma implementação do autoconceito, do trabalho como uma manifestação da identidade e do desenvolvimento vocacional como um processo contínuo de aprimoramento da combinação indivíduo-ambiente. Assim, o processo de construção de carreira se dá em uma sequência de decisões e tentativas de implementação e desenvolvimento do autoconceito em papéis de trabalho. A combinação indivíduo-ambiente nunca é finalizada, mas progride sequencialmente, através de aproximações sucessivas em direção ao melhor encaixe entre trabalho e trabalhador e, neste ínterim, é essencial que o trabalho oportunize a autoexpressão, a implementação do autoconceito e a realização de atividades que façam sentido e tenham relevância para o *Self* (Savickas, 2005).

A Teoria de Construção de Carreira busca compreender a carreira objetiva (soma das experiências profissionais na trajetória de vida) e, principalmente, a carreira subjetiva. A estrutura social objetiva de trabalho sincroniza os indivíduos às suas culturas, fornecendo modelos de como as carreiras devem ser construídas em dado contexto-sócio histórico. Os indivíduos interpretam este enquadre comum, de modo subjetivo, e constroem, mentalmente, versões narrativas únicas sobre suas histórias de vida de trabalho. A carreira subjetiva compreende uma biografia produzida discursivamente, que emerge da reflexão sobre a carreira objetiva, integra experiências profissionais, passadas e presentes e aspirações futuras em um todo coeso repleto de significado pessoal e produz uma verdade narrativa pela qual os indivíduos vivem. Esta regula, orienta, sustenta e impõe significado ao comportamento vocacional, guia os indivíduos através das transições ocupacionais, permite a adaptabilidade e a manutenção da identidade, competências essenciais no contexto laboral não linear e imprevisível atual. O comportamento vocacional transforma a carreira subjetiva em realidade e os temas de vida trazem unidade, continuidade, coerência e significado ao enredo da carreira subjetiva (Savickas, 2005).

De acordo com o referido autor, na atualidade, o grande enredo da estrutura social de trabalho objetiva é narrado em termos de economia global, tecnologia da informação e desafios à justiça social, o que afeta o significativamente o conceito de carreira. Neste ínterim, o foco da carreira não deve mais ser o progresso em uma sequência ordenada, normativa e previsível de

tarefas de um maxiciclo e o desenvolvimento de potenciais latentes em direção a uma maturidade desejada, como o era na perspectiva desenvolvimentista. Esta concepção desenvolvimentista de maturidade de carreira era útil em uma sociedade mais estável e ordenada, porém, o emprego do construto da adaptabilidade de carreira faz mais sentido na organização social do trabalho atual, na qual uma série de influências externas impulsionando o desenvolvimento em várias direções e a construção da carreira inclui miniciclos e o enfrentamento de transições, muitas vezes inesperadas e traumáticas.

Segundo Savickas, (2005), a adaptabilidade de carreira compreende um construto psicossocial que denota a prontidão individual para o enfrentamento dos três desafios sociais que induzem a mudanças ao longo da construção de carreira: as tarefas de desenvolvimento vocacional, as transições ocupacionais e os traumas pessoais. A adaptabilidade de carreira inclui as respostas adaptativas e os recursos e atributos (atitudes, competências, estratégias e comportamentos) que o indivíduo utiliza (ou não) para antecipar e enfrentar mudanças, na busca de realizar suas expectativas de carreira. Ela atua como estratégia auto-reguladora, capacitando o indivíduo a implementar e substanciar seu autoconceito em papéis ocupacionais, a regular o próprio comportamento vocacional e a construir sua carreira. As estratégias de adaptabilidade de carreira variam de acordo com o contexto sócio-histórico, porém há quatro dimensões globais, denominadas os quatro “Cs” da teoria da construção da carreira: preocupação (*concern*), controle (*control*), curiosidade (*curiosity*), confiança (*confidence*).

A primeira e mais importante dimensão da adaptabilidade de carreira é a preocupação (*concern*). Sua função fundamental na construção de carreira é evidenciada pelo seu destaque em outras teorias de desenvolvimento vocacional, nas quais foi nomeada de modo distinto: perspectiva de tempo, por Ginzberg; planejamento, por Super; antecipação, por Tiedman; orientação, por Crites e consciência, por Harren (Savickas, Silling & Schwartz, 1984 apud Savickas, 2005). Ela denota a consciência acerca das tarefas vocacionais e das transições ocupacionais a serem enfrentadas e escolhas a serem feitas (em um futuro iminente e/ou distante) e acerca da importância de se preparar para o amanhã. Auxilia o indivíduo a relembrar seu passado, considerar seu presente e antecipar seu futuro vocacional, sob uma perspectiva temporal ancorada em planejamento, esperança e otimismo. Inclui crenças relativas à continuidade da vida de trabalho ao longo do tempo e atitudes relacionadas ao planejamento de carreira. A falta ou escassez da dimensão preocupação é denominada indiferença de carreira e inclui a falta de planejamento e o pessimismo em relação ao futuro. O desenvolvimento da dimensão preocupação facilita o da dimensão controle, pois, na medida em que há a preocupação com o próprio futuro vocacional, o indivíduo pode desenvolver a consciência

sobre quem é o responsável por sua carreira (Savickas, 2005).

A dimensão controle (*control*) é considerada por Savickas (2005) a segunda dimensão mais importante da adaptabilidade de carreira. A importância do controle na construção da carreira é refletida pela grande quantidade de estudos sobre tópicos como tomada de decisão, locus de controle, autonomia, autodeterminação, atribuições de esforço e agência (Blustein & Flum, 1999 apud Savickas, 2005). A dimensão controle denota que o indivíduo sente e acredita que ele é responsável pela construção de sua carreira, de seu futuro e de sua vida. Está relacionada ao nível de controle pessoal sobre o próprio futuro vocacional e inclui atitudes de tomada de decisão autônoma, assertividade, desenvolvimento de estratégias de autorregulação para ajustar-se às demandas dos diferentes contextos, negociação das transições ocupacionais e engajamento nas tarefas de desenvolvimento vocacional, ao invés de proscritá-las e/ou evitá-las. A falta ou escassez da dimensão controle é denominada indecisão de carreira e inclui a dificuldade de tomar decisões e o baixo nível de autonomia, autorregulação e pró-atividade na construção de própria carreira. O desenvolvimento da dimensão controle facilita o da dimensão curiosidade, pois ao perceber-se responsável pela construção de sua carreira, o indivíduo pode apresentar mais curiosidade e iniciativa em explorar possíveis futuros vocacionais (Savickas, 2005).

A dimensão curiosidade (*curiosity*) está relacionada à iniciativa individual em apresentar comportamentos de exploração ativa na busca de oportunidades sociais e profissionais nos diferentes domínios da vida, para o desenvolvimento de possíveis “eus”, cenários de atuação e futuros vocacionais. A importância desta dimensão é refletida na relevância dada aos conceitos: comportamento de exploração/busca de informações, autoconhecimento e conhecimento sobre as ocupações, em diversas teorias de desenvolvimento vocacional. Esta dimensão está relacionada a atitudes de exploração e abertura à vivência de experiências e permite que os indivíduos desenvolvam autoconhecimento e conhecimento sobre o mundo do trabalho. Ao explorar novos cenários e possíveis “eus”, o indivíduo tem a oportunidade de construir novas representações de si, conhecer seus valores, habilidades e interesses, ressignificar seu autoconceito e alguns temas de vida e realizar escolhas relativas à combinação *Self*/ocupação com mais realismo e objetividade. A falta ou escassez da dimensão curiosidade pode acarretar o irrealismo de carreira, uma visão ingênua do mundo do trabalho e/ou uma percepção pouco acurada do próprio *Self*. O desenvolvimento da dimensão controle facilita o da dimensão curiosidade, pois, o conhecimento sobre si e sobre o mundo de trabalho permite que o indivíduo se questione sobre sua capacidade de realizar suas aspirações (Savickas, 2005).

De acordo com Savickas (2005), a dimensão confiança (*confidence*) denota a capacidade de manter a autoconfiança para perseguir as próprias aspirações e objetivos, a despeito dos obstáculos e barreiras. A importância desta dimensão na construção da carreira é evidenciada no foco dado aos conceitos autoestima, autoeficácia e encorajamento nas teorias de desenvolvimento vocacional. Na teoria de construção de carreira a confiança denota o sentimento de autoeficácia em relação à própria habilidade de atingir sucesso na execução de uma ação e na realização de escolhas educacionais e vocacionais adequadas. Indivíduos que apresentam confiança de carreira consideram-se capazes de lidar com os problemas impostos pela vida e de superar desafios e obstáculos, apresentam coragem de tentar, mesmo quando o resultado é incerto e possuem habilidades de resolução de problemas. A confiança de carreira é desenvolvida através da resolução de problemas nas atividades diárias, nos diversos cenários de atuação, pois a percepção de ser produtivo eleva a auto-aceitação e auto-valorização. Amplas experiências exploratórias favorecem a confiança para tentar coisas novas, enquanto indivíduos que não tiveram contato com certos tipos de experiência podem apresentar dificuldade em ter confiança para realizar experiências similares. A falta ou escassez de confiança de carreira pode resultar em inibição de carreira e frustrar o desenvolvimento de papéis e o alcance de objetivos.

Neste estudo, a adaptabilidade de carreira e os demais conceitos das Teorias Desenvolvimentista e de Construção de Carreira supracitados foram utilizados para compreender a construção da carreira no surfe de alto rendimento esportivo no contexto brasileiro. As próximas seções caracterizam a origem e o desenvolvimento do surfe no âmbito mundial e nacional e o panorama atual do surfe de alto rendimento.

4. SURFE: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA MODALIDADE NO MUNDO

O surfe é considerado um esporte de aventura e compreende uma prática desportiva efetuada na superfície da água, cuja proficiência é avaliada pelo grau de dificuldade dos movimentos executados pelo surfista ao deslizar em pé na prancha de surfe, aproveitando o movimento natural da onda (Dacosta et al, 2006). A origem do surfe data do século XI. Porém, há divergências entre os autores que teorizam sobre o esporte acerca do seu local de origem, de modo que há três vertentes: a primeira enfatiza que o esporte é uma invenção polinésia, a segunda que este surgiu no Havaí e a terceira considera sua origem Peruana (Kampion & Brown, 1998; Moreira, 2009; Souza, 2013). Na versão polinésia, deslizar sobre as ondas era uma prática comum entre a realeza dos povos polinésios que habitavam as ilhas do Pacífico, de modo que o surfe era considerado um “esporte de Rei”. Na versão havaiana, o capitão inglês James Cook é considerado o primeiro europeu a observar a prática da modalidade pelos nativos e a registrar os primeiros relatos sobre o surfe em 1778. Já na versão peruana, o surfe teria origem no costume da população nativa litorânea de voltar da pesca em embarcações conhecidas por *caballitos de totora*, deslizando nas ondas em posição bípede. Para Warshaw (2003, *apud* Souza, 2013), dentre tais versões, a que possui maior credibilidade e influência na evolução do esporte é a de que o Surfe consiste em uma invenção polinésia e teve seu desenvolvimento nas ilhas havaianas.

Na metade do século XIX, o surfe esteve próximo à sua extinção pelos europeus, por influência da igreja que considerava sua prática imoral, devido ao seu caráter lúdico, que era interpretado como uma apologia à ociosidade e à libertinagem e pelo fato de os nativos o praticarem seminus. Porém, a partir do início do século XX, há um processo de “renascimento” e disseminação do surfe. Neste contexto, alguns personagens tiveram extrema importância, dentre eles o atleta olímpico havaiano de natação Duke Kahanamoku, que entre as décadas de 1910 e 1920, introduziu o surfe na Austrália e nos Estados Unidos e foi responsável por uma ampla divulgação da modalidade em nível internacional, sendo considerado o embaixador e pai do surfe moderno (Souza, 2013). Outros atores importantes neste cenário foram: George Freeth, Havaiano de origem Irlandesa, que introduziu a modalidade na Califórnia e foi pioneiro em surfar ao longo da parede da onda e Alexander Ford, responsável pela divulgação da modalidade através da imprensa e criador do primeiro clube de surf, o *Outrigger Canoe Club* em *Waikiki*, no Havaí (Moreira, 2009).

Em meados do século XX, nos Estados Unidos e, mais especificamente na Califórnia,

inicia-se uma cultura do surfe, disseminada através de veículos midiáticos pioneiros sobre a modalidade (lojas, revistas e filmes), que se transforma em estilo de vida disseminado mundialmente. A partir de então, o surfe passa por um processo de organização enquanto modalidade esportiva. Na década de 1960 há a criação da *International Surfing Federation* (ISF), primeira entidade responsável por impulsionar, estruturar e profissionalizar o surf no mundo e que realizou o primeiro campeonato de surfe na Austrália em 1964 (o *World Surfing Championships*), bem como diversos campeonatos subsequentes, unindo várias nações. Em meados de 1970 a *ISF* tem seu nome modificado para *ISA* (*International Surfing Association*). A partir da década de 1980, a referida entidade passa a conduzir o surfe amador em nível mundial. Em 1995 o COI (Comité Olímpico Internacional) outorgou-lhe um período de dois anos como prova para ser a máxima responsável pelo surfe internacional. Em 1997, a *ISA* tornou-se membro do COI, sendo aprovada como o principal organismo dirigente do surfe a nível mundial, responsável por zelar pelo cumprimento do regulamento do desporto nos países associados a esta organização até o momento atual (Souza, 2013).

De acordo com o referido autor, também na década de 1980, é criada a *International Professional Surfers* (IPS), entidade responsável por gerir o surfe profissional em nível mundial, bem como organizar o Circuito Mundial de Surfe Profissional. Em 1982 a *IPS* foi substituída pela *Association of Surfing Professionals* (ASP) e o Circuito Mundial de Surfe Profissional foi nomeado de *ASP World Tour*. O início da profissionalização do surfe tem seu marco a partir de 1992, período em que a modalidade começa, progressivamente, a atingir níveis mais elaborados de organização e disseminação e a contar com um número cada vez maior de competidores orientados por profissionais em programas de treinamento.

Em 2015 a *ASP* teve seu nome alterado para *World Surf League* (WSL) e continua sendo a instituição que gerencia o surfe profissional em nível mundial e organiza o Circuito Mundial de Surfe, atualmente denominado *World Championship Tour*. O Circuito Mundial de Surfe possui duas divisões: O *WCT*, também conhecido como "Divisão de Elite Mundial", no qual competem apenas os 36 melhores surfistas do mundo e o *World Qualification Series* - *WQS*, que compreende a divisão de acesso para o *WCT*. Além do *WCT* e *WQS* masculinos e femininos, a *WSL* também organiza outras competições de surfe em nível mundial, dentre elas: campeonatos masculino e feminino da divisão júnior - *World Junior Championship/WJC*; campeonatos masculino e feminino da divisão *longboard* - *World Longboard Tour/ WLT*; campeonato masculino da divisão de ondas gigantes - *Big Wave Tour/ BWT* e a Tríplice Coroa Havaiana masculina (*World Surf League*, 2016).

5. SURFE: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA MODALIDADE NO BRASIL

As primeiras experiências do surfe no Brasil aconteceram na década de 1930 em Santos, mas foi entre os anos 1950 e 1960, mais precisamente em Copacabana e no Arpoador, que o esporte se consolidou (Souza, 2004). Entre as décadas de 1940 e 1960, a modalidade viveu uma fase amadora e marginalizada, na qual sua prática era considerada uma cultura exótica, estrangeira, mais restrita à classe média (Fortes, 2009). Para Souza (2004), neste período o surfe era associado a aspectos pejorativos como uso de drogas, a ociosidade e a alienação, pois a maior parte dos praticantes da modalidade possuía um bom poder aquisitivo, não trabalhava e, em muitos casos, também não estudava. Devido a esta imagem negativa, os atletas que se dedicavam à modalidade tinham pouco ou nenhum apoio familiar para a prática.

Segundo Fortes (2009), nos anos 1970 o surfe ainda era amador e marginalizado e, devido ao movimento *hippie* e ao momento de repressão do regime de ditadura, os surfistas eram negativamente estereotipados. Mas a partir desta década a modalidade começa, progressivamente, a se popularizar, tornando-se referência entre os jovens e deixando de ser considerado como uma cultura estrangeira. Houve dois momentos de “explosão” do surfe no Brasil em torno dos anos de 1977 e 1983. Ambos contribuíram para tornar a modalidade mais popular entre a juventude, principalmente no Rio de Janeiro, porém, somente o segundo *boom* contribuiu para sua organização e profissionalização. A partir do fim da década de 1970, diversos programas televisivos, como filmes, seriados e novelas e programas de rádio sobre a temática e o universo do surfe, foram responsáveis por divulgar o surfe, os valores e estilo de vida a ele associado. As primeiras marcas de *surfwear*, lojas de roupas e acessórios para os surfistas foram inauguradas no Brasil nessa década, em Ipanema, e passaram a ser consumidas não apenas por surfistas amadores e profissionais, mas também por aqueles que se identificavam com o universo e estilo do surfe, auxiliando a disseminar uma visão do surfe associada à harmonia com a natureza e à alimentação e à vida saudáveis.

Nos anos 1980 diversas emissoras de rádio contribuíram para a disseminação e desenvolvimento do surfe, através da promoção e da cobertura de diversos campeonatos na modalidade e da veiculação de estilos musicais associados a seus praticantes e admiradores, como o *Surfmusic* (gênero específico deste esporte). Paralelamente à disseminação e à popularização do surfe e ao progressivo crescimento do número de surfistas amadores e profissionais, bem como das competições na modalidade, todos os aspectos midiáticos e comerciais relativos ao universo do esporte (fábricas e marcas de *surfwear*, de equipamentos e

de acessórios para a prática e mídias especializadas, tais como revistas, filmes, programas de TV e site) cresceram, consideravelmente, no Brasil entre as décadas de 1980-90. Tais veículos midiáticos de divulgação do surfe compreendem registros não acadêmicos que auxiliaram a elaborar e sistematizar a história do surfe brasileiro (Fortes, 2011).

O meio de comunicação que mais contribuiu para a disseminação, estruturação, organização e profissionalização da modalidade foi a mídia impressa, mais precisamente as revistas de Surfe, na medida em que incentivavam a criação de associações de surfe locais, divulgavam campeonatos, enfatizavam a importância do surfe estruturar-se e profissionalizar-se e dos atletas atuarem com seriedade, além de divulgarem as marcas e empresas, que, por sua vez, patrocinavam campeonatos e atletas. Os patrocínios contribuíram e, ainda contribuem, incisivamente para o fortalecimento do surfe profissional no Brasil, na medida em que permitem que os atletas possam viver da renda obtida através da modalidade e dedicar-se à carreira atlética (Fortes, 2009).

A década de 1980 consistiu em um momento de busca por institucionalização da modalidade. A primeira escola de surfe no Brasil foi criada em 1982, no Rio de Janeiro, financiada por um órgão municipal de turismo (Souza, 2004). Porém, apesar da crescente popularidade do surfe, até meados dos anos 1980 a realização de campeonatos no Brasil, bem como a participação de brasileiros em campeonatos no exterior ainda não era significativa. Em 1986 foi fundada a Associação Brasileira de Surf Profissional (ABRASP) no Rio de Janeiro e o primeiro Circuito Brasileiro de Surfe Profissional foi realizado em 1987. Somente em 1988 o surfe foi reconhecido como esporte pelo Conselho Nacional de Desportos (Dacosta et al, 2006).

Entre os anos 1980-1990, diversas condições dificultavam que os atletas pudessem atuar como profissionais e viver apenas do surfe, dentre as quais: disputas políticas entre grupos e entidades ainda em formação; confusões geradas pelo caráter incipiente do esporte, tais como discordâncias da avaliação dos juízes em competições e pelo desconhecimento das regras pelos atletas; recessão da economia brasileira e inflação, que prejudicavam o investimento no esporte a longo prazo; preconceito à modalidade, herança do estigma inicial associado, que manteve seus resquícios mesmo após a evolução do surfe em termos de estruturação, organização e profissionalização e que era reforçado pelo comportamento inadequado de alguns atletas profissionais; disputas em torno do uso da praia; dentre outros (Fortes, 2009).

Os anos 1990 compreenderam o período da institucionalização e da profissionalização do surfe. Nessa década, surge uma nova concepção do surfe, com manobras criativas, velozes e agressivas. Já era possível ver no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, diversas escolas na modalidade, algumas particulares e outras com programas de bolsas para crianças e

adolescentes pobres. Desde a década de 1990 o surfe tem representação na Comissão Nacional de Atletas do Conselho Nacional de Esporte do Governo Federal e foi incluído, juntamente com outros esportes radicais, em programas de investimento da Secretaria da Juventude, Esportes e Lazer. Em 2000, foram investidos no referido programa aproximadamente R\$ 640 mil; em 2001, R\$ 680 mil e em 2002, R\$ 1 milhão (Souza, 2004).

Em 1995 o surfe brasileiro começou a se destacar internacionalmente, quando diversos atletas demonstraram a potência do surfe nacional no evento *Pipeline Masters*, no Havaí. E, a partir de então, os atletas da nova geração brasileira começam a competir em igualdade de condições com os estrangeiros nos circuitos mundiais. Desde a década de 2000, o Brasil realiza diversos campeonatos nacionais profissionais e sedia etapas de campeonatos internacionais de surfe, atraindo um número cada vez maior de surfistas e milhares de espectadores. Na década de 2000, dois surfistas brasileiros vencem pela primeira vez etapas do *ASP World Championship Tour-WCT* e é realizado o primeiro campeonato voltado exclusivamente para as mulheres (Circuito Petrobrás de Surfe Feminino). Em 2003 o Brasil conta com cinco surfistas entre os 15 primeiros colocados no Circuito Mundial de Surfe (Dacosta et al, 2006).

De acordo com os referidos autores, a partir dos anos 2000, inúmeros esforços passaram a ser dispendidos pelas entidades e organizações de surfe no Brasil, visando estruturar e profissionalizar ainda mais o esporte. Um importante destaque é dado para a Confederação Brasileira do Surfe (CBS), que, desde então, luta para a inclusão do surfe nos esportes olímpicos e para angariar recursos do Ministério dos Esportes para o desenvolvimento de equipes de atletas brasileiros e de escolas de surfe, de capacitação de recursos humanos na modalidade. Na atualidade, as entidades responsáveis pelo surfe no Brasil são a ABRASP (Associação Brasileira dos Surfistas Profissionais), que objetiva promover o surfe a nível profissional e organiza Campeonato Brasileiro de Surfe Profissional e a CBS, filiada ao Comitê Olímpico.

6. SURFE: PANORAMA ATUAL

Atualmente, o surfe é o esporte náutico mais praticado mundialmente, além de ser um dos esportes que mais cresce anualmente em todo o mundo, em termos de número de praticantes. Segundo Forneck (2008), em meados dos anos 2000 a *International Surfing Association* já contabilizava 17 milhões de surfistas no mundo, distribuídos em 70 países, além de centenas de associações da modalidade nos cinco continentes. Dentre estes 17 milhões de praticantes, 2,4 milhões são brasileiros. No que tange ao surfe competitivo, a Confederação Brasileira de Surfe (CBS) em 2006 listava 536 atletas, sendo 440 amadores e 96 profissionais e este número vem crescendo a cada ano. O universo do surfe movimenta negócios em diversos estados brasileiros, principalmente em Florianópolis-SC, cidade na qual há a média de um surfista praticante para cada grupo de vinte moradores (Dacosta et al, 2006). Em 2013, de acordo com a ISA já havia 35 milhões de praticantes de surfe no mundo (Forneck, 2008).

Desde o início nos anos 2000, as marcas de *Surfwear* tiveram um crescimento exponencial e continuam a ter um papel importante, na disseminação do esporte e da cultura do Surf e no patrocínio de atletas profissionais. Na Europa, a indústria do surf movimenta mais de 30 bilhões de dólares anualmente e no Brasil, segundo país do mundo que mais consome artigos relacionados ao surf, esse nicho de mercado fatura mais de 5 bilhões de reais por ano, com a previsão de crescimento entre 5 a 10% (Bitencourt et al, 2006; Forneck, 2008).

Nas últimas décadas, outro aspecto que teve extrema relevância no desenvolvimento e evolução da modalidade foi o advento das tecnologias e da ciência no surfe. A evolução dos materiais e dos equipamentos utilizados permitiu uma prática mais elaborada, técnica e ousada, o que pode ser ilustrado pelo surfe realizado em temperaturas baixíssimas, em ondas gigantes, no meio do oceano, em lagos, entre outras localidades. Atualmente, há inúmeros sites e aplicativos de *smartphones* que ensinam teoria e técnica da modalidade e que permitem aos praticantes analisar as condições do surfe (vento, ondas, relevo e outras condições geográficas e climáticas) no litoral brasileiro e de todo o mundo. Ademais, as Etapas do Circuito Mundial são transmitidas em tempo real pela internet e pela televisão a cabo, o que facilita uma arbitragem mais acurada, incluindo a divulgação ao vivo dos resultados (Fortes, 2009; Souza, 2013).

Após duas décadas de luta das entidades responsáveis pelo surfe em âmbito mundial e mediante uma proposta apresentada ao COI pelo presidente da ISA, o surfe passou a compor a lista entre os novos esportes que irão integrar as Olimpíadas de Tóquio em 2020. O resultado

foi anunciado em agosto de 2016, nas Olimpíadas do Rio de Janeiro. No mesmo ano, foi definido pela Organização Desportiva Pan-americana (ODEPA) que o surfe será incluído pela primeira vez nos Jogos Pan-Americanos, na edição a ser realizada em 2019, em Lima, no Peru. Um dos critérios utilizados para a inclusão do esporte foi a grande quantidade de praticantes, que se torna cada vez mais expressiva em âmbito mundial (Globoesporte; esportesterra, 2015).

O surfe brasileiro também se encontra em grande expansão na atualidade e em um momento histórico significativo em termos competitivos. Nas últimas décadas e, especialmente nos últimos cinco anos, os surfistas profissionais brasileiros vêm se destacando bastante em nível mundial. Os inúmeros resultados bem sucedidos no surfe de alto rendimento brasileiro, associados à crescente espetacularização e midiaticização da modalidade, o Brasil, país do futebol, também se tornou um cenário privilegiado para a prática e admiração do surfe. Em termos de colocação internacional, o surfe brasileiro está em seu melhor momento. Em 2014, pela primeira vez um brasileiro consagrou-se campeão mundial na modalidade, vencendo Divisão de Elite do Circuito Mundial do Surfe. Em 2015, novamente o Brasil vence o *WCT* e Adriano de Souza, o Mineiro, tornou-se o segundo Campeão Mundial de Surfe Brasileiro. O referido circuito teve sua primeira edição em 1992 e até o ano de 2014, a melhor colocação brasileira havia sido terceiro lugar. Em 2015, no ranking da *WSL*, entre os 10 melhores surfistas profissionais do mundo, 4 eram brasileiros e entre os 50, 16 eram brasileiros. Em 2016, entre os 10 melhores, 2 eram brasileiros e entre os 50, 15 eram brasileiros. Em 2017, o campeonato mundial ainda está em andamento, porém, entre os 10 melhores, 3 são brasileiros e Gabriel Medina está no páreo para o título mundial e entre os 50 melhores, 13 são brasileiros. Tais dados evidenciam o desenvolvimento significativo da representação de surfistas de alto rendimento brasileiros na elite mundial da modalidade (Cenasurf, 2015; *World Surf League*, 2016, 2017).

Outro dado que permite observar a representação dos surfistas brasileiros na elite mundial é a classificação do Brasil no ranking dos campeonatos realizados pela *World Surf League*, que é o terceiro país no ranking de obtenção de títulos mundiais no surfe, ficando somente atrás da Austrália e dos Estados Unidos. A seguir, estão elencados os títulos de campeão mundial obtidos por atletas brasileiros e a respectiva colocação do Brasil no ranking mundial: 2 títulos no *World Championship Tour/WCT* masculino — quarto lugar no ranking mundial; 10 títulos no *World Championship Tour/WQS* masculino — primeiro lugar no ranking mundial; 7 títulos no *World Junior Championship/WJC* masculino — primeiro lugar no ranking mundial; 1 título no *World Longboard Tour/WLT* masculino — quinto no ranking mundial; 1 título no *Big Wave Tour/BWT* masculino — segundo lugar no ranking mundial; 1 título na

Tríplice Coroa Havaiana/masculino — quarto lugar no ranking mundial; 4 títulos no *World Championship Tour/WQS* feminino — segundo no ranking mundial (Wikipedia, 2016).

A nova geração de surfistas profissionais brasileiros inclui inúmeros atletas de excelência. Em 2015, um grupo de seis atletas, todos do sexo masculino, entre 18 e 30 anos, foi denominado mundialmente de “*Brazilian Storm*” ou “tempestade brasileira”, em referência ao talento e sucesso avassaladores que vinham apresentando na elite do circuito profissional mundial (Cenasurf, 2015). O sucesso do *Brazilian Storm* transcendeu os campeonatos de surfe, de modo que a nova geração de talentos do surfe brasileiro passou a ser bastante veiculada pela mídia, associando sua imagem a grandes marcas patrocinadoras. O *Brazilian Storm* também tornou-se o nome de um programa do Canal *Off*, que retrata a rotina de treinos, viagens e competições da nova geração brasileira de surfistas profissionais, nas etapas da elite do Circuito Mundial do surfe. Neste mesmo canal, além do referido programa, há mais de quinze programas, nacionais e internacionais, sobre a temática do surfe, que veiculam sobre a cultura, a rotina e o universo do esporte (Canal *Off*, 2015).

É importante ressaltar que os dados supracitados evidenciam um desenvolvimento muito maior do surfe masculino, quando comparado ao surfe feminino. Isto pode estar associado ao menor investimento em esportes de aventura para o público feminino, devido ao imaginário social sobre tais práticas, que são mais associadas ao universo masculino (Humberston, 2007). Segundo a autora, apesar de nas últimas décadas estar havendo um movimento mais global de busca pelas atividades de aventura na natureza, viabilizado pela “indústria *outdoor*”, estas ainda são consideradas práticas masculinas, pois em sua origem, eram restritas a indivíduos do sexo masculino, que buscavam sensações e emoções intensas e desejavam desafiar-se através do enfrentamento do ambiente natural.

Concomitantemente ao crescente desenvolvimento do surfe, no Brasil, sua relevância também tem sido mais significativa em termos científicos, de modo que este esporte está cada vez mais em voga nas diversas áreas das Ciências do Esporte. Em uma revisão bibliográfica realizada para fins desta pesquisa, foi identificado que os estudos realizados sobre o esporte no Brasil possuem os seguintes focos de análise: surfe e turismo; aspectos fisiológicos da prática de surfe; fundamentos didáticos e metodológicos do surfe; surfe e esportes de aventura na natureza; surfe e lazer; os riscos da prática do surfe; cultura de consumo e surfe; gênero e surfe; surfe e mídia; aspectos históricos do surfe; surfe e desenvolvimento sustentável; surfe e preconceito; surfe e identidade; surfe e adesão à modalidade; lesões e estresse em surfistas amadores e profissionais; regulamentação de escolas de surfe; surfe na educação física escolar; ansiedade pré-competitiva de surfistas; aprendizagem profissional e trajetória de vida de

treinadores de surfe; cultura do surfe e estilo de vida; aspectos psicossociais do surfe adaptado e surfe, qualidade de vida e saúde.

Apesar de tais pesquisas tangenciarem aspectos importantes acerca do surfe, não foi encontrado, no âmbito nacional e internacional, estudos sobre a atuação profissional e a construção da carreira de surfistas profissionais brasileiros. Segundo, Stambulova et al (2009), os modelos de transições no âmbito da carreira esportiva existentes são muito gerais, o que demanda o desenvolvimento de estudos culturais e trans-culturais para melhor compreensão das especificidades relativas aos sistemas esportivos, à cultura de cada modalidade, aos contextos sócio-históricos, geográficos e culturais de cada país e ao gênero. Logo, a relevância científica deste estudo reside na busca pela compreensão da carreira esportiva em uma modalidade que ainda não foi explorada neste sentido: o surfe. Esperamos contribuir com dados que possam agregar no conhecimento sobre transições e desenvolvimento de carreira esportiva e sobre as especificidades destes processos nesta modalidade, no contexto brasileiro.

PARTE II — ESTUDO EMPÍRICO

1. MÉTODO

1.1. PARTICIPANTES

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou uma amostra intencional composta por seis participantes do sexo masculino, sendo quatro atletas que atuam profissionalmente com o surfe, com idade entre 15 e 28 anos (denominados P1, P2, P3 e P4 no corpo deste estudo) e dois profissionais que possuem atuação relacionada ao desenvolvimento e à organização do surfe de alto rendimento no Brasil, com idade entre 44 e 52 anos (denominados P5 e P6). Os critérios de inclusão na amostra foram a atuação profissional como surfista (nos casos de P1, P2, P3 e P4) e a atuação profissional vinculada à organização e ao desenvolvimento do surfe de alto rendimento no Brasil (nos casos de P5 e P6).

A colaboração dos participantes que atuam profissionalmente com o surfe (P1, P2, P3 e P4) para esse estudo consistiu em responder à Ficha de Identificação Sócio-demográfica (APÊNDICE A) e ao roteiro de entrevista semi-estruturada A (APÊNDICE B), composto por questões que objetivam compreender suas trajetórias de construção da carreira e atuação profissional no surfe. A caracterização dos referidos participantes encontra-se na tabela 01 a seguir.

Tabela 01
Caracterização dos Participantes-Atletas

	P1	P2	P3	P4
IDADE	27 anos	17 anos	15 anos	28 anos
ESCOLARIDADE	Ensino Médio Incompleto	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Incompleto	Ensino Superior (Graduando em(Jornalismo))
CLASSE SOCIAL* (FAMÍLIA DE ORIGEM)	Baixa	Média	Média	Média
CATEGORIA	Profissional (há mais de 10 anos)	Profissional (há menos de 1 ano)	Profissional (há um mês)	<i>Free Surfer</i>

*A classe social foi definida pelo próprio participante

** Todos os participantes competiram por anos na categoria amadora antes de realizar a transição para a categoria profissional.

Dentre os participantes que atuam profissionalmente com o surfe, três (P2, P3 e P4) estão vivenciando transições normativas na carreira e um (P1) está vivenciando uma transição não normativa (Petitpas, Champagne, Chartrand, Danish & Murphy, 1997; Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004; Alfermann e Stambulova, 2007). P1 (27 anos) compete na categoria profissional há mais de 10 anos e desde a categoria amadora foi patrocinado ininterruptamente, durante 12 anos, pela mesma marca de *surfwear*. Porém, há três meses ele perdeu a maior parte do referido patrocínio. P2 (17 anos) realizou a transição para a categoria profissional há menos de um ano e P3 (15 anos), há um mês. Neste primeiro ano, P2 já competiu na categoria profissional, e P3 se encontra na iminência de competir seus primeiros campeonatos na categoria. P4 realizou a transição para o *Free Surfer* há 3 anos, após mais de dez anos competindo na categoria profissional. É importante ressaltar que a idade dos participantes e a fase atual de suas carreiras mencionadas neste estudo tem como marcador temporal o momento de obtenção de dados, que ocorreu no primeiro semestre de 2016.

Já a colaboração dos participantes que não são surfistas profissionais (P5 e P6) consistiu em responder ao roteiro de entrevista semi-estruturada B (APÊNDICE C), composto por questões relativas restritamente à organização do surfe enquanto modalidade e à caracterização da carreira esportiva no surfe no Brasil. P5 e P6 foram incluídos nesse estudo após o Exame de Qualificação de mestrado, por sugestão dos profissionais integrantes da banca, meses após a primeira etapa de obtenção de dados, realizada com os participantes P1, P2, P3 e P4. A entrevista com P5 e P6 foi realizada no intuito de compreender informações objetivas sobre a carreira esportiva no surfe, que não foram encontradas em revisão bibliográfica, dada a escassez de publicações acadêmicas sobre a temática. A caracterização dos referidos participantes encontra-se na tabela 02 a seguir.

Tabela 02
*Caracterização dos Participantes “Não-Aletas”**

	P5	P6
IDADE	44 anos	52 anos
ESCOLARIDADE	Ensino superior (graduado em Jornalismo e Direito)	Ensino superior (graduado em Economia)
ATUAÇÃO PROFISSIONAL	Mídia especializada em surfe (revista e webportal) Publicação de Livro na área (surfe)	Mídia especializada em surfe (revista) Posições de liderança nas entidades organizadoras do surfe brasileiro
RELAÇÃO COM A PRÁTICA DO SURFE	Surfista com fins recreativos	Surfista com fins recreativos Pós-atleta** (Surfista competidor) e Ex-técnico de surfe

*O termo “Não-atletas” não pode ser compreendido literalmente, na medida em que tanto P5 quanto P6 surfam como prática de tempo livre e que P6 é um Pós-atleta. Este termo foi utilizado somente para para distinguir P5 e P6 dos demais participantes, que atuam profissionalmente como surfistas (P1, P2, P3 e P4, que foram denominados participantes –atletas na tabela 01), objetivando facilitar a compreensão do texto.

** O termo Pós-atleta é utilizado aqui por ser considerado mais coerente que o termo Ex-atleta. Afinal, em termos de identidade, um atleta continua sendo atleta, mesmo após sua transição de carreira esportiva. Principalmente em se tratando do participante em questão (P6) que continua atuando no desenvolvimento do surfe de alto rendimento.

P5 é graduado em Jornalismo e Direito, é colunista de um importante portal na internet especializado em surfe e possui publicação de livro na área. P6 possui 52 anos, é graduado em Economia, atuou nas principais entidades organizadoras do surfe brasileiro (em uma delas, por dez anos, como diretor executivo e em outra, como presidente) é pós-atleta (foi surfista competidor) e técnico de surfe. Tanto P5 quanto P6 foram colaboradores em uma revista de surfe que possuiu importante papel na disseminação e desenvolvimento do surfe de alto rendimento nacional, são surfistas (com fins recreativos) há décadas e facilitaram o desenvolvimento do surfe profissional do Brasil. Os dados obtidos com os referidos participantes embasam apenas a análise do eixo temático 1 (“A carreira esportiva no surfe de alto rendimento”) na seção “Resultados e discussão” e são mencionadas pontualmente em outras seções, para ilustrar questões objetivas da carreira no surfe.

De acordo com Minayo (1992), a amostragem na pesquisa qualitativa não objetiva a generalização e a quantificação do fenômeno investigado, mas sim uma compreensão mais individualizada e aprofundada do mesmo. Neste tipo de abordagem, o pesquisador deve utilizar uma amostragem que lhe permita identificar e analisar dados não-mensuráveis, como sentimentos, sensações, pensamentos, percepções, intenções, comportamentos passados, significados e motivações de um determinado grupo de indivíduos em relação a um problema específico. Na medida em que esta pesquisa possui abordagem qualitativa, o tamanho da

amostra foi considerado pelas pesquisadoras como suficiente para contemplar o objeto de estudo de forma a compreender o fenômeno investigado.

1.2 INSTRUMENTOS

O *corpus* de análise foi constituído pelos dados obtidos por meio de três instrumentos:

(a) Ficha de Identificação Sociodemográfica e (b) Roteiro de Entrevista semi-estruturada A e (c) Roteiro de Entrevista semi-estruturada B.

■ A — FICHA DE IDENTIFICAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA (APÊNDICE A) foi o instrumento utilizado para obter dados que permitem a caracterização dos participantes que atuam profissionalmente com o surfe (P1, P2, P3 e P4), em termos sociodemográficos, como idade, sexo, escolaridade, estado civil, quantidade de filhos e classe social da família de origem.

■ B — ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA A — (APÊNDICE B) foi elaborado pela autora para fins deste estudo. É composto por 16 questões que visam obter dados referentes à construção da carreira esportiva dos surfistas profissionais que participaram deste estudo (P1, P2, P3 e P4) e que compõe os eixos e categorias temáticas de análise, descritas na seção “Procedimentos para análise dos dados”. A entrevista semiestruturada foi utilizada como instrumento de obtenção de dados por alinhar-se ao método qualitativo de investigação adotado para esta pesquisa, na medida em que permite a flexibilidade (o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e das repostas e adaptar-se mais facilmente aos participantes e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista), a obtenção de dados em profundidade e o acesso à expressão corporal, à tonalidade de voz e à ênfase nas respostas do participante (GIL, 1999).

■ C — ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA B — (APÊNDICE C) foi elaborado pela autora para fins deste estudo, para obtenção de dados com os participantes P5 e P6. É composto por 7 questões sobre aspectos objetivos referentes à organização do surfe enquanto modalidade e à caracterização da carreira esportiva no surfe no Brasil.

Os instrumentos utilizados foram considerados apropriados para a obtenção de dados visando buscar respostas às perguntas de pesquisa e aos objetivos deste estudo.

1.3 CUIDADOS ÉTICOS

Neste estudo, o processo de obtenção, análise e apresentação dos dados foi norteado pelas diretrizes e normas propostas pela resolução de número 466/2012 do Manual de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, que normatiza a realização de projetos de pesquisa envolvendo seres humanos (Conselho Nacional de Saúde, 2012).

Os princípios da autonomia, justiça, beneficência e não maleficência, enfatizados no referido manual, foram respeitados no desenvolvimento deste estudo. A autonomia denota que o indivíduo tem o direito de escolher se deseja participar de uma pesquisa, bem como de desistir de sua participação em qualquer etapa do estudo, sem qualquer penalidade, prejuízo ou represália. A justiça implica que todas as pessoas podem participar de pesquisas e devem ter acesso aos benefícios de seus resultados, visto que as pesquisas devem ter utilidade social e científica. Já a beneficência e a não maleficência denotam que um estudo será admissível somente quando o risco se justificar pelo benefício esperado. Tais princípios, além da garantia à confidencialidade da identidade dos participantes e o esclarecimento dos propósitos, procedimentos e implicações da presente pesquisa, foram assegurados, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se encontra no APÊNDICE D. Além do TCLE (destinado aos participantes com idade acima de 18 anos), esta pesquisa incluiu um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (destinado aos participantes com idade abaixo de 18 anos) que se encontra no APÊNDICE H e um Termo de Autorização para Participação em Pesquisa (destinado aos pais e/ou responsáveis legais pelos participantes com idade abaixo de 18 anos), que se encontra no APÊNDICE F.

Outros documentos utilizados nesta pesquisa foram os Termos de Autorização para inclusão em Banco de Dados, em duas versões: uma destinada aos participantes com idade acima de 18 anos (que se encontra no APÊNDICE E) e outra destinada aos pais ou Responsáveis legais pelos participantes menores de 18 anos (que se encontra no APÊNDICE G). O objetivo destes documentos compreende obter a anuência dos participantes e/ou de seus responsáveis legais para o armazenamento e a utilização dos dados obtidos em estudos posteriores e publicações científicas, sem a necessidade de um novo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Também foi utilizada uma carta de autorização institucional, assinada pela Presidente da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP), que permitiu o contato com os Profissionais associados à referida instituição para indicação de participantes para este estudo (que se encontra no ANEXO A).

Os processos de assinatura dos documentos supracitados e de obtenção de dados se deram somente após a aprovação desta pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Filosofia de Ciências de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. Outra medida, em termos de eticidade, respeitada ao longo deste estudo, foi a omissão de alguns dados que permitiriam o reconhecimento da identidade dos participantes, na medida em que são pessoas públicas, no intuito de assegurar a confidencialidade e proteger a imagem dos mesmos.

1.4 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DE DADOS

O procedimento para a obtenção de dados se deu em duas etapas: a primeira realizada com os participantes P1, P2, P3 e P4 e a segunda, com os participantes P5 e P6.

O realizado com os participantes P1, P2, P3 e P4 se deu na sequência descrita a seguir. O convite para participação nesta pesquisa se deu via email e celular, após a aquisição do contato dos mesmos através dos Profissionais associados à ABRAPESP (Associação Brasileira de Psicologia do Esporte). A pesquisadora responsável por este estudo foi membro da diretoria da ABRAPESP na gestão de 2014/2015 e atualmente é membro associada da referida instituição, o que viabilizou o contato com os Profissionais associados.

Após a realização do *rapport* com os participantes, que incluiu a explicação sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos para obtenção e análise dos dados e o esclarecimento de eventuais dúvidas, foi documentada a anuência dos mesmos em participar desta pesquisa, mediante a leitura e assinatura dos seguintes termos: no caso dos atletas com idade acima de 18 anos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D) e o Termo de Autorização para inclusão em Banco de Dados (Apêndice E); e no caso dos atletas com idade abaixo de 18 anos, o Termo de Autorização para Participação em Pesquisa (Apêndice F) e o Termo de Autorização para inclusão em Banco de Dados (Apêndice H) por seus pais ou responsáveis legais e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice H) pelo próprio participante.

Após a assinatura dos documentos supracitados, de modo presencial, individualmente, na cidade de residência de cada participante e em local sugerido pelos mesmos. Os participantes responderam ao instrumento de número 1, *Ficha de Identificação Sócio-demográfica* (APÊNDICE A) e, em seguida, foi realizada a entrevista norteada pelo instrumento número 2, *Roteiro de entrevista semi-estruturada*: (APÊNDICE B). O processo de obtenção de dados durou entre 1 hora e 1 hora e meia e as entrevistas foram gravadas em áudio (após autorização

dos participantes) para posterior transcrição e análise dos dados.

Já o procedimento para a obtenção de dados com os participantes P5 e P6 se deu na sequência descrita a seguir. O contato com os mesmos foi realizado através de suas páginas oficiais em redes sociais, visto que ambos são pessoas públicas e referências na organização e disseminação do surfe no Brasil. As entrevistas foram realizadas através da internet (via email e aplicativo *whats up*), após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D) e o Termo de Autorização para inclusão em Banco de Dados (Apêndice E). Ambos permitiram a divulgação de sua identidade na publicação dos dados, porém, a autora deste estudo optou por omitir os dados que permitem sua identificação, objetivando a proteção da imagem dos mesmos.

1.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

O método de análise dos dados utilizado neste estudo possui caráter qualitativo e consistiu na análise das narrativas dos participantes a partir de categorias temáticas definidas a priori. A narrativa para o Aconselhamento de Carreira compreende a construção de uma história pessoal que evidencia aspectos essenciais do *Self*, da vida e da carreira do indivíduo (McIlveen, 2012). A narrativa é considerada uma metáfora da carreira, de autoria subjetiva, que fornece um ambiente profícuo de expressão e exploração, evidenciando sentimentos, atitudes, motivações, valores, desejos, experiências, representações, identidades, conteúdos nucleares, temas de vida e significados (Savickas, 2009 apud Mcilveen, 2012).

Como parâmetro da análise de dados da narrativa dos participantes, foram definidos eixos e categorias temáticas a priori, considerados relevantes após a revisão bibliográfica sobre carreira esportiva realizada para fins deste estudo e que embasaram a construção do roteiro de entrevista semiestruturado utilizado. Os eixos e categorias temáticas utilizados como parâmetro de análise dos dados estão descritos na Tabela 03. Além das categorias temáticas apresentadas na Tabela 03, os dados obtidos neste estudo permitiram a construção de novas subcategorias temáticas de análise, que são detalhadas em cada eixo e categoria temáticas na seção “Resultados e Discussão”.

Segundo Mcilveen, (2012), a ênfase da análise da narrativa no âmbito do Aconselhamento de Carreira deve residir na subjetividade, no significado e na construção do núcleo da narrativa. Neste sentido, os aspectos utilizados como parâmetro para a construção de

novas categorias e subcategorias de análise foram os conteúdos nucleares contidos na fala dos participantes. A tabela 03, a seguir, ilustra os eixos e categorias temáticas analisados neste estudo.

Tabela 03
Eixos e Categorias Temáticas

EIXOS TEMÁTICOS	CATEGORIAS TEMÁTICAS
1 A carreira esportiva no surfe de alto rendimento	1.1 A organização do surfe de alto rendimento 1.2 A construção da carreira no surfe de alto rendimento no Brasil
2 Trajetória de carreira esportiva	2.1 Estágios de desenvolvimento esportivo 2.2 Transições normativas 2.3 Transições não normativas
3 Arco-íris de carreira	3.1 Ciclo da vida ou dimensão temporal (<i>Life-span</i>) 3.2 Espaço da vida ou dimensão espacial (<i>Life-space</i>)
4 Adversidades enfrentadas na construção da carreira	4.1 Fatores de risco externos 4.2. Fatores de risco internos
5 Repertório de coping vocacional ao longo da carreira esportiva	5.1 Recursos internos de enfrentamento 5.2 Recursos externos de enfrentamento
6 Planejamento e gestão de carreira	6.1. Objetivos de carreira 6.2. Adaptabilidade de carreira 6.3 Temas de vida
7 Satisfação profissional e sucesso na carreira	7.1 Sentidos atribuídos à satisfação e ao sucesso profissionais
8 Norteadores para o desenvolvimento de carreira esportiva	8.1 Condições consideradas importantes para a formação e o desenvolvimento de futuros atletas 8.2. Demandas de intervenção em Aconselhamento de carreira

Para compreensão dos eixos, das categorias e das subcategorias temáticas, foi utilizado o escopo epistemológico do Aconselhamento de Carreira, mais especificamente, da Teoria Desenvolvimentista de Donald Super (1980) e da Teoria de Construção de Carreira de Savickas (2005). Também foram utilizados estudos recentes da bibliografia sobre Transições e Desenvolvimento de Carreira da área da Psicologia do Esporte, dentre eles, Wylleman et al, (2004). Stambulova et al (2009) e Rubio (2001, 2002, 2003, 2012).

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Objetivando facilitar a compreensão da análise de dados, os eixos e categorias temáticas serão destacados em negrito e as subcategorias temáticas serão destacadas em itálico ao longo desta seção.

2.1 EIXO TEMÁTICO 1 — A CARREIRA ESPORTIVA NO SURFE DE ALTO RENDIMENTO

O presente eixo temático é composto principalmente pelos dados obtidos com P5 e P6 e possui algumas contribuições mais pontuais dos participantes que atuam profissionalmente com o surfe (P1, P2, P3 e P4). E inclui quatro categorias temáticas de análise: duas definidas a priori (“Organização do surfe de alto rendimento” e “A construção da carreira no surfe de alto rendimento no Brasil”) e duas construídas a partir da obtenção de dados (“A carreira no surfe de alto rendimento: caracterização e atuação” e “A progressão na carreira no surfe de alto rendimento”), que serão descritas a seguir.

2.1.1 Organização do surfe de alto rendimento

De acordo com P6, não há um órgão diretivo internacional responsável pela regulamentação e organização do surfe, o que favorece que o surfe seja um esporte desorganizado, como exemplificado na fala a seguir.

O surfe realmente é confuso... na verdade é uma bagunça, porque não tem uma entidade superior, tipo a FIFA, que regulamenta todo o futebol, a FIBA, que regulamenta todo o basquete. No surfe não existe isso. Deveria ter um órgão mundial que regulamentasse o esporte de cima para baixo, como é feito com a maioria dos esportes. Mas isso pode mudar com o surfe nas Olimpíadas (P6, 52 anos).

O participante ainda enfatiza que o fato da *WSL (World Surf League)*, responsável pela

realização do circuito mundial de elite do surfe (*World Championship Tour*), ser uma empresa, que atende a interesses próprios e não está vinculada a outras entidades locais, nem desenvolve trabalho em conjunto com as mesmas, também prejudica a organização do surfe enquanto esporte. P5 (44 anos) acredita que o fato do surfe ser um dos novos esportes a integrar as Olimpíadas, irá facilitar que a regulamentação da modalidade ocorra em breve.

As entidades responsáveis por desenvolver o surfe em âmbito mundial, Segundo P6 (52 anos), são a *International Surfing Association (ISA)*, que tem a responsabilidade de desenvolver o surfe amador no mundo e *World Surf League (WSL)*, uma empresa com fins lucrativos, que organiza o circuito mundial do surfe de elite: (“A *WSL* é independente, não aceita nenhuma orientação da *ISA*”). Apesar da progressão na carreira do surfista incluir a transição do surfe amador para o profissional, é possível observar que as entidades responsáveis pelo surfe amador e profissional em âmbito mundial, não atuam de modo interdependentes, nem respeitam hierarquias. Esta dissociação também ocorre em relação ao surfe profissional em âmbito nacional e internacional, visto que, de acordo com P6 (52 anos), a *WSL* e a Associação Brasileira de Surfistas Profissionais (ABRASP) não possuem ligação. Logo, o ranking brasileiro de surfe profissional não possui ligação com o ranking mundial de surfe profissional, de modo que a participação no *WSL* não depende diretamente de resultados esportivos atingidos no âmbito nacional.

Segundo P6 (52 anos), no Brasil, existem duas instituições responsáveis por gerir o surfe de alto rendimento: a CBS, Confederação Brasileira de Surfe, entidade sem fins lucrativos, que é responsável pelo desenvolvimento do surfe Amador (realização de campeonatos e organização das equipes brasileiras amadoras em competições internacionais) e a ABRASP (Associação brasileira de surfe profissional), entidade sem fins lucrativos, que é responsável pelo desenvolvimento do surfe profissional no Brasil. Sobre a relação estabelecida entre ambas as entidades, o participante enfatiza o que se segue.

A Abrasp deveria ser o braço profissional da CBS, que é considerada a entidade máxima de surfe no Brasil. Mas a Abrasp foi fundada antes e tem mais credibilidade que a CBS, que tem pouca aceitação. A CBS é ligada a *ISA* e aceita regulamentação de cima pra baixo, que é como deveria ser de uma forma geral (P6, 52 anos).

Logo, é possível observar que o surfe brasileiro segue a mesma tendência do surfe mundial: as entidades responsáveis pelo desenvolvimento do surfe amador e profissional, que deveriam atuar de modo articulado, não o fazem.

2.1.2 A carreira no surfe de alto rendimento: caracterização e atuação

Apesar do crescimento exponencial do surfe em âmbito mundial e nacional, ainda não há nenhum órgão que regule a profissão de surfista, nem programas de desenvolvimento de carreira no surfe, segundo P6 (52 anos), de modo que, mesmo as entidades responsáveis pelo surfe em âmbito nacional (ABRASP e CBS) e mundial (*ISA* e *WSL*), não o fazem. No entanto, o participante considera que o desenvolvimento e a atuação profissionais no surfe compreende uma carreira, embora a defina como uma “carreira clandestina ou informal”.

O surfe é um esporte extremamente amador na sua essência... os atletas seriam autônomos, mas a maioria não paga imposto. Poucos são os que abrem firma e recebem como empresa. CLT, nem pensar. A única coisa que determina se o surfista é profissional é seu vínculo com a Abrasp ou WSL... vínculo no sentido de pagar a taxa de filiação e a participar dos campeonatos. Falar que é profissional é só uma nomenclatura, porque vários não tem salário e nem ajuda de custo (P6, 52 anos).

Os termos “carreira clandestina ou informal” e “CLT nem pensar”, evidenciam que, em se tratando de uma profissão não regulamentada, não há leis que garantam os direitos trabalhistas dos atletas profissionais no surfe, o que denota que o profissional não está protegido, nem possui benefícios em situações de afastamento por motivos de saúde (como lesões esportivas) ou aposentadoria. Na medida em que não há leis trabalhistas asseguradas a priori, o formato do contrato de trabalho fica a critério da empresa patrocinadora.

O trecho “o surfe é um esporte extremamente amador na sua essência”, extraído da fala de P6 (52 anos), vai ao encontro da literatura sobre a trajetória histórica do surfe no mundo e no Brasil: na metade do século XIX, o surfe era visto pelos europeus como uma apologia à ociosidade, devido ao seu caráter lúdico (Souza, 2013) e, no Brasil, entre as décadas de 1940 e 1960, o surfe viveu uma fase amadora e marginalizada, pois era associado a uma cultura de ociosidade, visto que a maioria dos indivíduos que se dedicava à modalidade, possuía bom poder aquisitivo e não trabalhava (Fortes, 2009). Nesse sentido, o fato de a profissão de surfista não ser regulamentada, pode estar relacionado a um resquício histórico do preconceito associado à modalidade. Além disso, o fato de o surfe ser praticado na praia, um local de lazer para a maioria das pessoas, reforça sua representação enquanto prática amadora, associada à prática de tempo livre e não ao âmbito da atuação profissional. A fala de P4, a seguir, ilustra tal aspecto lúdico.

Atleta profissional já é visto de forma diferente, ainda mais em modalidade que sai um pouco da curva... esse preconceito acontece com qualquer modalidade menos tradicional: surfe, *skate*, *motocross*... é muito difícil pra sociedade aceitar alguém bem-sucedido com algo que traz tanto prazer aparentemente, é mais uma opressão social (P4, 28 anos).

A representação do surfista profissional na fala dos participantes possui duas conotações diferentes: (a) um atleta que atua profissionalmente com o surfe; (b) um surfista que compete na categoria profissional, porém, na maioria das vezes, os participantes utilizavam o termo para referirem-se à categoria de competição, como ilustra a fala supracitada de P6 (52 anos). Esta ambiguidade evidencia um paradoxo importante na carreira de surfista: é possível ser um “surfista amador profissional” (ou seja, um surfista de alto rendimento, que compete pela categoria amadora e possui um vínculo empregatício remunerado com a empresa patrocinadora para fazê-lo) e é possível ser um “surfista profissional amador” (ou seja, um surfista de alto rendimento, que compete pela categoria profissional, sem no entanto ser remunerado para fazê-lo, de modo que necessita custear com recursos próprios o investimento no papel de atleta, até que consiga um patrocínio). A fala de P2, P5 e P6 ilustram esta questão nos excertos apresentados a seguir.

Alguns surfistas da categoria amadora tem patrocínio. Na categoria profissional, infelizmente vários não tem e correm campeonato com dinheiro próprio ou com dinheiro da premiação... Vivem dos próprios campeonatos... Precisam ir bem e ganhar o máximo de dinheiro, pra poder participar e pagar as despesas dos próximos campeonatos (P2, 17 anos).

Diz-se que o surfista é profissional, quando ele tem objetivo, o desejo de viver das competições. Quando ele escolhe o surfe como profissão. Quando ele toma isso como profissão. É um pouco mais sistêmico (P5, 44 anos).

Na fala de P2 (17 anos) é possível observar que, em diversos casos, o surfista não possui uma estrutura adequada para desenvolver e desempenhar seu papel ocupacional, o que reforça a precarização do trabalho no surfe, já mencionada anteriormente. Porém, esta fala também traz uma alta motivação intrínseca para o desempenho do papel de atleta profissional no surfe, a despeito das barreiras encontradas. Já a fala de P5 (44 anos) traz uma definição de surfista profissional relacionada à escolha profissional e à identidade ocupacional. Em ambas as falas, é possível perceber que o desejo de atuar como surfista profissional e a escolha de viver do surfe são tão intrínsecos, que o surfista busca meios de atuar profissionalmente com o surfe, mesmo em situações de precarização do trabalho. Neste sentido, mesmo P3 (15 anos) que ainda não é patrocinado, pode ser considerado um surfista profissional (que compete pela categoria

profissional). Pois ele realizou a escolha de seguir a carreira esportiva, considera o surfe sua profissão e possui rotina de atleta profissional.

De acordo com os participantes (atletas), a atuação como surfista profissional inclui a preparação, o desenvolvimento e o desempenho da prática esportiva e o gerenciamento de aspectos logísticos e midiáticos da carreira, que inclui o trabalho em *home office*, como resalta P1 (27 anos): “O trabalho não é só no mar, também inclui organizar as coisas do surfe pela internet”, para o contato com patrocinadores e apoiadores; a logística dos campeonatos, que inclui a inscrição, a organização das viagens; a compra de passagens e a reserva de hospedagem e para o gerenciamento do papel virtual de pessoa pública nas redes sociais, que inclui o contato com fãs e seguidores e a divulgação da imagem do atleta associada à empresa patrocinadora. A atuação relacionada à divulgação da imagem do atleta e das empresas patrocinadoras inclui a veiculação em diversas mídias especializadas na modalidade, como nos traz P4 (28 anos): “uma coisa que no surfe é peculiar, que é muito parecido com skate, esportes radicais, é que tem outras atividades no universo do surfe que são tão importantes quanto competir... lançamento de filme, capa de revista...etc).

P1 (27 anos) considera que ser atleta profissional é um trabalho como qualquer outro, na medida em que há a demanda de foco para o cumprimento de horários e de uma rotina profissional: “A única diferença é que você trabalha com o corpo... não tem descanso, nem chororô. Tem que malhar, preparar seu corpo e sua mente... e trabalhar dentro e fora do mar”. Este trecho ilustra a importância da preparação física e psicológica do atleta, visto que as habilidades demandadas em sua preparação profissional são relativas ao âmbito físico e psicológico.

Além do surfe com fins competitivos, uma das frentes de atuação profissional na modalidade é o *free surf*. Segundo P4 (28 anos), o *free surfer* é um surfista que é patrocinado para atuar profissionalmente com o surfe, mas não participa de competições e este tipo de relação profissional é comum nos esportes radicais (“a empresa tem interesse de associar a marca à imagem de determinado atleta... em viagens, filmes... é uma via de mão dupla). De acordo com P5 (44 anos) existem *free surfers* que ganham melhor do que surfistas cocompetidores (“mas isso não é regra... na verdade é muito dinâmico, como em qualquer outra profissão”). P4 (28 anos) resalta que este tipo de atuação é bastante comum no skate e em esportes radicais e que para tornar-se um *free surfer*, o atleta necessita antes ter apresentado bons resultados em competições (“não tem *free surfer* de 13 anos, não tem como criar essa reputação tão cedo...tem surfista que para de competir mundial com 20 anos e vira *free surfer*, porque teve condição de se tornar”).

P5 (44 anos) considera que os bons resultados obtidos em competições facilitam a transição para o *free surfer*, por resultarem em maior credibilidade e visibilidade para o atleta. Porém, ressalta que há atletas que não atingiram a elite do surfe e se tornaram *free surfers* mesmo sem terem sido grandes competidores, pois apresentavam outras habilidades relativas à comunicação (“eram mais articulados... comunicativos”), que podem ser consideradas importantes para a atuação neste formato (“*free surfer* não compete, mas vive do esporte... a profissão dele é fazer vídeos, viajar, ter visibilidade em rede social”). P4 (28 anos) também cita habilidades importantes para a atuação como *free surfer*, que transcendem as habilidades esportivas, relativas à liderança e influência social (“A empresa escolhe associar a imagem àquele atleta porque ele tem determinada exposição, é um formador de opinião dentro de um universo”). É possível observar que a transição para o *free surfer* compreende uma transição gradativa do surfe de alto rendimento para a carreira de pós-atleta, podendo ser considerada uma espécie de destreinamento esportivo viável na modalidade.

Apesar de P4 enfatizar que ainda há preconceito associado ao surfe e ao surfista, após a obtenção do título de campeão mundial de surfe por Gabriel Medina, o primeiro brasileiro a conquistar tal posição, o participante acredita que a imagem do surfe no Brasil foi ressignificada positivamente e tal ressignificação teve um papel importante da mídia:

O preconceito ainda existe, mas os brasileiros veem o surfe de outra forma, pelo que aconteceu recentemente com o Medina. É diferente, porque hoje a grande mídia cobre o surfe. Comparando com outras modalidades, a relação da mídia com o surfista é amigável, leve... o surfe é retratado de forma legal, como uma atividade super bacana... você não sai da bateria com o cara enfiando microfone na sua cara, porque o surfe é visto muito mais como lazer, do que um esporte competitivo, então não tem assédio sobre assuntos pesados como derrota... o que mais vende no surfe é o lado do prazer... a mídia procura muito mais esse lado (P4, 28 anos).

Esta fala corrobora Gullin e André (2015), que ressaltam ter havido uma mudança significativa no modo como a mídia esportiva brasileira veicula o surfe, após o Brasil ter seu primeiro campeão mundial na modalidade, que inclui o emprego de uma linguagem mais adjetivada e repleta de expectativa em relação ao desempenho dos surfistas brasileiros. Logo, é possível observar que o fato do Brasil ter entrado para a história do surfe de elite mundial influenciou positivamente a representação do surfe e dos surfistas no imaginário esportivo, que de acordo com Rubio (2002), consiste em um conjunto de práticas, procedimentos e comportamentos, coletivos e individuais, construídos em torno de uma modalidade esportiva específica e que influencia as atitudes e comportamentos de seus praticantes.

2.1.3 A progressão na carreira no surfe de alto rendimento

Os dados obtidos nas entrevistas realizadas com P5 e P6 nos permitem compreender melhor como se dá a progressão da carreira no surfe de alto rendimento, ou seja, a carreira objetiva, que é ilustrada e caracterizada na figura 01 abaixo e descrita ao longo desta subseção.

Figura 01

Fluxograma: a progressão da carreira no surfe (carreira objetiva)

De acordo com P6 (52 anos), em termos de progressão da carreira no surfe, a transição mais importante compreende a transição da categoria amadora para a categoria profissional. A categoria amadora de surfe é dividida em subcategorias, de acordo com a idade do atleta (categorias sub 12, sub 14, sub 16 e sub 18). O atleta pode competir na categoria amadora nacional até os 18 anos, na subcategoria referente à sua idade. Porém, ele pode optar por competir nas subcategorias amadoras acima de sua idade ou antecipar sua transição para a categoria profissional antes de ter competido em todas as subcategorias amadoras. P2 (17 anos) e P6 (52 anos) ressaltam que esta transição tanto no Brasil quanto no exterior, não está condicionada diretamente ao alcance de resultados esportivos ou à classificação no ranking. O

surfista passa a ser considerado profissional quando se filia às entidades de surfe profissional ABRASP (em âmbito nacional) ou à *WSL* (em âmbito internacional), mediante o pagamento da taxa de filiação, e, a partir de então, pode competir apenas nos campeonatos profissionais. P6 enfatiza como se dá a transição para a categoria profissional na fala seguinte.

O atleta vai vendo seus resultados no amador, e se for muito bom, se perceber que tem condições, pode antecipar...pode correr as categorias da frente...com 12 anos, por exemplo, ele pode correr na categoria amadora sub16 e ganhar. Só não pode correr ao contrário: por exemplo, se tiver 18, não pode competir na de sub16. E ele pode chegar no sub16 do Amador, por exemplo e optar por virar profissional. O Medina por exemplo, com 15 virou profissional e foi competir pela *WSL* (P6, 52 anos).

É possível observar que a progressão na carreira no surfe, em relação às categorias e subcategorias de competição, pode ser considerada flexível, na medida em que não é condicionada diretamente ao alcance de resultados ou à classificação no ranking. Porém, apesar do atleta poder optar por competir em subcategorias acima da sua e/ou antecipar sua profissionalização, esta não é efetivamente uma “escolha”, visto que está condicionada à percepção da existência de pré-condições (suporte financeiro e habilidade esportiva) para fazê-lo. Neste sentido, P6 (52 anos) enfatiza que os bons resultados atingidos na carreira amadora nacional facilitam que o atleta alcance o nível mundial da carreira profissional. Pois, permitem que o atleta consiga bons patrocínios, que são essenciais para financiar os gastos com a carreira internacional.

Para competir na elite do surfe mundial (*World Championship Tour*, campeonato conhecido como *WCT*), o atleta precisa antes “correr o *WQS*” (*World Qualifying Series*), ou seja, competir as etapas da série de qualificação do campeonato mundial. O *WCT* e o *WQS* são campeonatos realizados pela empresa *World Surf League*, destinados à categoria profissional de surfistas de alto rendimento (caso as vagas não sejam preenchidas pelos surfistas profissionais, os surfistas amadores também podem competi-los, porém, sem pontuar no ranking). Para entrar no *WCT*, o atleta necessita atingir 20.000 pontos em competições do *WQS* (são contabilizados 5 notas no ano). O *WQS* possui 128 vagas e dois tipos de campeonatos os menores (*QS* 1.000, *QS* 1.500 e *QS* 3.000, que valem 1.000, 1.500 e 3.000 pontos, respectivamente) e os maiores (*QS* 6.000 e *QS* 10.000, que valem 6.000, 10.000 pontos, respectivamente). Ao entrar no *WQS*, o atleta pode se inscrever apenas nos eventos menores e somente os 96 primeiros atletas do ranking do *WQS* podem competir os campeonatos maiores. P5 e P6 enfatizam que os atletas necessitam progredir gradativamente no *WQS* para depois

objetivarem entrar no *WCT*. Neste sentido, um planejamento estratégico se faz necessário, como mostram as falas dos dois participantes, descritas a seguir.

No *WQS*, os campeonatos que valem mais, demandam que o surfista seja pré-ranqueado, não é qualquer atleta que pode entrar. Muitas vezes só entram os atletas convidados, de acordo com sua pontuação no *ranking* (P5, 44 anos).

Pra chegar no *CT*, precisa antes progredir no *QS*. Como as etapas tem diferentes pontuações, tem que fazer um planejamento: primeiro corre os campeonatos menores do *QS*... por exemplo, vai pra Israel, Marrocos, disputar campeonato de 1.500 pontos...vai correndo as etapas, marcando pontos com o objetivo de chegar nos 96 do ranking... pra poder alcançar o segundo degrau, que é poder correr os campeonatos maiores do *QS*, que valem mais. Pra depois tentar chegar no *CT* com os pontos dos eventos grandes do *QS*. Sem os campeonatos maiores do *QS*, você não entra no *CT*. E depende da qualidade do atleta chegar mais rápido ou não na parte de cima do *QS* (P6, 52 anos).

É possível observar que a progressão no surfe de alto rendimento com foco na elite mundial é favorecida pela classificação no ranking e demanda que o atleta tenha capacidade de planejar estrategicamente quais competições irá disputar, um nível altíssimo de habilidade esportiva e recursos financeiros para custear as viagens, hospedagens, inscrições nas competições e material esportivo para “correr” os campeonatos ao redor do mundo. De acordo com o Livro de Regras da *WSL* (2017), além das taxas de filiação à referida instituição, há taxas de inscrição nos campeonatos. A taxa de filiação ao *CT*, por exemplo, é de 2.000 dólares e as taxas de inscrição nos campeonatos do *QS* variam de 200 dólares — competições *QS* 1.000, 1.500, 3.000 e 6.000 — a 350 dólares — competições *QS* 10.000. Na medida em que no *QS* são consideradas as 5 melhores pontuações do atleta no ano, o atleta necessita participar de muitas etapas, visto que o surfe de alto rendimento está cada vez mais competitivo. Tais aspectos vão ao encontro da fala anterior de P6 (52 anos), sobre a relevância de ter um bom patrocinador para viabilizar o desenvolvimento do atleta nas competições de âmbito internacional.

No *WCT* há apenas 34 vagas, sendo 22 vagas destinadas aos melhores surfistas ranqueados ao final da temporada anual nas etapas do *WCT*, 2 vagas destinadas ao *WSL Wildcard* (atletas convidados, após ficarem afastados das temporadas de competições devido a lesões e períodos de reabilitação) e apenas 10 destas vagas destinadas aos melhores ranqueados ao final da temporada anual nas etapas do *WQS* (*WSL*, 2017). Logo, para entrar no *WCT*, além de atingir 20.000 pontos no *WQS*, o atleta necessita estar entre os 10 primeiros que conseguiram atingir os 20.000 pontos e, para se manter no *WCT*, o atleta deve estar entre os 22 melhores

surfistas do mundo. P5 (44 anos) ressalta que “O grande funil é a divisão de acesso. Muitos surfistas passam muitos anos para entrar no WCT”. Tais dados evidenciam o alto nível de habilidade esportiva demandada no circuito mundial.

2.1.4 A construção da carreira no surfe de alto rendimento no Brasil

De acordo com P5 (44 anos), atualmente o “celeiro” nacional dos grandes Surfistas de alto rendimento é o estado de São Paulo (região a qual pertencem todos os atletas que colaboraram com este estudo). Para o participante, a acessibilidade aos locais em que os campeonatos de surfe são realizados (em termos de proximidade geográfica), compreende um fator facilitador do desenvolvimento local da cultura do surfe e do surfista no esporte.

O berço da cultura do surfe no Brasil foi o Arpoador, o Rio... que foi o grande celeiro de grandes surfistas nos anos 1970 e 1980. Hoje o Rio, com algumas exceções, não forma mais grandes atletas na elite. Hoje os campeonatos mais importantes estão mais concentrados no Estado de São Paulo, por isso a maioria dos brasileiros que tem mais resultados, que está no *WCT* é do Estado de São Paulo. No Rio, os campeonatos são muito mais pontuais e por isso o Rio atualmente tem menos representação no *WCT* (P5, 44 anos).

Em relação à progressão na carreira no surfe nacional, P6 (52 anos), enfatiza que os atletas, de modo geral, possuem dois objetivos principais ao competir os campeonatos amadores no Brasil: se destacar no ranking Amador para (a) ter visibilidade e conseguir bons patrocínios; (b) competir e/ou vencer o campeonato mundial amador da *ISA (International Surfing Association)*. Em relação ao plano (a), o atleta necessita alcançar bons patrocínios para poder desenvolver-se no esporte e progredir na carreira, como ressalta P6:

O atleta tem que lutar para ter destaque, estar no ranking amador municipal, estadual. Por exemplo, São Paulo, tem o *hang loose attack*, um campeonato amador importante... ser campeão nele dá visibilidade pra arrumar patrocinador...é uma escadinha..o atleta precisa se destacar, pra ter apoio e com o apoio poder desenvolver um trabalho que permita alcançar o objetivo de chegar no *CT* (P6, 52 anos).

Stambulova et al (2009), ressalta que à partir de 1990, o modo de compreender o talento no esporte foi ressignificado, da detecção/seleção de talentos para o desenvolvimento de talentos. Porém, a fala supracitada de P6 permite observar que o modo de lidar com a questão

do talento no surfe de alto rendimento não acompanha esta ressignificação. Afinal, o atleta deve primeiro se destacar, para depois poder ter o apoio necessário para se desenvolver no esporte, o que vai ao encontro do paradigma de detecção/seleção de talentos e torna a construção da carreira de elite no surfe um privilégio para poucos.

Em relação ao objetivo (b), para conseguir vaga no mundial amador da *ISA*, o atleta tem que competir as etapas do circuito brasileiro amador e se destacar no ranking amador de seu estado, para então conseguir integrar as equipes brasileiras amadoras (por exemplo, a equipe do Rio de Janeiro ou de São Paulo). Ao integrar uma das equipes, o atleta necessita ficar entre os dois melhores atletas do *ranking*, para garantir a vaga no mundial da *ISA*, que é um campeonato por equipe, mas tem o campeão individual. P6 enfatiza a relevância deste campeonato para a carreira do atleta no excerto a seguir.

Só o fato de entrar em uma equipe brasileira já é bom sinal, de que o atleta é bom, que a empresa pode patrocinar ele. E se tiver boa colocação no campeonato da *ISA*, abre portas, abre a possibilidade de patrocínio internacional, com empresas fortes... se for campeão mundial amador então... abre portas no mundo todo... traz um retorno enorme, porque é como se ele competisse contra o mundo todo, contra os melhores de cada equipe... e ele é o melhor... o Brasil teve alguns campeões mundiais amadores... como o Fábio Gouveia e o Gabriel Medina (P6, 52 anos).

Em síntese, é possível observar que ambos os objetivos citados por P6 como os principais a serem atingidos pelos atletas na carreira amadora, podem ser considerados “sub-objetivos” que, ao serem alcançados, fornecem uma pré-condição para o alcance do objetivo primordial: ter recursos (financeiros/patrocínio) que permitam o desenvolvimento no esporte e a transição do âmbito competitivo nacional para o mundial (competir e/ou vencer os campeonatos mundiais profissionais), ou seja, construir uma carreira esportiva de elite, que compreende a carreira (amadora ou profissional), desenvolvida em nível internacional (Alfermann & Stambulova, 2007).

Em relação ao desenvolvimento da categoria profissional de surfe no âmbito brasileiro, P6 (52 anos) considera haver uma crise atualmente. Principalmente quando comparado há alguns anos, quando havia o Supersurfe, (circuito brasileiro de surfe profissional) considerado muito importante no desenvolvimento do surfe profissional brasileiro. Segundo o participante, os mesmos atletas que competiam o *WQS*, competiam paralelamente o Supersurfe, objetivando ganhar a premiação e ter visibilidade para conseguir bons patrocínios, pois o circuito brasileiro tinha uma intensa cobertura da mídia e oferecia 200 mil por campeonato. Com a premiação recebida no Supersurfe, os atletas custeavam a participação no circuito mundial, de modo que

a maioria dos atletas utilizava o âmbito nacional para se desenvolver no surfe. Porém, após a extinção do Supersurfe (em decorrência de crise econômica brasileira, que resultou em falta de investimento em campeonatos de surfe nacionais maiores), o panorama do surfe brasileiro profissional mudou bastante, como evidencia a fala de P6, a seguir.

Hoje é diferente: quem tem potencial pra elite, como não usa o circuito brasileiro profissional como degrau, usa o circuito amador e vai direto pro mundial... muitos usam o *hang loose*, que é um campeonato de base, amador forte. Quem se destaca, vai pra temporadas no Hawaí, Tahiti, bancado pelos patrocinadores, aprender a surfar ondas que não tem no Brasil, que só tem no mundial. O atleta vai sendo sistematicamente preparado, para com 16, 17 anos ter resultados no QS. O próprio Medina foi assim, se destacou no amador e já foi pro mundial (P5, 44 anos).

O circuito brasileiro profissional tá meio morto, capenga... os atletas que estão nele, é pela grana e para se manter em forma, nem visibilidade tá tendo. E a premiação é baixa, 5, 10 mil... a maior premiação nacional hoje é 30 mil... O surfe profissional brasileiro hoje tem um problema bem sério: o atleta bom acaba a carreira amadora e não corre campeonato brasileiro, a prioridade é correr mundial, pra quem tem apoio e potencial para chegar lá. Isso foi também pela globalização, mas mais pela crise. Se a premiação fosse boa, os atletas incluiriam o circuito nacional no calendário... com o supersurfe, o cara sedimentava a carreira aqui (P6, 52 anos).

As falas de P5 (44 anos) e P6 (52 anos) ilustram como o contexto econômico da modalidade no país, acarretou mudanças significativas no formato da progressão da carreira dos atletas brasileiros. A fala de P5 também permite observar que, o fato de os surfistas não utilizarem mais o circuito profissional brasileiro como degrau para o circuito mundial, reforça o paradigma de detecção/seleção de talento no surfe, pois favorece que o desenvolvimento de talentos seja um processo acessível apenas àqueles atletas que apresentam desempenhos notáveis, como define P5, para quem “tem potencial pra elite” e “quem se destaca”. Assim, os atletas precisam se destacar mais precocemente, para terem a oportunidade de galgarem uma carreira de elite, o que pode atuar como um possível fator de risco para a especialização esportiva precoce.

Os participantes P1 (27 anos) e P4 (28 anos) desenvolveram suas carreiras amadoras e realizaram a transição para a categoria profissional enquanto ainda havia o Supersurfe. Já P2 (17 anos) e P3 (15 anos), realizaram a transição para a categoria profissional recentemente, ou seja, no novo contexto de progressão de carreira, após a extinção do Supersurfe. Deste modo, podemos dizer que P1 e P4 pertencem a uma “geração do surfe” distinta de P2 e P3. A fala a seguir, ilustra a diferença no formato de progressão da carreira entre as duas gerações e vai ao encontro da afirmação de P6, de que a existência de um circuito profissional nacional forte permitia um formato de progressão de carreira mais gradual.

Ser campeão brasileiro na época era tipo ser campeão mundial. Ninguém ia pro mundial antes de ser campeão brasileiro... tinha que ter este título na carreira pras marcas de surfe pensarem: ‘se ele é campeão brasileiro é o melhor brasileiro, pode ir pro mundial. Antigamente tinha que ser campeão municipal, paulista depois brasileiro pra então competir o Mundial. Não é igual hoje que você vai direto pro Mundial (P1, 27 anos).

Nessa fala é possível observar que a existência do Supersurfe efetivamente permitia que os atletas sedimentassem a carreira em âmbito nacional antes de realizar a transição para o âmbito internacional e que, atualmente, o desafio de sedimentar a carreira ocorre concomitantemente ao desafio da transição para o âmbito internacional, como anteriormente mencionado por P6 (52 anos).

Também podem ser observadas diferenças significativas em termos de oportunidades profissionais nas duas gerações, em decorrência dos diferentes contextos econômicos da modalidade no país: P1 (27 anos) e P4 (28 anos) consideram que sua geração encontrou um mercado do surfe melhor e, conseqüentemente, havia mais empresas dispostas a patrocinar os surfistas, quando comparado ao momento atual. As falas de P2 e P4 abaixo ilustram o panorama das oportunidades profissionais (patrocínios) atualmente e na década passada.

Hoje no Brasil existe uma grande falta de patrocínios para atletas de alto nível. Alguns nem conseguem competir os campeonatos... tem talento, mas não tem condições de pagar inscrição, passagem, hospedagem, comida, etc (P2, 17 anos).

Minha geração pegou um mercado de surfe favorável no país... um atleta bom de 12 anos tinha patrocínio muito forte e se tivesse resultados, melhor ainda... hoje deu uma esfriada, não tem as mesmas oportunidades... o país está em um momento diferente... agora precisa mostrar muito mais resultado pra conseguir patrocínio forte (P4, 28 anos).

P1 enfatiza que apesar de atualmente haver no Brasil dois campeões mundiais de surfe e inúmeros brasileiros se destacando na elite do surfe mundial, a modalidade vive um período de crise no país, quando comparada à década anterior (“hoje muitos atletas bons não tem patrocínio, isso gera um medo pra quem tem...tem que tá treinando, focado e dando resultado pra continuar com patrocínio”). Nas falas de P1 (27 anos) e P2 (17 anos) é possível observar que atualmente há uma precarização do trabalho no surfe de alto rendimento e que a dúvida acerca da estabilidade profissional e financeira atua como um estressor na carreira. A diferença entre as duas gerações de surfistas, presente nas falas dos participantes, no que tange às oportunidades profissionais, vai ao encontro dos achados de Barros (2015), que, em revisão bibliográfica sobre a carreira esportiva, observou que os contextos culturais, econômicos e sociais dos esportes e das modalidades influenciam na contratação de profissionais, na

valorização e no investimento financeiro na modalidade e no desenvolvimento dos atletas.

Essa decadência atual do surfe profissional brasileiro, ilustrada pela fala dos participantes, ocorre em um momento histórico em termos de destaque do surfista profissional brasileiro no país e no mundo: dois brasileiros tornaram-se campeões mundiais de surfe, título inédito antes de 2014, inúmeros atletas brasileiros vêm se destacando nas etapas do *WQS* e no *WCT*, a imagem do surfista veiculada pela mídia brasileira mudou significativamente e há o reconhecimento midiático internacional do desempenho notável dos surfistas profissionais brasileiros, ilustrado pelo termo “*brazilian storm*”, utilizado em referência aos surfistas de elite brasileiros (Gullin & Andre, 2015; Cenasurf, 2015; *World Surf League*, 2016, 2017). Logo, para a resolução deste paradoxo (desvalorização do surfe profissional brasileiro X valorização do surfista profissional brasileiro), é de extrema importância que haja investimento no circuito profissional em âmbito nacional, para que o Brasil possa voltar a ser um “celeiro de desenvolvimento de talentos” e não apenas um “exportador de talentos”, de modo que aqueles atletas que não possuem o “apoio e potencial” (referidos por P6, 52 anos) para alcançar o âmbito mundial, também tenham oportunidades de se desenvolver no esporte.

O panorama atual da construção da carreira no surfe de alto rendimento brasileiro, trazido pelos participantes, evidencia desafios importantes para a psicologia no desenvolvimento de carreira de surfistas profissionais. A precarização do trabalho e a escassez de oportunidades profissionais favorecem o aumento da competitividade, como ilustra P4: “agora precisa mostrar muito mais resultado pra conseguir patrocínio forte” (28 anos). Para Rubio (2012), quanto mais competitivo torna-se o esporte, mais frequente torna-se a especialização esportiva precoce. Neste sentido, para aqueles atletas que objetivam atingir resultados a qualquer custo, a crise atual no surfe de alto rendimento brasileiro pode ser um convite à especialização antes da puberdade. Ademais, há a demanda de auxiliar atletas a construírem carreiras globalizadas precocemente, distantes de pessoas significativas de sua rede de apoio social e sem necessariamente terem desenvolvido as habilidades sócio-emocionais necessárias para adaptarem-se, como enfatiza P6.

Do jeito que é hoje, complicou bastante pro atleta. Antes, ele se desenvolvia no Brasil, tinha apoio familiar perto, uma graninha a mais, pra depois ir pro mundo...agora, além do apoio financeiro, tinha que ter apoio psicológico para sair do Brasil pro mundial de uma hora para outra (P6, 52 anos).

Este aspecto vai ao encontro de Stambulova et al (2009), que ressalta que, na atualidade os psicólogos do esporte e profissionais que atuam com assistência e desenvolvimento de

carreira de atletas devem estar aptos para uma atuação com diretrizes transculturais, no intuito de lidar com os desafios relativos à crescente mobilidade internacional de atletas e auxiliá-los na adaptação a novas culturas.

2.2 EIXO TEMÁTICO 2 — TRAJETÓRIA DE CARREIRA ESPORTIVA

O presente eixo temático é composto pelas categorias temáticas “Estágios de desenvolvimento esportivo”, “Transições normativas” e “Transições não normativas”, definidas a priori e por diversas subcategorias, construídas a partir dos dados obtidos. Estas subcategorias, que compreendem os diferentes estágios (em relação ao nível de desenvolvimento esportivo) e transições, normativas e não normativas vivenciadas pelos participantes ao longo da trajetória de carreira, são descritas na Tabela 04.

Tabela 04
Trajetoria de carreira esportiva

EIXOS TEMÁTICO	CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS
■ Trajetória de carreira esportiva	■ Estágios de desenvolvimento esportivo	■ Estágio de iniciação esportiva; ■ Estágio de especialização esportiva; ■ Estágio de investimento esportivo.
	■ Transi���es normativas	■ Transi���o da prática esportiva infantil para o alto rendimento; ■ Transi���o da prática esportiva autônoma para a patrocinada; ■ Transi���o da categoria amadora para a profissional; ■ Transi���o do âmbito nacional para o mundial de competi���o; ■ Transi���o do surfe competitivo para o <i>free surfer</i> .
	■ Transi���es não-normativas	■ <i>Dropout</i> esportivo temporário; ■ Lesão e interrup���o da prática esportiva para processo de reabilita���o;

As categorias e subcategorias supracitadas, pertencentes ao eixo temtico “Trajetria de carreira esportiva”, so discutidas a seguir.

2.2.1 Estágios de desenvolvimento esportivo

Os estágios e transições encontrados se assemelham aos modelos existentes de sucessão de estágios que definem a carreira esportiva (Bloom, 1985; Salmela; 1994, Stambulova, 1994; Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004; Stambulova et al, 2009). Os participantes vivenciaram a sequência geral de estágios definida pelos autores: que compreende o estágio de iniciação/amostragem esportiva; o estágio de desenvolvimento/especialização esportiva; e o estágio de perfeição / maestria / investimento esportivo. O estágio de aposentadoria no esporte não foi vivenciado por nenhum dos participantes, visto que todos se encontram atuando como surfistas profissionais – P4. Porém, há diferenças em relação à trajetória geral definida pelos mesmos. O que é esperado, pois, como aponta Stambulova (et al, 2009), esta sequência geral compreende uma trajetória comum para atletas de diferentes países, modalidades esportivas (o surfe não é uma modalidade clássica) e gêneros, porém, há variações devido a especificidades da população e da modalidade analisadas. A maioria destes modelos foi desenvolvido tendo como parâmetro os esportes olímpicos clássicos. E, o surfe, apesar de ter entrado recentemente para a lista dos esportes que irão compor a próxima Olimpíada em Tóquio (Globoesporte; esportesterra, 2015), é “uma modalidade que sai um pouco da curva... menos tradicional”; “um esporte extremamente amador na sua essência” como enfatizam P4 (28 anos) e P6 (52 anos), respectivamente.

Para melhor compreensão da trajetória de desenvolvimento esportivo, segue abaixo um fluxograma com a sequência e caracterização dos estágios de desenvolvimento esportivo vivenciado pelos participantes (P1, P2, P3 e P4).

Figura 02
Fluxograma: a trajetória de desenvolvimento esportivo

2.2.1.1 Estágio de iniciação esportiva

A iniciação esportiva, que compreende o processo no qual o indivíduo inicia a prática regular e orientada de atividades físico-esportiva e marca o início da carreira esportiva (Salmela, 1994), ocorreu na primeira infância para todos os participantes e não se restringiu à prática exclusiva e exaustiva de apenas uma modalidade. Além do surfe, todos relatam experiências com o futebol na primeira infância (no contexto escolar, em escolinhas especializadas, bem como o futebol de praia) e um dos participantes (P4, 28 anos) também citou a experiência com brincadeiras típicas da infância, como o pega-pega. P1(27 anos) realizou sua iniciação no surfe aos nove anos, P2 (17 anos) aos sete anos, P3 (15 anos) aos cinco anos e P4 (27 anos), que não especifica a idade exata na qual começou a surfar, mas enfatiza a precocidade e inerência da prática em sua vida: “Não lembro exatamente quando foi, acho que tinha uns três anos... comecei praticamente desde que existo, sinto que sempre surfei”.

Os dados encontrados sobre as influências significativas para a iniciação esportiva no surfe corroboram os dados obtidos por Amaral & Dias (2008). Em pesquisa sobre adesão à

prática do surfe, os autores encontraram que os principais meios de acesso ao esporte foram a família, os amigos e a escola de surfe. Neste estudo, a influência social exercida pela família e amigos também se mostrou muito relevante e o acesso à escola de surfe foi citado por um dos participantes. Na narrativa dos participantes é possível observar que a iniciação no surfe sofreu influências familiares e sociais (amigos e modelos de prática da modalidade), pessoais (apreço pelo mar e alta motivação intrínseca para a prática do surfe) e ambientais (viver na praia).

A influência familiar foi citada por P2 (17 anos), P3 (15 anos) e P4 (28 anos) como facilitadora da iniciação no surfe, tanto por conter modelos positivos de conduta em relação à prática esportiva, quanto por atuar como rede de apoio para o esporte. Com exceção de P1 (27 anos), todos os participantes, tiveram o apoio e o incentivo familiar para realizarem a iniciação no surfe, bem como integrantes do núcleo familiar que praticavam a modalidade. A família de P1 dificultou sua iniciação no surfe, por ser contra a dedicação à modalidade e ele não teve em seu núcleo familiar alguém significativo que praticasse surfe. Porém, o participante teve uma referência em termos de admiração do esporte de alto rendimento na cultura familiar: seu Tio, que exercia uma espécie de função parental, era fã do Ayrton Senna e ambos sempre assistiam as corridas de Fórmula1 juntos. Os pais de P2 (17 anos), o irmão de P3 (15 anos) e o Pai de P4 (28 anos) surfavam e, embora nenhum deles tenha seguido carreira no esporte, os participantes enfatizaram que isto os influenciou positivamente a surfar e a escolherem a carreira esportiva (P4: “comecei por influência dos meus pais... meu Pai pegava onda de final de semana, levava eu e meu irmão à praia e a gente brincava com as pranchas dele”; P2: “meus pais surfavam, o que me influenciou bastante... principalmente meu pai, ele ia comigo na água e me empurrava na onda”; P3: comecei a surfar por influência do meu irmão).

A influência dos amigos também foi relevante para a iniciação no surfe dos participantes. Para P1 (27 anos), que não teve modelos de prática da modalidade em seu núcleo familiar, a influência dos amigos foi especialmente importante. O participante nunca havia pensado em surfar, até observar seus colegas de futebol surfando (“depois da escolinha de futebol de praia, eles iam surfar e eu esperava, pra depois a gente jogar bola de novo... isso me contagiou, comecei a querer a surfar). A influência exercida pelos colegas de futebol em seu desejo de surfar, corrobora o que enfatiza Sanches (2009) sobre o grupo de iguais no esporte: a autora teoriza que os colegas praticantes da mesma modalidade esportiva, principalmente nas modalidades coletivas, atuam como importante influência no desenvolvimento da identidade de seus membros, visto que representa um espaço de compartilhamento de estilo de vida, de interesses, desejos, emoções e condutas comuns.

Na medida em que o mar é aberto ao público, o surfe compreende um esporte acessível

para uma audiência que frequenta a praia e utiliza o ambiente marinho para os mais diversos fins, incluindo o lazer e a prática de esportes. Neste sentido, o surfe e suas manobras podem ser observados gratuitamente e há o livre acesso para aqueles que desejam aventurar-se sobre uma prancha nas ondas, o que facilita que a modalidade seja disseminada e admirada, como ilustra a fala a seguir.

Quando eu era criança, eu sempre olhava o mar e via todo mundo surfando...e sempre queria surfar. Meus amigos começaram a surfar e se dedicar pro surfe e eu ficava na areia olhando e falava: ‘cara, eu quero fazer isso... é isso que quero mesmo da minha vida... (P3, 15 anos).

Nessa fala, além da influência exercida pelo grupo de iguais, é possível observar o desejo de surfar despertado pela exposição a modelos de prática da modalidade. A admiração gerada pela observação da prática de surfe, somada à influência do grupo de iguais, influenciou não somente o desejo de surfar de P3, mas também o desejo de tornar-se um surfista profissional.

Em relação à influência pessoal para a iniciação no surfe, foram citados o apreço pelo mar e a alta motivação intrínseca para a prática da modalidade. O apreço pelo contato com o mar também foi enfatizado como um aspecto facilitador da iniciação no surfe. No caso de P2 (17 anos), que também jogava futebol, tal apreço foi citado como o motivo que o fez eleger o surfe em detrimento do futebol: “eu gosto muito de estar na natureza... gosto de estar no mar muito...muito, até se eu tiver sem prancha eu gosto de tá nadando, mergulhando, isso me ajudou muito a escolher o surfe”). Este aspecto vai ao encontro de Amaral & Dias (2008), que, em pesquisa com o surfe, evidenciaram que o apreço pelo contato com a natureza e com o mar compreende um dos motivos importantes para a adesão à prática esportiva.

Todos os participantes apresentaram uma alta motivação intrínseca para a iniciação no surfe, que influenciou o ingresso na modalidade. É possível observar tal influência, na medida em que a iniciação no surfe se deu por desejo próprio e o foco inicial era o desfrute da prática e não a competição ou a busca por resultados, como ilustra a fala de P3 (15 anos): “comecei por desejo meu e surfava como brincadeira” e de P4 (28 anos): “a gente surfava brincando... eu praticava esportes de brincadeira... jogar bola, surfar, brincar de pega-pega... não tem muita diferença, era tudo diversão”. No caso de P1 (27 anos), a motivação intrínseca, foi essencial para que ele encontrasse meios de surfar apesar dos obstáculos financeiros e sociais encontrados, o que evidencia um desejo muito genuíno e tenaz de fazê-lo como mostra a expressão apresentada a seguir.

Minha família até me mandou pra uma cidade sem mar pra me afastar do surfe, mas não conseguiram... um dia um menino saiu do surfe com fome e falou: ‘troco essa prancha de madeira por duas bolachas’. Consegui as bolachas e ganhei minha primeira prancha (P1, 27 anos).

O prazer sentido pela prática do surfe, presente na narrativa de todos os participantes, ilustrado pela fala de P3 (15 anos): “a primeira vez que deslizei na onda, em pé na prancha, me senti realizado... melhor sensação do mundo”, parece atuar como um aspecto reforçador da motivação intrínseca para a prática da modalidade. Esta sensação hedonista relatada por P3, já foi mencionada por Betrán (1995) e Costa (2000) em relação à prática de atividades físicas de aventura na natureza, por Modrono & Guillén (2016) em relação ao windsurfe e Diehm & Armatas (2004) e Amaral & Dias (2008) em relação ao surfe, como um aspecto facilitador da adesão e da prática esportiva.

Em relação à influência ambiental para a iniciação no surfe, a acessibilidade ao ambiente marinho, local de prática do surfe, permitida pelo fato de os participantes viverem na praia, foi considerado relevante, como ilustra a fala de P4 (28 anos): “O lugar influencia bastante. A gente mora na frente da praia, então foi super natural... em outro lugar, sem morar na praia, não seria possível”.

É possível considerar que os participantes tiveram uma iniciação esportiva saudável, pois este processo se deu de modo condizente com a aquisição da base psicomotora necessária às fases subsequentes da carreira esportiva, na medida em que não se restringiu à prática intensiva de apenas uma modalidade objetivando o alto rendimento (Ramos; Neves, 2008) e na medida em que ocorreu motivado pelo desejo pessoal e possuiu caráter lúdico e recreativo.

2.2.1.2 Estágio de especialização esportiva

A especialização esportiva, que compreende o estágio em que o atleta passa a dedicar-se a determinada modalidade de modo exclusivo, especializado, sistematizado, regular e orientado para a competição e o alto rendimento (Ramos & Neves, 2008), foi realizada por todos os participantes precocemente, ou seja, antes da puberdade: para P1 (27 anos) este processo ocorreu entre os 10 e 11 anos de idade; para P2 (17 anos) e P3 (15 anos) aos 9 anos e para P4 (27 anos) aos 10 anos. Este dado vai ao encontro de Rubio (2012), que enfatiza que a especialização esportiva precoce se torna cada vez mais frequente, na medida em que o esporte

de alto rendimento torna-se mais complexo e competitivo. O fenômeno da especialização esportiva precoce pode ser considerado um fator de risco na trajetória de carreira dos participantes, na medida em que, segundo a autora, facilita a ocorrência de transtornos psíquicos, motores e sociais.

Em relação às influências que facilitaram que o processo de especialização esportiva se desse precocemente, foram citados pelos participantes um grande interesse por seguir a carreira esportiva e ser atleta/surfista profissional (motivação intrínseca) e o alcance de bons resultados esportivos (motivação extrínseca). O desejo de ser um atleta profissional e/ou um surfista profissional, mencionado por todos os atletas, pode ser observado na fala a seguir:

Além do surfe, eu jogava futebol pela escola e participava de campeonatozinho. Com 7 anos veio a decisão ‘o que vou ser... jogador de futebol ou surfista profissional’? Futebol ou surfe? O fato de morar na praia pesou... estavam todos meus amigos indo surfar... meu pai indo pra praia... e eu, o que faço? Ah, vou surfar então... aí fiquei no surfe (P3, 15 anos).

É possível perceber que apesar de haver a dúvida sobre qual modalidade esportiva seria o foco da especialização esportiva, não havia dúvidas sobre o por desejo de seguir a carreira esportiva, independente da modalidade (“o que vou ser... jogador de futebol ou surfista profissional?”). O mesmo ocorreu com P1(27 anos), que também jogava futebol e antes de especializar-se no surfe teve dúvidas sobre qual modalidade esportiva seguir profissionalmente. Em ambos os casos, o desejo de ser atleta profissional precedeu o desejo de ser surfista profissional e atuou como motivação para a especialização esportiva. Nesta fala também aparece a importância da acessibilidade ao local de prática do surfe, e da influência parental e do grupo de iguais (amigos) para a especialização esportiva no surfe. Cumpre destacar o questionamento sobre vida profissional em uma criança de 7 anos de idade, fase do ciclo vital em que as escolhas são em níveis de brincadeiras de “faz de conta”, de ensaios de respostas à pergunta “o que vou ser quando crescer?” Enquanto a maioria das crianças brinca e, por meio da brincadeira apropria-se do mundo adulto, nesse caso particular de iniciação esportiva a criança começa a assumir responsabilidades precocemente, incluindo as participações em campeonatos, ainda que o esporte seja, a priori, como lazer.

Já em relação à influência da motivação extrínseca, todos os participantes se destacaram nos primeiros campeonatos que participaram e a partir de então, alcançaram bons resultados progressivamente nas competições, o que favoreceu que a especialização esportiva se desse precocemente “No meu primeiro campeonato fiquei em terceiro lugar (P1, 27 anos); “com 8 anos, em meu primeiro campeonato no circuito regional já fiz final e daí peguei gosto” (P2, 17

anos); “levava meio na brincadeira até que com 9 anos participei de um campeonato e fiz final... aí comecei a ir bem nos campeonatos, fiquei super feliz e decidi começar a competir e a levar o surfe a sério (P3, 15 anos); P4: “com 10 anos comecei a competir nos eventos amadores... tive bons resultados no comecinho e a coisa foi ficando mais séria, comecei a competir e treinar cada vez mais” (P4, 28 anos). Para todos os participantes, os bons resultados reforçaram a motivação para o desenvolvimento no esporte e deslocaram o foco da prática esportiva do lúdico para a busca por resultados em competições, atuando como marcador para a transição normativa entre as fases de iniciação e especialização esportiva.

As gratificações simbólicas, obtidas pelo alcance dos bons resultados nas competições, também foram citadas como motivadoras para a especialização esportiva. P1, por exemplo, considerava o futebol de praia seu esporte preferido, porém, após ganhar um troféu por sua classificação em seu primeiro campeonato de surfe, sentiu-se motivado a dedicar-se mais à modalidade e a treinar de modo mais intensivo, objetivando alcançar gratificações ainda maiores como exemplificado na fala a seguir.

Sempre quis um troféu e no futebol você só ganha medalha e tapinha nas costas... risos. No meu primeiro campeonato de surfe já ganhei troféu... roupa... coisas que não tinha no futebol. Me motivou muito... mal acreditei... fiquei em terceiro lugar e o primeiro ganhou uma prancha... a minha era muito ruim, de madeira... eu pensei: ‘nossa, imagina ganhar uma prancha? Vou treinar mais pra ir melhor’... me fez imaginar que poderia ganhar também... a partir daí comecei a treinar ainda mais (P1, 27 anos).

Esta fala remete a uma das principais formas do esporte moderno, individual, embasado em valores do modo de produção capitalista, de mensurar a qualidade, a eficiência e os resultados esportivos: a gratificação com troféus e medalhas, que são prêmios simbólicos, que atestam a posição alcançada pelo atleta (Guttmann, 1978; Elias e Dunning, 1992, apud Ângelo, 2014). Os prêmios simbólicos tornam-se ainda mais significativos para o atleta em questão, que não tinha condições financeiras para custear adequadamente sua prática esportiva, mas tinha o sonho de atingir estabilidade financeira e realização profissional através da prática esportiva, que aparece constantemente em seu discurso sobre sua trajetória esportiva. Em sua fala, é possível observar que as gratificações simbólicas intensificaram a motivação para a prática do surfe, por fornecerem um *feedback* positivo sobre sua autoeficácia e na modalidade em foco. No futebol, por ser uma modalidade coletiva, as gratificações simbólicas se destinam às sedes das equipes, enquanto no surfe, por se tratar de uma modalidade individual, os prêmios são destinados aos atletas. Logo, ao comparar as gratificações recebidas no futebol e no surfe, modalidades que ele praticava e apreciava, o atleta parece vislumbrar no surfe uma

oportunidade mais concreta para atingir seu objetivo de vida (“viver do esporte”).

Com exceção de P3 (15 anos), após a especialização esportiva, os participantes continuaram se destacando progressivamente nos campeonatos de surfe da categoria amadora em direção à transição para investimento esportivo. A progressão na carreira de P1 (27 anos), P2 (17 anos) e P4 (28 anos) se deu na sequência: estágio de iniciação esportiva, iniciação no surfe, especialização esportiva e por fim, o investimento esportivo. Já P3 teve uma trajetória menos linear em termos de transição entre as fases da carreira esportiva, seguindo a sequência iniciação esportiva, iniciação no surfe, especialização esportiva, interrupção da especialização esportiva, retomada à especialização esportiva e, finalmente, o investimento esportivo.

Os dados obtidos nesta pesquisa permitem observar que a motivação extrínseca (vitórias; gratificações e patrocínios) atuou para os participantes como importante parâmetro de avaliação social e pessoal sobre a capacidade individual de desenvolver-se no esporte, reforçando a construção do autoconceito vinculado à habilidade esportiva, a motivação intrínseca para a dedicação ao surfe de alto rendimento e a escolha pela carreira no esporte. Tal aspecto vai ao encontro de Super (1980), que enfatiza que ao desempenhar papéis sociais e ter seu desempenho avaliado (auto-avaliação e *feedback* de atores sociais), o indivíduo constrói seu autoconceito, que consiste na representação que ele tem de si e do que é capaz de realizar na realidade.

2.1.2.3 Estágio de investimento esportivo

O estágio de investimento esportivo está relacionado à profissionalização no esporte e ao aprimoramento e consolidação do papel de atleta profissional (Durand-Bush & Salmela, 2002). No caso dos atletas que participaram deste estudo, com exceção de P3 (15 anos), a transição para este estágio se deu após a obtenção de patrocínios significativos, que passaram a custear e viabilizar a dedicação ao papel de atleta profissional. Para P1 (27 anos) esta transição se deu aos 12 anos; para P2 (17 anos), aos 11 anos, para P3 (15 anos) entre os 13 e 14 anos e para P4 (28 anos), entre os 12 e 13 anos.

Em média, os participantes levaram 2 anos, desde a especialização esportiva até a profissionalização no esporte, com exceção de P3, que levou aproximadamente 4 anos e meio (considerando sua trajetória peculiar: especialização esportiva, interrupção da especialização esportiva, retomada da especialização esportiva e investimento esportivo). Logo, para estes

participantes a carreira se definiu no estágio de investimento esportivo, entre os 11 e 14 anos de idade, de modo que os estágios de desenvolvimento e manutenção da carreira (Super, 1980), ocorreram precocemente em relação às outras profissões. São crianças e adolescentes assumindo responsabilidades significativas para si e para sua família e, na medida em que são seres humanos integrais, a assunção precoce do papel profissional afeta outros âmbito de suas vidas.

Dentre as transições que Durand-Bush e Salmela (2002) consideram intrínsecas ao estágio de investimento esportivo foram citadas pelos participantes: mudança de categoria (da amadora para a profissional); ocorrência de lesões e períodos de reabilitação e mudanças de patrocínio. Porém tais transições serão discutidas nas subcategorias temáticas “*transições normativas*” e “*transições não normativas*”.

2.2.2 Transições normativas

As transições normativas na carreira esportiva são aquelas que se caracterizam por relativa previsibilidade e que fazem parte de uma sequência definida de eventos relacionados ao esporte e à idade (Petitpas, Champagne, Chartrand, Danish & Murphy, 1997; Wylleman, Alfermann & Lavalley, 2004; Alfermann & Stambulova, 2007). Dentre as transições normativas vivenciadas pelos atletas que participaram desta pesquisa estão: a transição da prática esportiva infantil para o alto rendimento esportivo, a transição da prática esportiva autônoma para a patrocinada, a transição da categoria amadora para a profissional, a transição do âmbito nacional para o mundial de competição e a transição do surfe competitivo para o *free surfer*.

2.2.2.1 Transição da prática esportiva infantil para o alto rendimento

Esta transição já foi abordada na subcategoria “Estágio de especialização esportiva” e, portanto, não será discutida de modo pormenorizado nesta subseção. Porém, é importante ressaltar que o processo de especialização esportiva precoce tornou a transição da prática esportiva infantil para o alto rendimento ainda mais desafiadora. P3, por exemplo, teve

dificuldade de adaptar-se à transição do surfe com fins recreativos para o surfe com fins competitivos, por não possuir maturidade suficiente para lidar com as demandas do alto rendimento esportivo, o que resultou em *dropout* precoce temporário. O fato de esta transição ter se dado precocemente para todos os atletas que participaram desta pesquisa, também resultou em conflito de papéis e prejuízo do desempenho de papéis sociais, incluindo o de estudante. Porém, tal questão será melhor discutida na seção “Espaço da vida ou dimensão espacial (*Life-space*): Constelação e saliência de papéis sociais ao longo da carreira esportiva”.

2.2.2.2 Transição da prática esportiva autônoma para a patrocinada

A conquista de vitórias e títulos em campeonatos foi mencionada como eliciadora de uma das transições mais relevantes ao longo da carreira esportiva. Além das gratificações simbólicas obtidas pelos bons resultados esportivos, supracitadas, no caso de P1 (27 anos), P2 (17 anos) e P4 (28 anos) as vitórias e títulos atuaram como marcadores de transições consideradas pelos participantes entre as mais significativas na carreira: o início do vínculo empregatício e da relação monetarizada com a empresa patrocinadora, como ilustra a fala de P1.

Consegui o primeiro patrocínio quando fui Campeão Brasileiro Amador. E o segundo, com uma empresa ainda mais forte, depois que fui Campeão Brasileiro Profissional. O segundo patrocínio foi a principal transição, um divisor de águas na minha carreira, me deu estrutura pra me desenvolver ainda mais no esporte... Psicólogo, Treinador, Preparador Físico... meu chefe, que me deu um apoio muito forte, era praticamente meu *Manager* (P1, 27 anos).

O patrocínio propiciou a P1 a estrutura financeira e multi-profissional necessária para que houvesse um salto qualitativo no desenvolvimento esportivo, o que evidencia a relevância de uma rede de apoio material, social e multiprofissional para atender às demandas de desenvolvimento físico e psicológico do alto rendimento e de gerenciamento da carreira esportiva. Todos os participantes relatam elevação da motivação para a prática esportiva após a obtenção de patrocínios, como ilustra a fala de P2 (17 anos): “consegui meu primeiro patrocínio e daí em diante tive mais vontade de treinar, surfar... me dediquei mais a parte física e comecei a levar o surfe ainda mais a sério”. Porém, até alcançar resultados significativos, nenhum dos participantes tinha patrocínio, de modo que os investimentos realizados na

profissão de atleta (viagens, inscrições em campeonatos, treinamento, materiais esportivos, entre outros) provinham principalmente de recursos financeiros próprios. Logo, os patrocínios não foram facilitadores da iniciação e formação esportivas, preparando os atletas para que tivessem condições de alcançar bons resultados. A lógica parece ser inversa: os bons resultados é que permitiram a conquista dos patrocínios, que, por conseguinte, forneceram a estrutura necessária para que continuassem a se desenvolver progressivamente no esporte, como ilustra P4 (28 anos): “quanto mais resultados, mais apoio, melhores patrocinadores”. A família de P1 (27 anos), que era contra sua dedicação ao surfe, seguiu a mesma lógica dos patrocínios esportivos (“Minha família só começou a me apoiar depois dos primeiros campeonatos que me destaquei”), o que demandou do atleta uma alta motivação intrínseca para que não desistisse de seu sonho de ser surfista profissional.

Segundo Ramos e Neves (2008), o marco inicial da carreira esportiva se dá na iniciação esportiva. Porém, os participantes consideraram o início de suas carreiras o momento em que passaram a receber patrocínio e a estabelecer uma relação assalariada com as empresas patrocinadoras, dada a relevância desta transição: “O início da minha carreira foi quando peguei patrocínio forte com uma empresa” (P1, 27 anos); “comecei minha carreira quando consegui um patrocínio bem forte, com uma marca internacional” (P4, 28 anos). O termo “patrocínio forte”, mencionado por ambos, denota o tipo de patrocínio no qual a logomarca da empresa patrocinadora estampa a ponta da prancha e, em contrapartida, ao menos 85% dos gastos do atleta com a carreira esportiva são custeados pela mesma. Além deste tipo de patrocínio, os participantes relatam a existência de apoios financeiros pontuais, como o patrocínio restrito ao fornecimento de materiais esportivos.

Sobre o início do vínculo com a empresa patrocinadora, P1 (27 anos) e P4 (28 anos) enfatizam que a partir do momento em que o atleta possui patrocínio, além de ter mais estrutura para se desenvolver no esporte, a prática esportiva efetivamente passa a ter o formato de ocupação profissional, com suas respectivas obrigações: “foi um pontapé... comecei a ganhar salário, a ter obrigações” (P1, 27 anos); “foi muito marcante, com o patrocínio passei a competir vários circuitos.... E, com o patrocínio vem a expectativa em relação à várias coisas, compromissos com o patrocinador e resultado” (P4, 28 anos).

O início da prática esportiva assalariada pode ser considerado uma transição normativa na carreira esportiva, porém, nem todos os atletas a vivenciam, visto que a conquista de patrocínios está condicionada aos resultados esportivos. Deste modo, segundo os participantes, é comum haver surfistas que disputam as categorias amadora e profissional com recursos próprios e muitos deles, apesar de talentosos, acabam desistindo da carreira esportiva por não

terem condições de custearem os gastos com campeonatos, viagens, materiais esportivos e apoio multiprofissional. Dentre os participantes, P1 (27 anos) e P3 (15 anos) enfatizam terem encontrado dificuldades para dedicar-se ao papel de atleta, impostas pela falta de apoio financeiro, ao longo da carreira esportiva.

2.2.2.3 Transição da categoria amadora para a categoria profissional

A transição da categoria amadora para a profissional é considerada uma transição decisiva na carreira, independente da modalidade, pois está intimamente ligado ao desenvolvimento do atleta no universo competitivo. No surfe, a qualidade desta transição é determinante para o sucesso na categoria profissional, principalmente se o objetivo é o circuito mundial (Conde, 2003).

Todos os participantes realizaram a transição para a categoria profissional após anos competindo na categoria amadora. P1 (27 anos) realizou esta transição aos 14 anos, P2 (17 anos) e P4 (28 anos) aos 17 anos e P3 (15 anos) aos 15 anos. A transição da categoria amadora para a categoria profissional foi considerada uma das transições mais importantes e desafiadoras ao longo da carreira esportiva pelos participantes (P4: “foi a transição mais marcante, potencializa tudo, a relação com o treino, com o patrocinador, com os compromissos... é completamente diferente”). Os resultados atingidos na categoria amadora se mostraram relevantes para esta transição, tanto para os atletas que a realizaram recentemente (P2 e P3), quanto para os que a realizaram há mais de dez anos (P1 e P4):

Os bons resultados que tive no Amador que me deram condição de virar profissional... Se você é novo e dá resultado, muita gente acredita que você vai ser bom, quer te apoiar... No surfe dificilmente você será profissional se não se destacar nas competições amadoras (P4, 28 anos).

Apesar da transição da categoria amadora para a profissional não ser condicionada aos resultados esportivos alcançados na categoria amadora, os bons resultados na categoria amadora aparecem como relevantes para o desenvolvimento, manutenção e sucesso na categoria profissional, como mostra a verbalização a seguir.

Os atletas que se filiam e vão pro profissional tiveram uma carreira amadora boa e por isso acreditam que vai dar certo, mesmo aqueles sem patrocínio. Eu poderia competir até os 18 no amador, mas preferi já ir pro profissional e entrar no circuito mundial... Eu quis e minha família e patrocinadores me apoiaram na decisão de já profissionalizar... A idade chegando, a sequência de resultados bons... Ano passado mesmo como amador, competi no profissional e fui bem, vi que consigo, que tô preparado, fiquei confiante (P2, 17 anos).

É possível observar que os bons resultados na categoria amadora foram relevantes para a obtenção de bons patrocínios, mas também para o aprimoramento da autoeficácia de P2 em relação ao desenvolvimento e sucesso na categoria profissional. Ao perceber-se apto para competir na categoria profissional, o participante optou por seguir uma tendência que ele relata haver entre os atletas da categoria amadora: apesar de não ser uma regra, a grande maioria que pretende seguir a carreira esportiva realiza a transição para a categoria profissional aos 17 anos. P2 (17 anos) e P4 (28 anos) seguiram a referida tendência e P1(27 anos) e P3 (15 anos) realizaram esta transição antes dos 17 anos, de modo que todos os participantes desta pesquisa realizaram a transição para a categoria profissional precocemente (antes dos 18 anos, idade limite para competirem na categoria amadora) e, de modo geral, motivados pelo alcance de bons resultados na categoria amadora. Nessa modalidade esportiva, e com estes participantes, é possível observar a segurança na tomada de decisão de carreira, ou seja, antes ou até os 18 anos a carreira dos adolescentes têm seu percurso definido.

A existência de um patrocínio esportivo foi mencionada por todos os participantes como um recurso externo de transição essencial, ou seja, um facilitador do enfrentamento de modo bem-sucedido da transição para a categoria profissional (Alfermann e Stambulova, 2007 apud Stambulova et al, 2009; Stambulova et al, 2009). De acordo com P2 (17 anos), o patrocínio esportivo é especialmente importante nesta transição, pelo fato de a categoria profissional ser o momento em que o atleta começa a competir o circuito mundial, que ocorre em âmbito internacional e demanda gastos ainda mais significativos que a categoria amadora, na qual a maioria dos campeonatos acontece no Brasil.

2.2.2.4 Transição do âmbito nacional para o mundial de competição

A transição para o âmbito mundial de competições se deu para P1 (27 anos) aos 18 anos, para P2 (17 anos) e P4 (28 anos) aos 17 anos e para P3 (15 anos), aos 15 anos. Embora P1 e P3

tenham realizado a transição para a categoria profissional precocemente, antes dos 17 anos, P1 não realizou a transição para a categoria profissional concomitantemente à transição para o âmbito mundial de competição, pois buscou sedimentar sua carreira profissional no Brasil para depois alcançar o âmbito mundial. Já P3 realizou ambas as transições ao mesmo tempo, sem ter sedimentado sua carreira profissional em âmbito nacional antes. Esta diferença observada entre P1 e P3 ilustra o que foi enfatizado anteriormente por P6 (52 anos), ou seja, sobre a não existência de um circuito brasileiro profissional estruturado atualmente, que favoreceria que ambas as transições ocorram concomitantemente, tornando este momento da carreira ainda mais desafiador.

2.2.2.5 Transição do surfe competitivo para o free surfer

P4 realizou a transição para o *Free Surfer* há 3 anos (em relação à coleta de dados), por decisão pessoal, após mais de dez anos competindo na categoria profissional, pois desejava investir em novos interesses e, ao mesmo tempo, continuar atuando com o surfe, porém sem participar de competições:

Eu competia o profissional e chegou uma hora que a competição não estava fazendo mais tanto sentido pra mim e virar free surfer foi uma decisão consciente, pessoal... não foi por lesão ou falta de patrocinador... hoje o papel de atleta ainda é minha atividade principal, consome 90% do meu tempo e gera quase 100% do meu ganho (P4, 28 anos).

Esta transição pode ser considerada normativa, apesar de não ser comum à trajetória de todos os participantes e compreender uma transição mais específica. Afinal é uma das possibilidades de atuação para um surfista profissional e foi realizada deliberadamente. O participante encontra-se satisfeito com a transição realizada, considerada por ele bem-sucedida, pois ele continua atuando como atleta profissional, visto que ainda é patrocinado, porém possui mais liberdade para investir em outros papéis e cenários para além do âmbito esportivo e pode voltar a surfar com mais prazer, na medida em que o foco de sua atuação não é mais o *ranking* de competição esportiva.

2.2.3 Transições não normativas

As transições não normativas são aquelas idiossincrásicas, imprevistas e involuntárias que ocorrem na carreira (Petitpas, Champagne, Chartrand, Danish & Murphy, 1997; Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004; Alfermann & Stambulova, 2007). Dentre as transições não normativas vivenciadas pelos atletas que participaram desta pesquisa estão: *dropout* esportivo temporário; lesão esportiva (interrupção da prática esportiva para processo de reabilitação) e perda de patrocínio (transição da prática esportiva patrocinada para a autônoma).

2.2.3.1. *Dropout* esportivo temporário

P3 (15 anos) teve uma trajetória menos linear que os demais participantes, em relação à transição entre os estágios da carreira esportiva, seguindo a sequência iniciação esportiva, iniciação no surfe, especialização esportiva, interrupção da especialização esportiva, retomada à especialização esportiva e, finalmente, o investimento esportivo. A interrupção da especialização esportiva pode ser considerada uma espécie de *dropout* precoce, ou seja, o abandono do esporte em uma fase atípica da carreira (Rubio, 2001), porém, com duração temporária. No caso do participante, a interrupção da prática esportiva se deu pela dificuldade de lidar com os resultados esportivos negativos obtidos nos campeonatos, após sua transição da prática esportiva recreativa para o alto rendimento esportivo, o que afetou significativamente sua motivação para dedicar-se ao surfe com fins competitivos:

Não fui bem em alguns campeonatos aí parei um ano de competir. Mas quis voltar...e quando decidi voltar a competir já fiz final e ganhei um apoio, fiquei super feliz... aí recomecei... Voltei a levar a sério, treinar forte pra competição, surfar todo dia, fazer treinamento funcional... Aí fui bem nos campeonatos de base, comecei a competir fora do estado, ganhei apoio de prancha... e decidi, é isso que quero pra minha vida (P3, 15 anos).

Esta fala também ilustra a importância da motivação intrínseca para a retomada da prática de surfe e da motivação extrínseca para a manutenção na prática de surfe com fins competitivos e para a construção da carreira esportiva.

2.2.3.2 Lesão esportiva (interrupção da prática esportiva para processo de reabilitação)

Tanto P1 (27 anos), quanto P4 (28 anos) tiveram lesões esportivas e, conseqüentemente, passaram por processos de reabilitação e interrupção temporária da prática esportiva.

Estava há dois meses competindo pelo mundo sem parar.... Liguei pro meu treinador, porque queria desistir e voltar pro Brasil pra tratar... Não estava mais aguentando de dor, não estava surfando bem. Ele falou: ‘você tá aí, se mantém aí’... Não me deixou voltar... Continuei e lesionei... (P1, 27 anos).

Todos os participantes possuem histórico de especialização esportiva precoce, que compreende um fator de risco para a ocorrência de lesões esportivas (Rubio, 2012). Porém, apenas os dois participantes que são mais velhos (P1 e P4, 27 e 28 anos, respectivamente) e, portanto, apresentam uma trajetória de carreira mais longa e se especializaram há mais tempo tiveram lesões esportivas. Logo, é possível que a quantidade de anos de carreira e, portanto, de prática esportiva especializada ininterrupta, influencie na ocorrência de lesões esportivas. Cohen & Abdalla (2003) ressaltam que a especialização esportiva precoce pode facilitar a ocorrência de lesões e conseqüências fisiológicas negativas a curto e longo prazo. Afinal, o corpo humano ainda encontra-se em desenvolvimento e torna-se difícil precisar qual é o nível de carga e intensidade de treinamento necessário para gerar as respostas fisiológicas do exercício, sem acarretar em prejuízos musculoesqueléticos.

Outro fator importante mencionado por P1 (27 anos) foi o tipo de orientação que lhe foi dada por seu treinador, que também parece ter favorecido a ocorrência da lesão, visto que a percepção corporal de dor do participante, um indício de que algo não estava bem, não foi respeitada. Este episódio vai ao encontro de Weinberg & Gould (2008), que ressaltam que dentre os principais aspectos que facilitam a ocorrência das lesões esportivas, estão crenças errôneas que habitam o imaginário de muitos atores sociais do alto rendimento, incluindo facilitadores da prática esportiva, que encorajam os atletas a correrem riscos indevidos e a competirem machucados. Dentre tais crenças, podemos citar “*no pain, no gain*”, que objetiva o resultado a qualquer custo e impede que o atleta respeite os limites de seu corpo, por considerar a dor necessária na obtenção do sucesso.

Em pesquisa sobre o MMA (*Mixed Martial Arts*), modalidade essencialmente amadora como o surfe, Camilo (2016), também observou a ocorrência da precarização do trabalho e aponta este aspecto como facilitador da ocorrência de lesões: “Como tolerar um trabalho que

implica o uso do corpo no limite da lesão, pelo medo da derrota ou pelo medo de ser demitido?”. Logo, o fato de o participante ter se submetido à orientação de seu treinador e prosseguir competindo, apesar de seu desejo de parar e cuidar de sua saúde física, também pode estar relacionado ao medo de possíveis consequências da derrota, em decorrência da precarização do trabalho observada no surfe de alto rendimento.

2.2.3.3 Perda de patrocínio (transição da prática esportiva patrocinada para a prática esportiva autônoma)

P1 (27 anos) perdeu o patrocínio esportivo após 12 anos sendo patrocinado pela mesma empresa, que lhe propiciou uma estrutura segura para que pudesse se desenvolver no esporte. O longo contrato com o patrocinador pode ser considerado atípico, visto que na carreira esportiva a mudança de patrocinadores é uma constante (principalmente no estágio de perfeição/maestria/investimento esportivo, que reserva inúmeras transições aos atletas), pois o atleta tem seu valor de mercado avaliado a partir de sua performance esportiva (Rubio, 2012). Segundo o participante, ele perdeu o patrocínio do “bico da prancha”. Este termo está relacionado ao espaço da prancha reservado para os adesivos com a logomarca de cada patrocinador. O patrocinador que ocupa o bico da prancha se responsabiliza por 85% do “salário” do surfista. Como pode ser observado na fala a seguir, a perda do patrocínio ocorreu repentinamente, por um motivo fora do controle do participante, o que ilustra o dinamismo e a imprevisibilidade da carreira esportiva.

[...] Não perdi o patrocínio por queda de desempenho ou lesão. A marca nacional deixou de existir no Brasil pela fase econômica difícil”...de repente perder 85% do patrocínio é pesado. Negocieei de representar a marca no Brasil, recebendo menos... pra quem não tem nada, metade é o dobro... fui patrocinado por 12 anos e agora tenho que correr atrás, estou tendo que dar aula de surfe pra manter o sonho vivo... essa fase é como um novo capítulo de livro, acabou de mudar, aconteceu agora... você não sabe o que vai acontecer... tudo muito novo... é começar do zero... apesar dos desafios, estou com boas expectativas (P1, 27 anos).

É possível observar que apesar de considerar este momento bastante delicado e encontrar-se em fase de adaptação à nova realidade, o participante apresenta uma perspectiva otimista de enfrentamento desta transição não normativa

2.3 EIXO TEMÁTICO 3 — ARCO-ÍRIS DE CARREIRA

O presente eixo temático é composto por duas categorias temáticas de análise, definidas a priori: “Ciclo da vida ou dimensão temporal (*Life-span*)” e “Espaço da vida ou dimensão espacial (*Life-space*)”.

2.3.1 Ciclo da vida ou dimensão temporal (*Life-span*)

Segundo Super (1980) o *life-space* compreende o ciclo da vida ou dimensão temporal do arco íris de carreira e inclui os maxiciclos (sequência dos estágios vocacionais de crescimento, exploração, estabelecimento, manutenção e desengajamento) e miniciclos de carreira e as tarefas evolutivas esperadas para cada um deles. Em relação aos maxiciclos de carreira, os participantes, de modo geral, realizaram as tarefas evolutivas esperadas para cada estágio vocacional precocemente, como pode ser observado na tabela a seguir, que traz os estágios nos quais as tarefas de desenvolvimento seriam realizadas, de acordo com Super (1980) e o momento nos quais foram realizadas pelos participantes.

Tabela 05

Life-span: Tarefas e estágios de desenvolvimento de carreira

TAREFAS EVOLUTIVAS	MAXICICLO/ ESTÁGIO ESPERADO	ESTÁGIO EM QUE FORAM REALIZADAS
	(Super, 1980)	(P1, P2, P3 e P4)
Desenvolvimento da Personalidade vocacional	Estágio de Crescimento	Estágio de Crescimento
Escolha vocacional	Estágio de Exploração Na adolescência	Estágio de crescimento Na infância e puberdade
Atividades exploratórias	Estágio de Exploração	Mais restritas ao âmbito esportivo
Exploração de papéis de trabalho	Estágio de Estabelecimento Na transição escola-trabalho	Início adolescência, após vínculo com patrocinador - entre 11 e 13 anos (exceção: P3)
Manutenção/ desenvolvimento da ocupação	Estágio de Manutenção Na maturidade	Antes do final da adolescência (exceção P3)
		Todos ainda atuam com o surfe
Desengajamento	Velhice	P4: antes dos 30 anos (transição para o free surfer: desengajamento ou miniciclo dentro do maxiciclo de manutenção?)

No estágio de crescimento, todos os participantes obtiveram êxito na tarefa evolutiva de construção e desenvolvimento da personalidade vocacional citada pelo referido autor, porém já apresentaram indícios de terem realizado a escolha vocacional ao final da infância/início da puberdade (tarefa evolutiva esperada para o estágio subsequente de exploração), incluindo um desejo genuíno de seguirem a carreira esportiva e a exploração do ambiente com este objetivo. De acordo com os dados obtidos, esta escolha precoce está associada à alta motivação intrínseca para a prática esportiva (em relação às modalidades futebol e surfe); ao apreço e prazer sentidos e a facilidade em apresentar bons desempenhos esportivos durante a prática); à influência social para a prática esportiva (incluindo a influência de amigos, de modelos de conduta relacionados ao esporte e ao surfe e à existência da cultura do surfe” no núcleo familiar); às gratificações obtidas com os bons resultados esportivos e à acessibilidade à praia e ao ambiente marinho.

No estágio de exploração, os participantes obtiveram êxito na tarefa evolutiva enfatizada por Super (1980), de realizar atividades exploratórias (porém estas foram, na grande maioria, restritas ao âmbito esportivo) que reforçassem a escolha vocacional já realizada no estágio de crescimento. A busca de informações sobre a ocupação de atleta profissional não se deu de

modo formal, mas a partir da observação da trajetória de modelos de conduta — atletas locais e atletas famosos.

No estágio de estabelecimento, a tarefa evolutiva compreende o estabelecimento em uma ocupação segura, de modo que, na transição escola-trabalho, é esperado que o indivíduo obtenha êxito em desempenhar papéis de trabalho congruentes com sua personalidade vocacional, habilidades e interesses (Super, 1980). Com exceção de P3 (15 anos), que ainda não possui patrocínio esportivo, todos os participantes obtiveram êxito nesta tarefa evolutiva, porém, o fizeram precocemente, visto que no início da adolescência já possuíam um vínculo profissional (patrocínio) com empresas patrocinadoras.

A tarefa evolutiva esperada para o estágio de manutenção é que o indivíduo se mantenha e se desenvolva em sua posição ocupacional (Super, 1980). Apesar de no arco-íris de carreira o maxiciclo de manutenção corresponder ao estágio de adultez jovem, no caso dos participantes este estágio ocorreu ainda na adolescência, com exceção de P3 (15 anos), que ainda não tem patrocínio esportivo. P1 (27 anos) e P2 (28 anos) passaram a ser patrocinados quando tinham entre 12 e 13 anos e P2 (17 anos) passou a ser patrocinado a partir dos 11 anos, de modo que, ao final da adolescência, eles já possuíam patrocínio há mais de 5 anos.

Atualmente, P1(27 anos) encontra-se vivenciando um miniciclo dentro do maxiciclo de manutenção (Super, 1980), após ter perdido a maior parte de seu patrocínio esportivo. Em relação a este miniciclo, ele encontra-se no estágio de estabelecimento, na medida em que está buscando novos patrocinadores, objetivando estabilizar-se novamente em sua ocupação; P2 (17 anos) encontra-se vivenciando o maxiciclo de manutenção; P3 (15 anos) está vivenciando o maxiciclo de estabelecimento, na medida em que está buscando oportunidades de patrocínio para estabilizar-se em sua ocupação; e P4 (28 anos) encontra-se vivenciando um estágio vocacional peculiar, que permite dois tipos de análise. Ele realizou a transição do surfe competitivo para o *free surfer* há 3 anos. Ou seja, houve uma transição dentro da carreira esportiva e dentro da mesma modalidade, porém ele continua atuando como surfista profissional, embora o formato e o desempenho desse papel tenham mudado. Logo, visto que o maxiciclo de manutenção inclui a implementação de novas rotinas de trabalho, é possível considerar que ele esteja vivenciando um miniciclo de manutenção dentro do maxiciclo de manutenção. Porém, também é possível considerar que ele esteja vivenciando o maxiciclo de desengajamento, pois, como *free surfer*, embora ele ainda atue como um surfista profissional, o novo formato da atuação inclui o desempenho dos papéis profissionais de escritor, ator, roteirista e jornalista. E, quando o maxiciclo de desengajamento ocorre em momentos menos avançados do ciclo de vida, como é o caso de P4 (28 anos), a tarefa evolutiva consiste em

desacelerar e encerrar as atividades de trabalho para explorar novos interesses em outras posições ou ocupações.

No que tange à maturidade de carreira, que, segundo Super (1980) denota o nível de sucesso alcançado no enfrentamento das tarefas vocacionais ao longo dos maxiciclos, é possível considerar que os participantes apresentaram um alto nível de maturidade de carreira, pois, de modo geral, realizaram a maioria das tarefas precocemente. Porém, a realização das tarefas vocacionais antes do tempo previsto pelo arco-íris de carreira, não necessariamente denota algo positivo. O estabelecimento em uma ocupação ainda na adolescência e antes da transição escola-trabalho, por exemplo, pode ser um fator de risco para um desempenho do papel de estudante e uma formação acadêmica deficiente. Afinal, segundo Super (1980), quando o papel de trabalhador começa a ser desempenhado, de modo geral, reduz o espaço de vida destinado ao papel de estudante.

Na medida em que a carreira esportiva está intimamente relacionada ao alcance da alta performance pelo atleta, de modo geral, ela é construída mais precocemente, possui uma duração mais curta e é mais dinâmica quando comparada às demais profissões (Rubio, 2012). Neste sentido, para compreensão da construção da carreira esportiva, o construto da adaptabilidade de carreira de Savickas (2005) faz mais sentido que o construto da maturidade de carreira de Super (1980). Afinal, como enfatiza Savickas (2005), a visão desenvolvimentista de maturidade de carreira era útil em uma sociedade mais estável e na organização social do trabalho atual, na qual a construção da carreira é cada vez mais composta por miniciclos, que demandam o enfrentamento de constantes transições, o emprego da adaptabilidade de carreira faz mais sentido.

2.3.2 Espaço da vida ou dimensão espacial (*Life-space*)

O *life-space* compreende a dimensão espacial ou o espaço de vida do arco íris de carreira e inclui a constelação e saliência de papéis sociais desempenhados ao longo da trajetória de vida e de carreira (Super, 1980). Em relação aos papéis sociais desempenhados pelos participantes, que compõe o *life-space*, foram citados os papéis de filho, estudante, o papel relacionado ao tempo livre e ao lazer, o papel de cidadão (relacionado à atuação comunitária), o papel de trabalhador e o papel relativo às atividades domésticas e familiares. Os papéis de pais e aposentado, ainda não foram desempenhados pelos participantes, de modo que se

encontram inexistentes em suas constelações de papéis. Em relação aos cenários de atuação dos papéis, foram citados os ambientes doméstico, escolar, de trabalho e a comunidade.

Na infância dos participantes, os papéis centrais eram os de filho, de atleta e de estudante. O papel de filho foi bastante mencionado por P2 (17 anos), P3 (15 anos) e P4 (28 anos), na infância (principalmente) e também na adolescência, pois nas fases iniciais de suas carreiras, seus Pais eram os principais responsáveis no processo de gestão e planejamento de suas carreiras. Nessa fase do ciclo vital, o papel de atleta pode ser considerado o principal papel relacionado ao tempo livre e ao lazer (em termos de investimento de tempo e de afeto), na medida em que a prática esportiva era desempenhada com a finalidade de recreação e em formato lúdico. Porém, progressivamente, na medida em que a prática esportiva tornou-se especializada e focada no alto rendimento esportivo (especialização esportiva) e recompensada financeiramente (obtenção do patrocínio esportivo), o papel de atleta passou a ser desempenhado como um papel profissional e, progressivamente, foi se tornando o mais central na saliência de papéis dos participantes e reduzindo a dedicação ao papel de estudante e de lazer. Isto vai ao encontro de Super (1980) que defende que ao assumir o papel de trabalhador, o indivíduo reduz o espaço de vida destinado ao desempenho dos papéis de estudante e também daqueles relativos às atividades de lazer.

Porém, de acordo com o referido autor, o papel de trabalhador, de modo geral, não é o papel principal desempenhado até o indivíduo terminar o colégio. De modo que, mesmo quando um jovem estudante se dedica a um emprego como estagiário ou aprendiz e possui a rotina cheia devido ao desempenho concomitante de ambos os papéis, o papel principal continua a ser o de estudante, enquanto o de trabalhador ocupa uma posição secundária. Além disso, ele enfatiza que o primeiro trabalho em tempo integral normalmente não ocupa o tempo livre até que o trabalhador desenvolva a motivação ocupacional, que é intensificada com o acréscimo de idade, de responsabilidades familiares e com a percepção de que levar tarefas do trabalho para casa ou realizar cursos de aprimoramento pode ser, recompensador em termos materiais e psicológicos.

Entretanto, os dados encontrados nesta pesquisa vão de encontro ao autor neste aspecto. Afinal, até a especialização esportiva, não foi relatada a ocorrência de conflito de papéis, que ocorre quando o espaço de vida ocupado por um papel prejudica a dedicação a um ou mais papéis (Super 1957, apud Super 1980). Porém, após a especialização esportiva, todos os participantes mencionaram a vivência do conflito de papéis em detrimento da preponderância do desempenho do papel profissional de atleta. Foram citados prejuízos principalmente em termos de socialização e relacionamentos interpessoais (com pessoas que não pertencem ao

universo esportivo); no desempenho do papel de estudante e no desenvolvimento de atividades consideradas normativas na vida de indivíduos que não são atletas de alto rendimento (relativas ao âmbito do lazer e escolar). Logo, é possível observar que, na carreira destes participantes, o fato de a especialização esportiva e o desempenho do papel profissional se darem precocemente, favoreceu que a ocorrência de conflitos de papéis ocorresse mais cedo no ciclo vital. As privações ou renúncias impostas pelo desempenho do papel de atleta foram consideradas um dos grandes desafios enfrentados na carreira pelos atletas. A fala a seguir ilustra como os demais papéis sociais orbitam em torno do papel nuclear de atleta profissional.

O surfe é a primeira, segunda... até a décima prioridade... o que vem depois, vem abaixo... é assim que é... isso é unânime em toda modalidade, no surfe também... normal, quando se é profissional... mas é muito difícil, são muitas privações... competir todo final de semana, não participar das coisas... não poder ter o que todo jovem ou criança teve... festinha de aniversário, sair com namoradas, amigos... eventos normais da vida, que o atleta não tem... sempre senti que não podia fazer o que todo mundo fazia (P4, 28 anos).

A frase “é assim que é... isso é unânime em toda modalidade, no surfe também... normal, quando se é profissional” evidencia uma naturalização da renúncia aos demais papéis sociais em detrimento do de atleta, que é representado pelo participante como inerente à profissionalização no esporte, independente da modalidade. Também é possível observar que os principais prejuízos relatados pelo participante são relativos à socialização. Tanto P1(27 anos), quanto P4 (28 anos) enfatizam que as áreas mais prejudicadas pela rotina de surfista profissional são a social e a pessoal, principalmente no que tange ao estabelecimento e manutenção de vínculos e relacionamentos afetivos, devido aos compromissos profissionais, que dificultam o desenvolvimento de uma rotina estável.

É muito difícil conseguir manter um relacionamento com um surfista profissional, porque a gente viaja muito... Namorada tive uma só, complicado manter relacionamento com surfista, até família, você passa muito tempo longe... Essa nossa vida sem rotina diária, acaba dificultando muito... O mais difícil é manter relacionamento. Você tá sempre viajando, não tem rotina, perde contato com amigos de infância... A gente dá tanto da nossa vida pro surfe e o surfe exige tanto, que todo surfista profissional sacrifica a vida pro surfe, vive pro circuito mundial, a vida pessoal é praticamente deletada (P1, 27 anos).

Além das viagens constantes, outro aspecto que dificulta a socialização e a dedicação a atividades de lazer são as restrições impostas pela rotina de atleta, que diminuem as oportunidades de interação em contextos que transcendem o esportivo, como enfatiza P2: “tem que tá na linha, abrir mão de muita coisa, de beber, sair de noite, saio só final do ano, quando

tô de férias, poucas vezes”. Deste modo, os vínculos afetivos mais intensos e constantes se dão dentro do universo da modalidade, principalmente com outros surfistas, como nos traz P3 (15 anos): “amigos sempre na água... tenho muitos e todos são surfistas... é muito bom, porque tá todo mundo surfando”.

Em relação ao papel de estudante, todos os participantes enfatizaram que a carreira de atleta com a formação escolar é difícil e demanda inúmeros esforços. Segundo Ângelo (2014), a dupla carreira, que compreende a conciliação do papel de atleta profissional com o papel de estudante é viável e extremamente importante para auxiliar o atleta de alto rendimento a adaptar-se às diversas transições ao longo da carreira esportiva, principalmente no que tange à transição de carreira. Em relação à formação escolar (ensino fundamental e médio), P2 (17 anos) e P3 (15 anos) encontraram dificuldades principalmente devido à rotina de treinamento esportivo e às constantes viagens para competir.

Eu viajava bastante e sempre perdia prova... Tive sorte da diretora da minha escola ser legal, flexível, me ajudou... Eu estudava de manhã e ela me permitia repor aula, fazer prova, trabalho a noite... Não é fácil, mas nunca repeti, terminei o ensino médio ano passado (P2, 17 anos).

Estudo à noite, porque surfo de manhã e à tarde... Sempre me esforço muito pra conciliar... Falto do colégio o mínimo possível, porque já tenho que faltar quando tem viagem. Se tem trabalho, prova, não vou surfar. Minha mãe fala: ‘estudo em primeiro lugar’... Teve um ano que me dediquei tanto pro surfe que fui muito mal na escola... No fim do ano tive que deixar de surfar pra estudar... Difícil, mas deu pra passar de ano (P3, 15 anos).

Nas duas falas é possível perceber que, apesar de ambos os papéis serem nucleares para os participantes, o papel de atleta profissional é mais saliente que o de estudante: é a rotina de estudante que se adequa à rotina de atleta e não o contrário. Apesar de P3 (15 anos) enfatizar que o estudo é prioridade em seu núcleo familiar, o papel de estudante só é mais saliente que o de atleta em contexto de avaliação do rendimento escolar ou quando há a possibilidade de repetir o ano. Nos dois casos é possível perceber que o papel de atleta profissional dificultou a dedicação ao papel de estudante e que o desenvolvimento da dupla carreira foi facilitado pelo apoio social: no caso de P2 (17 anos), a flexibilização da instituição educacional e, no caso de P3 (15 anos), a prioridade dada aos estudos no núcleo familiar, foram importantes para que os participantes não deixassem os estudos em prol da carreira esportiva.

Apesar de P1 (27 anos) não mencionar o papel de estudante ao longo de sua carreira, ele afirma que conciliar a vida profissional com a pessoal era especialmente difícil na infância e na adolescência (fases essenciais na formação escolar, visto que incluem o ensino fundamental e

médio). Esta afirmação, bem como seu nível de escolaridade (ensino médio incompleto) e seu processo de especialização esportiva, que se deu precocemente, evidenciam que a profissionalização no esporte prejudicou o investimento no papel de estudante durante sua formação escolar. Para Rubio (2012), a especialização esportiva precoce, de modo geral, está associada à formação escolar deficiente. Todos os participantes tiveram uma especialização esportiva precoce, o que pode ter intensificado as dificuldades encontradas para conciliar a profissionalização no esporte com a escolarização.

Para P4 (28 anos), os prejuízos causados ao papel de estudante pela rotina profissional não foram relativos à formação ou rendimento escolar, mas à impossibilidade de vivenciar um importante rito de passagem do contexto educacional (“na formatura do colegial todos amigos viajaram para comemorar... eu não, tinha campeonato... Estava feliz, ia competir profissional, realizar um sonho, mas foi duro, queria muito mais ir com eles”). Esta fala evidencia a ambiguidade do papel de atleta profissional Para P4, que lhe propiciava experiências de realização e, ao mesmo tempo, de privação.

Atualmente o papel de estudante se encontra presente na saliência de papéis de apenas dois dos participantes: P3 (15 anos) e P4 (28 anos), que se encontram terminando o ensino médio e a graduação em jornalismo, respectivamente. P1 (27 anos) deixou de estudar no ensino médio e P2 (17 anos) terminou o ensino médio no ano anterior à coleta de dados realizada nesta pesquisa e ambos não mencionam o desejo de fazer faculdade. P3 (15 anos) demonstra o desejo de fazer faculdade, mas enfatiza a predominância do papel de atleta no desenvolvimento da dupla carreira, visto que, em seus planos o papel de estudante continuaria se adequando ao de atleta profissional (“também penso em fazer faculdade... ir conciliando com o surfe... começar a faculdade... ir surfando, se for preciso trancar e depois voltar... ir fazendo aos poucos”).

Em relação ao âmbito do lazer, foram mencionados alguns *hobbies* e atividades que os participantes apreciam realizar no âmbito doméstico, quando não estão se dedicando ao trabalho, dentre eles: jogar vídeogame, navegar na internet, brincar com os animais de estimação, ouvir música e ler e principalmente estar na companhia das pessoas queridas, como amigos, família e namorada. O cenário doméstico também foi citado como contexto de desempenho do papel profissional de atleta, no formato de *home office*. O desempenho de papéis relativos ao lazer e prática de tempo livre, também ocorre frequentemente no âmbito extra-domiciliar, dois participantes, P2 (17 anos) e P3 (15 anos) enfatizaram o apreço pela prática de esportes ou atividades corporais que incluem movimento (P2: “nado... sou bem ativo, sempre praticando algo”; P3: “sempre fazendo algum esporte... vou nadar... nunca em casa, saio pra jogar futebol, andar de bike, sempre em movimento”).

Todos os participantes relataram surfar frequentemente como prática de tempo livre e o surfe foi citado como uma das atividades de lazer preferidas quando não estão se dedicando à atuação profissional: “surfo pra me divertir... surfe é o que eu mais faço... pra mim é um estilo de vida” (P2, 17 anos); “pego onda, claro que o surfe tá presente também” (28 anos). É possível observar que a prática do surfe como atividade de lazer é, principalmente, uma forma de resgatar o desfrute e a ludicidade do esporte, que, são em parte prejudicados a partir do momento em que o objetivo torna-se o alto rendimento esportivo. Pois, de acordo com os participantes, o papel de surfista profissional prejudica o desempenho de outros papéis sociais, principalmente quando o foco da carreira esportiva é o desempenho nas competições.

Deste modo, na atuação como *free surfer* em que não há competições e o foco não é o *ranking*, a coordenação do papel profissional com os demais papéis sociais, incluindo o desenvolvimento da dupla carreira, torna-se mais fácil, como ressaltou P4 (28 anos): “assim que parei de competir no circuito mundial e fui pro *free surf*, comecei a faculdade, a escrever pras revistas de surfe... fazer coisas paralelas... cada vez mais posso fazer o que e quando quero”. Já P1 (27 anos) acredita que a experiência adquirida ao longo da carreira facilita o alcance do equilíbrio entre o papel de surfista profissional e os demais papéis, mesmo quando o foco é o desempenho nas competições, pois, no seu caso, favoreceu que ele conseguisse conciliar a rotina profissional com os afazeres domésticos, a vida social e outras atividades que aprecia.

P1 (27 anos), além de surfar profissionalmente e se dedicar ao surfe como prática de lazer desempenha um papel periférico relacionado à atuação comunitária que também inclui o surfe: atualmente, ele dá aulas da modalidade, voluntariamente, em um projeto social. De acordo com Super (1940 *apud* Super 1980), no que tange ao equilíbrio entre papéis, os indivíduos mais satisfeitos são aqueles que realizam em seus tempos livres atividades de lazer essencialmente similares com as quais se engajam no trabalho, pois encontram formas distintas de satisfazer suas habilidades e interesses. Quanto mais as habilidades e interesses são satisfeitos no montante de atividades desempenhadas, maior a probabilidade do indivíduo sentir-se bem sucedido e satisfeito. Logo, o fato de o surfe ser desempenhado pelos participantes no âmbito profissional, comunitário e do lazer, evidencia um apreço genuíno, ou seja, uma alta motivação intrínseca para prática da modalidade e aponta para um alto nível de satisfação profissional (o que corrobora o discurso dos participantes sobre o nível de satisfação profissional por eles experimentado, porém, tal aspecto será melhor discutido na seção “Sentidos atribuídos à satisfação profissional e ao sucesso na carreira”). Por outro lado, o fato de o surfe compor todos os âmbitos da vida dos participantes (incluindo o âmbito familiar, pois apenas P1 não possui integrantes do núcleo familiar que compartilham o apreço por surfar) pode favorecer ou

denotar o desenvolvimento de uma autoidentidade esportiva exagerada, que predispõe transições mais delicadas ao longo da carreira esportiva, principalmente no processo de transição de carreira (Brewer; Van Raaltem; Linder, 1993).

Em síntese, o papel de atleta (incluindo as conotações de praticante de esporte e de atleta profissional) foi o mais saliente ao longo da trajetória de carreira de todos os participantes, em termos de dedicação temporal ao papel (participação e estabilidade de tempo) e de intensidade de investimento (comprometimento emocional no desempenho do mesmo), de modo que pode ser considerado central em relação à definição de suas identidades, estilo de vida e composição do *Self* (Super, 1980).

2.4 EIXO TEMÁTICO 4 — ADVERSIDADES ENFRENTADAS NA CONSTRUÇÃO DA CARREIRA ESPORTIVA

Este eixo temático é composto pelas categorias temáticas “fatores de risco externos” e “fatores de risco internos”, definidas a priori.

2.4.1 Fatores de risco externos

Dentre os aspectos vivenciados pelos participantes como adversos na construção de suas carreiras, que podem ser considerados fatores de riscos externos, ou seja, relativos a aspectos ambientais e sociais, estão: rede de apoio social insuficiente; rede de apoio financeiro insuficiente; riscos inerentes ao ambiente marinho; prejuízos e privações devido ao desempenho do papel de atleta profissional; pressão para o alcance de resultados; e reificação do atleta perante a queda de desempenho.

Em relação à rede de apoio social insuficiente, P1 relata que sua iniciação no surfe foi dificultada pela ausência do apoio familiar, que não atuou como uma rede de apoio adequada para a prática da modalidade e punia-o por fazê-lo, como ilustra sua fala.

Querida muito surfar... mas não tinha dinheiro para comprar prancha, nem como pedir pra minha família, que era completamente contra... porque aqui antigamente todo surfista era

considerado vagabundo, maconheiro, drogado... era maior estresse conseguir surfar... tinha que ir escondido, apanhava por surfar... foi uma fase de estresse, de surra (P1, 27 anos).

A dificuldade de seus familiares em apoiá-lo estava relacionada à imagem pejorativa associada ao surfista, o que revela resquícios do preconceito sofrido pelo surfe, em decorrência de sua fase amadora e marginalizada no Brasil, entre as décadas de 1940 e 1960 quando o esporte era associado à ociosidade, alienação e uso de drogas e recriminado por grande parte das famílias dos atletas (Souza, 2004). Nesta fala também é possível perceber a relevância do apoio financeiro para a iniciação e desenvolvimento no surfe, para viabilizar o investimento nos equipamentos necessários à prática da modalidade.

No que tange à rede de apoio financeiro insuficiente, metade dos participantes desta pesquisa, P1 (27 anos) e P3 (15 anos), vivenciaram esse fator como algo adverso em suas carreiras. P1 enfrentou este fator de risco duas vezes: antes de obter seu primeiro patrocínio, devido à ausência de apoio financeiro de sua família (por não aprovarem sua dedicação ao surfe e devido à sua condição econômica - classe baixa, de acordo com o participante) e após perder seu último patrocínio, recentemente. P1 (27 anos) cita a perda de patrocínio como uma vivência aversiva, por tratar-se de um evento repentino, que gerou transtorno em sua rotina de atleta profissional, afinal, a maior parte dos gastos com material esportivo, viagens e campeonatos era custeada pelo referido patrocínio. Já P3 (15 anos), que ainda não tem um grande patrocínio, apesar de relatar melhora após a obtenção de alguns apoios pontuais para a prática esportiva mediante o alcance de bons resultados esportivos (incluindo um patrocínio de pranchas de surfe), enfatiza que a ausência de uma rede de apoio financeiro segura é um fator estressor, que atuou em sua escolha profissional, fazendo-o questionar a viabilidade de seguir a carreira esportiva (“Aos 12 não sabia se ia ser surfista ou dedicar tudo pro estudo, porque não tinha nenhum apoio, só meus pais me ajudavam... foi o momento mais difícil) e que limita o desempenho do papel de atleta profissional (“nunca é certeza para qual campeonato vou... pelo orçamento... a gente... eu e meus Pais... vê o que dá pra ir, sempre depende da nossa fase financeira”).

O fato de os participantes citarem os riscos inerentes ao ambiente marinho como adverso vai ao encontro de Costa (2000). Segundo a autora, a prática de atividades físicas de aventura na natureza (AFAN), categoria que inclui o surfe, implica no constante enfrentamento de riscos intrínsecos ao ambiente natural. Os participantes citaram as ondas de grandes dimensões como adversas no início da carreira: “onda grande me dava bastante medo, principalmente no começo” (P2, 17 anos). A fala do participante vai ao encontro da autora,

sobre a necessidade de haver uma ambientação física, emocional e comportamental ao ambiente natural, para que a prática de AFAN possa se dar com segurança. O participante enfatiza que esta variável era especialmente ansiogênica nas experiências iniciais no surfe, o que é natural, visto que sua iniciação no esporte se deu aos 7 anos, quando ele ainda era uma criança em desenvolvimento. Neste sentido, em se tratando de uma modalidade em que a iniciação esportiva se dá no ambiente natural e que muitas vezes ocorre na primeira infância (tendo como parâmetro metade dos participantes desta pesquisa), a preparação para o desempenho do papel de surfista profissional deve incluir o desenvolvimento de habilidades física, emocionais e comportamentais para lidar com variáveis do ambiente marinho, que não estão sob o controle do atleta.

Todos os participantes citaram como adversas as privações e prejuízos em decorrência do desempenho do papel de atleta, o que inclui prejuízos no desempenho de outros papéis sociais, aspecto já discutido de modo pormenorizado na seção “Constelação e saliência de papéis sociais ao longo da carreira esportiva”.

A pressão para o alcance de resultados também foi considerada uma adversidade na carreira esportiva. P2 (17 anos) enfatiza que a exigência de estar constantemente competindo e atingindo bons resultados é um fator ansiogênico que está sempre presente na rotina de um surfista profissional: “a pressão de competir é bem estressante... semana de campeonato... principalmente na primeira bateria, que é o primeiro passo da competição, fico bem nervoso”. P4 (28 anos) enfatiza que esta demanda de alcançar resultados sobrehumanos, que traz a exigência constante de uma atuação profissional de excelência, compreende um fator estressor e é bastante peculiar da carreira esportiva, quando comparada a outras profissões, como ilustra sua fala a seguir.

A carreira é muito estressante, o que influencia a forma de lidar com a vida... Em outras profissões é diferente, se eu fosse engenheiro, não precisaria ser o melhor do mundo, mas como atleta profissional, principalmente quando há condições de ir pro circuito mundial, é colocar na cabeça que vai ter que ser um dos melhores do mundo.

Esta demanda de constante excelência é considerada por P4 (28 anos) um dos aspectos mais negativos da atuação como surfista profissional, visto que transforma a prática esportiva em obrigação, o que prejudica o desfrute da mesma (“muitas vezes você acaba odiando e perdendo o que mais gosta de fazer... é meio paradoxal, você faz o que mais ama, mas a rotina, as exigências, a responsabilidade de ter que atingir resultado vão matando isso”). Tal aspecto foi a principal motivação para o participante optar pela transição para o *free surf* (“escolhi ficar

com o lado mais positivo, que é poder desfrutar da prática”). Este fator de risco na carreira aponta para uma reificação do atleta, na medida em que há a expectativa que ele atue como uma máquina perfeita e não como um ser humano passível de cometer erros.

Neste contexto de exigência por resultados esportivos excelentes, perder torna-se aversivo. P1 (27 anos) considera um aspecto adverso na carreira de surfista o fato de o atleta ser valorizado apenas enquanto apresenta bons resultados e reificado perante a queda de desempenho. Tal aspecto vai ao encontro de Rubio (2012), sobre a reificação do atleta que ocorre na lógica do esporte moderno e que pode ser observado na fala do participante registrada a seguir.

O ingrato do surfe é quando cai rendimento, se você não tá ganhando mais, ninguém mais te quer, como se você fosse um arquivo: ‘aquele é o atleta 002, pode apagar ele, nunca existiu’. Não interessa quanto tempo você batalhou, tudo que fez por alguma marca, sua história no mundo do surfe... as revistas, a mídia, todos te esquecem... parece que você não existiu. É muito ruim. Alguns atletas conseguem uma carreira mais longa e ser lembrado, mas tem vários que se destacaram, que acrescentaram no Surfe e não são lembrados (P1, 27 anos).

2.4.2 Fatores de risco internos

Dentre os aspectos vivenciados pelos participantes como adversos na construção de suas carreiras, que podem ser considerados fatores de riscos internos, ou seja, relativos ao próprio participante, estão: dificuldade de adaptação ao surfe com fins competitivos; dificuldade de adaptação à transição da categoria amadora para a profissional e lesão e consequente processo de reabilitação.

Em relação à dificuldade de adaptação ao surfe com fins competitivos, P3 (15 anos) enfatiza que, após sua especialização esportiva, foi difícil adaptar-se à transição do surfe com fins recreativos para o surfe com fins competitivos, devido à dificuldade de lidar com os desempenhos ruins nos campeonatos, como ilustra sua fala a seguir.

O maior desafio são as derrotas... No começo era muito difícil saber perder... Acho que pra todo surfista, ninguém quer perder... é chato, negativo, ficava mal, me sentia derrotado... saía das baterias querendo socar, não querendo falar com ninguém... Perdia a vontade de surfar, dava uma recaída... Hoje ainda não gosto de perder, mas acho que aprendi a perder, sei lidar melhor.

É possível perceber que a dificuldade de P3 estava relacionada à imaturidade em termos

de habilidades emocionais para lidar com os maus desempenhos, o que fica claro na conotação pejorativa que ele utiliza para o ato de perder (“me sentia derrotado”). Já P1 (27 anos) relata ter vivenciado dificuldade inicial para adaptar-se à dinâmica dos campeonatos de nível nacional: “Na época, era muito forte o circuito brasileiro. No primeiro ano fui muito mal, foi bem difícil, eu era muito novo, sem experiência de viagem e convívio com outras pessoas”. A partir de sua fala, é possível observar que a dificuldade de adaptação esteve associada à maior competitividade dos campeonatos de âmbito nacional e à imaturidade do participante em termos de habilidades sócio-emocionais para lidar com a dinâmica da rotina de surfista de alto rendimento.

Todos os participantes consideraram a transição para a categoria profissional muito difícil, por esta ser mais competitiva e composta por adversários mais qualificados que a categoria amadora, de modo que a obtenção de títulos torna-se mais escassa e a luta por resultados, estressante, como ilustra os trechos: “No amador, você sempre ganha campeonato, ganha tudo. Quando vai pro profissional fica meses, anos sem ganhar... tem surfista que nunca ganhou um campeonato profissional... não é fácil” (P1, 27 anos); “essa transição do amador pro profissional tá sendo bem difícil... no amador você sempre faz final e no profissional você perde baterias de cara” (P2, 17 anos). Esta dificuldade inicial de adaptar-se à categoria profissional foi sentida por todos os participantes, que, na categoria amadora, se destacaram já nos primeiros campeonatos e obtiveram muitos títulos.

Este aspecto vai ao encontro aos achados de Conde (2003) que em artigo escrito para o website Waves, enfatiza que o sucesso na carreira amadora não deve ser o único parâmetro para realizar a transição para a categoria profissional. Pois, ao realizar esta transição precocemente (antes dos 18 anos), o atleta ainda não possui foco, concentração e patrocínio suficientes para a adaptação à categoria profissional, de modo que sofre mais derrotas do que se ainda estivesse competindo na categoria amadora, o que por sua vez pode prejudicar sua motivação e imagem e o alcance de resultados. Para o autor, o ideal seria que, antes da transição para a categoria profissional, o atleta se estruturasse na categoria amadora como um grande campeão e conquistasse contratos com patrocinadores que permitissem uma formação esportiva básica, o que inclui o nível técnico de surfe, mas também o domínio da língua inglesa e uma base educacional e cultural adequadas.

As dificuldades de adaptação às transições normativas da carreira esportiva supracitadas (transição para o surfe com fins competitivos e para a categoria profissional) possuem um fator comum: a imaturidade em termos de habilidades socioemocionais dos atletas para lidar com algumas demandas do âmbito do alto rendimento esportivo. Tal aspecto pode estar relacionado

ao fato dos participantes desta pesquisa, devido ao alcance de bons resultados esportivos, terem realizado processos de especialização esportiva e profissionalização esportiva (transição para a categoria profissional) precocemente, sem necessariamente ter havido o desenvolvimento de habilidades socioemocionais suficientes para tanto. Logo, é possível perceber a relevância do desenvolvimento sócio-emocional do atleta para a adaptação às transições normativas do surfe de alto rendimento.

Já a lesão esportiva e o consequente processo de reabilitação, foram considerados por P1 as maiores adversidades vivenciadas em sua trajetória profissional, como ilustra sua fala a seguir.

Eu estava no melhor ano de competição da vida, quase entrando no *WCT* quando lesionei... quando fiz a cirurgia caiu a ficha: ‘meu, e agora?’ Me vi em uma situação que nunca imaginei... em uma cadeira de rodas por um mês... Sempre tive uma vida 100% saudável, ativa, com tudo muito acessível e do dia pra noite tudo muda (P1, 27 anos).

A lesão esportiva e o período de reabilitação pós-lesão, são considerados transições não normativas e compreendem eventos delicados na carreira de um atleta de alto rendimento, que desencadeiam reações emocionais. A qualidade do enfrentamento da lesão e do processo de reabilitação dependem de uma série de fatores, dentre eles, a fase da carreira do atleta e do calendário esportivo no qual ocorre (Weinberg & Gould, 2008). No caso em questão, a lesão ocorreu no momento considerado pelo atleta o auge de sua carreira e, em relação ao calendário esportivo, em pleno Campeonato Mundial, no qual apresentava ótimo desempenho, de modo que se encontrava na iminência de realizar o sonho de entrar para a divisão de elite (*WCT*) do circuito mundial. Logo, a fase em que ocorreu a lesão foi bastante delicada, por frustrar, de modo brusco, a realização de um objetivo considerado por ele muito importante, obrigando-o a abandonar o campeonato para submeter-se a um período de cirurgia e reabilitação. Tais aspectos favorecem reações emocionais negativas, contribuindo para que este evento tenha sido vivenciado como algo aversivo.

É importante ressaltar que apesar destes fatores de risco serem considerados internos, eles foram facilitados por fatores de risco externos. Afinal, tanto a escassez de habilidades sócio-emocionais (para lidar com transições não normativas na carreira esportiva e com as demandas do alto rendimento esportivo), quanto a lesão esportiva, são aspectos que podem ser favorecidos pela especialização e profissionalização esportivas precoces e pela busca acrítica por resultados esportivos.

Dentre os fatores de risco citados como adversos na construção da carreira esportiva, a

rede de apoio social e financeira insuficientes e a falta ou escassez de habilidades sócio-emocionais para lidar com as demandas do âmbito do alto rendimento esportivo, podem ser consideradas barreiras de transição, na medida em que compreendem fatores internos e externos que dificultaram o enfrentamento e a adaptação às transições (Stambulova et al, 2009).

2.5 EIXO TEMÁTICO 5 — REPERTÓRIO DE *COPING VOCACIONAL* AO LONGO DA CARREIRA ESPORTIVA

Nesta seção será discutido o eixo temático “Repertório de *coping vocacional* ao longo da carreira esportiva”, que inclui as categorias temáticas “Recursos externos de enfrentamento” e “Recursos internos de enfrentamento”, definidas a priori.

Super (1980) enfatiza a relevância do repertório de *coping* vocacional, que inclui os recursos externos e internos utilizados no enfrentamento dos desafios ao longo da carreira. Neste mesmo sentido, a resiliência está relacionada à capacidade de desenvolver e utilizar os fatores de proteção (recursos internos e externos de enfrentamento) ao vivenciar adversidades (fatores de risco) e de agir de modo construtivo e perseverante, buscando superá-las e transformar a vulnerabilidade em potencialidade (Placco, 2002; Assis; Pence; Avanci, 2006). Apesar das adversidades vivenciadas ao longo da carreira esportiva, de modo geral, os participantes evidenciaram a capacidade de enfrentá-las de modo resiliente, apresentando um bom repertório de *coping* vocacional.

2.5.1 Recursos externos de enfrentamento

A existência de uma rede de apoio social, emocional, material e profissional segura (composta por pessoas significativas, incluindo família, amigos, equipe multiprofissional e empresa patrocinadora) foi citada por todos os participantes como um fator de proteção primordial para o desenvolvimento no esporte, a adaptação às transições e à superação de adversidades ao longo da carreira. Esse dado vai ao encontro de Brandão *et al.* (2000), que enfatizam que a rede de apoio social é essencial para a qualidade da adaptação às transições e desafios ao longo da carreira esportiva.

O apoio emocional e material familiar foram citados como essenciais, principalmente nos anos iniciais da carreira, na categoria amadora e enquanto os participantes não tinham patrocínio esportivo: “Minha família sempre esteve ao meu lado, o que foi muito importante” (P2, 17 anos). O apoio e a confiança da família foram mencionados por P3 (15 anos) como fatores muito importantes para sua retomada à prática do surfe após o *dropout* temporário vivenciado após sua especialização esportiva e para que ele pudesse voltar a acreditar em sua capacidade de ser bem-sucedido na carreira esportiva, como ilustra sua fala a seguir:

O apoio e ajuda dos meus pais foi essencial... eles me incentivaram muito para ser profissional... minha mãe falava: ‘vai, vamos fazer de tudo... vai dar tudo certo’... a confiança que eles sempre tiveram em mim foi muito importante pra eu acreditar também.

P1 (27 anos) considera que o apoio emocional (propiciado pela família e equipe multiprofissional) e o apoio material (propiciado pela empresa patrocinadora) como essencial na qualidade do enfrentamento da transição da prática esportiva para o período de reabilitação após a ocorrência de sua lesão e da transição do período de reabilitação para a retomada da prática esportiva. Os dados obtidos nesse estudo sobre o apoio familiar corroboram os achados de Cote (1999), que caracterizam a família como principal rede de apoio social, emocional e material ao longo das fases de formação e desenvolvimento esportivos do atleta de elite.

Em relação ao apoio profissional para a prática esportiva, P1 (27 anos) considera que a preparação e o apoio psicológicos foram de extrema importância em sua carreira, principalmente por auxiliar a lidar com a pressão a que os atletas são submetidos, que, em sua percepção, decorre dos patrocinadores, dos amigos, dos familiares e dos próprios atletas.

O respaldo seguro dos mediadores da prática esportiva também foi citado como recurso externo de proteção. O referido respaldo denota a mediação realizada por profissionais e pessoas significativas, que tiveram uma postura adequada no que tange à facilitação da ambientação necessária ao ambiente natural na prática de AFAN, citada por Costa (2000). Ou seja, atuaram como um porto-seguro e, concomitantemente, incentivaram a autonomia do praticante, como mostra o excerto a seguir.

Meu pai me empurrava nas ondas...eu tinha medo de ir pro fundo e ele sempre me levava no fundo, mas ficava lá comigo...sempre me apoiando...e falava: ‘vai nessa, não vai na pequena’. Sempre me apoiou nos campeonatos, correndo atrás pra que eu tivesse condição de ir...sempre ao meu lado nos campeonatos...o preparador físico da equipe de surfe daqui também me ensinou a surfar, eu não tinha muita noção e ele me empurrava na onda, sempre me ajudou, já até pagou minha inscrição de campeonato...ele tá comigo até hoje... (P3, 15 anos).

É importante ressaltar que os mediadores considerados marcantes na trajetória de vida e de carreira de P3 facilitaram não somente a prática esportiva, mas estabeleceram um vínculo sólido e seguro, fornecendo apoio emocional e financeiro para que ele se desenvolvesse no esporte e na carreira esportiva.

2.5.2 Recursos internos de enfrentamento

Dentre os recursos internos considerados fatores de proteção no enfrentamento de adversidades ao longo da carreira, foram citados pelos participantes: a alta motivação intrínseca para a prática do surfe e para o desempenho do papel de surfista profissional, o comportamento direcionado ao estabelecimento e ao alcance de metas, a capacidade de encarar as adversidades como desafios, o apreço por competir e o foco em alcançar o sucesso, o otimismo e o equilíbrio entre profissionalismo e desfrute da prática esportiva.

A alta motivação intrínseca para o surfe, relacionada ao apreço e prazer sentidos pela prática da modalidade, foi um dos principais recursos internos ao longo da carreira, citado por todos participantes. Este dado vai ao encontro da literatura: Diehm & Armatas (2004), ressaltam que prática do surfe está intimamente relacionada à motivação intrínseca e que os surfistas apresentam níveis mais altos de motivação intrínseca quando comparados a praticantes de esportes de baixo, relacionada ao desejo de vivenciarem atividades de aventura que geram prazer, de modo que, ao surfarem, experimentam satisfação e recompensas inerentes à prática; ademais, o principal tipo de motivação envolvida na prática de *windsurf*, segundo Modrono & Guillén (2016), e na prática de atividades físicas de aventura, segundo Costa (2000) é intrínseca. Este fator de proteção se mostrou essencial para o enfrentamento de diversos fatores adversos nas trajetórias de carreira dos participantes. Para P1(27 anos), a alta motivação intrínseca para a prática do surfe foi um importante recurso de enfrentamento em sua iniciação no surfe, visto que mesmo enfrentando diversos obstáculos (apoio familiar e recursos materiais insuficientes), ele encontrou meios de se desenvolver no esporte e no período de reabilitação pós-lesão (“o que me ajudou a superar essa fase foi minha força de vontade... vontade de voltar a surfar... que é algo que fiz minha vida inteira, algo que amo, que me traz muito prazer”). P2 (17 anos) ressalta que tal fator de proteção o auxiliou a superar muitas dificuldades em sua carreira, inclusive o medo inicial das ondas de grandes dimensões: “é o surfe que me ajuda a enfrentar as dificuldades, porque eu gosto muito de tá surfando”.

A alta motivação intrínseca, relacionada ao apreço pela carreira esportiva e pelo desempenho do papel de surfista profissional, também foi citada por todos os participantes: “amo fazer o que faço, é o melhor trabalho do mundo” P2 (17 anos); “gosto tanto do que faço, que não consigo ver muitos aspectos negativos na carreira de surfista” P3 (15 anos). Estas falas também sugerem uma visão ainda idealizada da carreira esportiva, provavelmente porque, dentre os participantes, ambos são os mais novos e com menor tempo de carreira. P4 (28 anos), em uma fala menos romantizada, ressalta a importância do apreço pelo papel de atleta como fator de proteção no enfrentamento das privações e dificuldades inerentes à atuação profissional.

Ser atleta é devoção ao que você ama, você abre mão de tudo pra fazer aquilo. Enche o saco, é maçante. Mas todos atletas que conheço, até de outras modalidades, não costumam reclamar das coisas inerentes ao esporte. Porque o atleta profissional ama o que faz (P4, 28 anos).

O comportamento direcionado ao estabelecimento e alcance de metas também foi citado como importante recurso de enfrentamento. Todos os participantes revelaram possuir uma grande meta, norteadora de suas trajetórias de vida e carreira: atingir a estabilidade financeira através da profissionalização no esporte, traduzido em suas falas como “viver do surfe”. A capacidade de estabelecer metas e ter foco, determinação e persistência para persegui-las, mostrou-se essencial para a superação de algumas adversidades ao longo da carreira, auxiliando os participantes a não desistirem do esporte e da carreira esportiva, mesmo mediante contextos desfavoráveis. Para P1 (27 anos), este aspecto foi citado como um recurso interno primordial, em diversos momentos: para o enfrentamento dos obstáculos sociais e materiais encontrados em sua iniciação e desenvolvimento no surfe (“Muitos desistiriam no meu lugar... eu não desisti... sempre fui focado, dedicado ao treinamento, ao surfe... tenho personalidade forte, sou teimoso... se acredito que é certo, vou até o fim”); do período de reabilitação pós-lesão (“Meu objetivo sempre foi surfar, viver do surfe a vida toda... Então, quando me deparei na cadeira de rodas, caiu a ficha e eu falei: ‘eu vou voltar!’ e voltei”) e da perda de patrocínio (“agora é dar um jeito de manter o sonho vivo... e poder continuar ganhando a vida como surfista profissional”). Para P4 (28 anos) a dedicação para conquistar seus objetivos de carreira foi essencial, não apenas como fator de proteção, mas como facilitador do alcance de sucesso em sua carreira (“tem muita gente que teve tanta condição quanto eu, mas ficou pelo caminho, porque não se dedicou o suficiente”). Tais dados vão ao encontro dos achados de Trombeta (2000 *apud* Sanches, 2009), que considera o comportamento direcionado a metas um fator de proteção no enfrentamento de transições e adversidades.

A capacidade de encarar as adversidades como desafios, foi citada como um recurso de enfrentamento importante, o que vai ao encontro de Trombeta (2000 *apud* Sanches, 2009), que teoriza que o comportamento direcionado a metas favorece a capacidade de encarar as adversidades como desafios e que, por sua vez, também é considerado um fator de proteção na literatura sobre resiliência. Tal aspecto foi o que motivou P1 (27 anos) a sentir-se desafiado a provar para seus familiares que poderia desenvolver uma carreira bem-sucedida no surfe, quando estes eram contra sua dedicação ao esporte: “de certa forma o fato de minha família não apoiar o surfe ajudou... dava mais vontade de não desistir, de mostrar que eu poderia viver disso”.

O apreço por competir e o foco em alcançar o sucesso nas competições e na carreira também foram citados como recursos de enfrentamento de adversidades e desafios na carreira: “sempre fui muito competitivo... E o desejo de competir e de vencer me ajuda a superar qualquer medo” (P2, 17 anos); “Sempre quis estar entre os melhores surfistas do mundo, sempre quis ganhar...vencer no surfe e na vida...isso sempre foi um foco que me norteou, me ajudou, me trouxe força” (P2, 17 anos).

O otimismo, considerados fatores de proteção no enfrentamento de adversidades por Trombeta (2000 *apud* Sanches, 2009), também foram mencionados como um recurso de enfrentamento e adaptação às transições não normativas da carreira. P1 (27 anos), ao relatar sobre a perda de patrocínio que sofreu recentemente, demonstra sua capacidade de lidar com as dificuldades sob uma perspectiva otimista e bem humorada (“Negocieei de representar a marca no Brasil, recebendo menos... pra quem não tem nada, metade é o dobro”. “Apesar dos desafios, estou com boas expectativas”). P2 e P3 também utilizaram uma perspectiva otimista para enfrentarem as dificuldades da transição da categoria amadora para a profissional: “tá sendo bem difícil, mas uma hora você vai começar a ganhar e se fazer respeitar” P2 (17 anos); “é bem desafiador, mas acho que vai ser uma fase boa” P3 (15 anos).

O equilíbrio entre a capacidade de dedicar-se à carreira com profissionalismo e a capacidade de desfrutar da prática esportiva foi mencionado como um fator de proteção no enfrentamento de dificuldades e transições, como ilustra a fala de P1 (27 anos): “nunca levei minha carreira na brincadeira... lógico, me divirto surfando e sento atleta, mas sempre levei a sério e fui muito profissional a vida inteira, com tudo que eu fiz e esse equilíbrio me ajudou a enfrentar os desafios”.

Dentre os fatores de enfrentamento citados pelos participantes na construção da carreira esportiva, todos podem ser considerados recursos de transição, na medida em que compreendem fatores internos e externos que facilitaram o enfrentamento e a adaptação às transições

(Stambulova et al, 2009).

É possível afirmar que a construção da carreira dos participantes, até o momento da obtenção de dados, incluiu o enfrentamento de diversos fatores de risco. Porém, de modo geral, os recursos internos e externos de enfrentamento, que compuseram o repertório de *coping* vocacional dos mesmos, podem ser considerados suficientes, até o momento presente, para o enfrentamento das adversidades vivenciadas, se utilizarmos como parâmetro o fato de os atletas continuarem investindo na construção da carreira esportiva e não ter sido relatado nenhum caso de *dropout* esportivo definitivo.

2.6 EIXO TEMÁTICO 6 — PLANEJAMENTO E GESTÃO DE CARREIRA

O presente eixo temático inclui as categorias temáticas “Objetivos de carreira”; “Adaptabilidade de carreira” e “Temas de vida”, definidas a priori e a categoria temática “Processos de planejamento e gestão da carreira”, construídas a partir dos dados obtidos.

No intuito de facilitar a compreensão dos dados obtidos, as dimensões da adaptabilidade de carreira propostas por Savickas (2005) preocupação (planejamento e preparação para enfrentar demandas vocacionais futuras), controle (responsabilidade e controle pessoal na construção da própria carreira), curiosidade (iniciativa em explorar ativamente oportunidades sociais e profissionais) e confiança (manutenção da autoconfiança para perseguir os próprios objetivos, a despeito dos obstáculos), que compõe a categoria temática “Adaptabilidade de carreira” serão analisadas nas subseções destinadas às categorias temáticas “Processos de planejamento e gestão da carreira” e “Objetivos de carreira”.

2.6.1 Processos de planejamento e gestão da carreira (adaptabilidade e objetivos de carreira)

Além dos participantes, outros atores sociais foram mencionados como reponsáveis pelos processos de planejamento e gestão da carreira esportiva, dentre eles os pais, técnicos e profissionais das empresas patrocinadoras. As principais demandas de gestão da carreira mencionadas foram relativas ao processo de gerenciamento dos contratos com patrocinadores (análise e escolha das propostas de patrocínio) e da rotina de competições (escolha dos

campeonatos a serem disputados e organização de suas respectivas logísticas — viagens, passagens, hospedagem, entre outras condições).

A atuação dos participantes na gestão da própria carreira se deu de diferentes formas ao longo da trajetória profissional e, no que tange à adaptabilidade de carreira, os mesmos apresentaram diferentes níveis de desenvolvimento nas dimensões preocupação, controle, curiosidade e confiança ao longo da carreira esportiva. A tabela 06 a seguir ilustra o desenvolvimento das dimensões de adaptabilidade ao longo da carreira e evidencia algumas demandas em relação ao aprimoramento das mesmas.

Tabela 06
Adaptabilidade de Carreira

DIMENSÕES	FASES INICIAIS	FASE ATUAL
PREOCUPAÇÃO	Alta motivação para a construção da carreira no surfe	Alta motivação para a construção da carreira no surfe
		Há maior consciência das demandas de futuro, porém a carreira continua sendo mais “vivenciada do que planejada” (exceção: P4)
	A carreira é mais “vivenciada do que planejada”	Planos vagos e idealizados (exceção: P4)
		Ocorrência de indiferença de carreira (P1)
CONTROLE	Locus de controle externo da carreira: protagonismo de Pais e Técnico no planejamento e gestão da carreira e Atletas como coadjuvantes (exceção:P1)	Há escassez da dimensão preocupação (relativas à dupla-carreira, às transições não normativas e à transição de carreira esportiva)
		Locus externo e interno de controle da carreira: protagonismo: Empresa patrocinadora e Atletas (exceções: P3 - Pais protagonistas e P1 - temporariamente sem patrocínio)
		Ocorrência de indecisão de carreira (P3)
CURIOSIDADE	Exploração do ambiente esportivo	Exploração do ambiente esportivo
	Exploração do ambiente escolar	Exploração do ambiente escolar (P3 e P4)
CONFIANÇA	↑ otimismo e autoconfiança	Há escassez da dimensão curiosidade em cenários e papéis “extra-esportivos”
		↑Otimismo e autoconfiança
		Ocorrência de inibição de carreira (P3)

Como evidenciado na tabela, nas fases iniciais da carreira (que correspondem à infância e ao início da adolescência), os participantes desempenhavam um papel de coadjuvante na gestão de suas carreiras e, portanto, apresentavam baixos níveis de desenvolvimento nas dimensões preocupação e controle da adaptabilidade de carreira, pois, o controle do

planejamento e da construção de suas carreiras era protagonizado por seus pais, o que é esperado, sobretudo, por causa da idade. No caso de P4 (28 anos), seu técnico também foi bastante atuante neste sentido.

É possível observar que a idade dos participantes e a presença/ausência de patrocínio são fatores que influenciaram o nível de participação dos pais na gestão de suas carreiras. De modo geral, os pais atuavam como protagonistas enquanto os participantes não tinham patrocínio e/ou quando tinham idade abaixo de dezoito anos. Na medida em que os participantes estabeleceram contratos profissionais, as empresas patrocinadoras passaram a protagonizar o processo de planejamento e gestão da rotina de competições. P2 (17 anos) e P3 (15 anos), que tem idade abaixo de dezoito anos, ainda possuem o auxílio dos pais; no caso de P2, que também possui o respaldo da empresa patrocinadora, os pais atuam como coadjuvantes e no caso de P3, que ainda não possui patrocínio, os pais tem uma atuação mais direta (P3: “gestão da carreira eu faria com patrocinador... por enquanto é com meus pais”).

Ao longo das fases de desenvolvimento do ciclo vital e de carreira, é possível observar um progressivo desenvolvimento do protagonismo dos participantes na gestão de suas carreiras (porém, devido ao contrato estabelecido com as empresas patrocinadoras, este protagonismo não necessariamente implica em autonomia nos processos de tomada de decisão na atuação profissional). O protagonismo inicial de terceiros significativos na gestão da carreira dos participantes foi relevante para que eles pudessem desenvolver a dimensão controle da adaptabilidade de carreira, como ilustra as falas de P1 e P4.

A marca que me patrocinava me deu um apoio muito forte em tudo isso... Qual campeonato competir? Passagem, hospedagem... o meu chefe atuava como meu *Manager*... depois eu tive que começar a fazer. Mas até eu pegar uma idade, uma experiência, ele fez pra mim (P1, 27 anos).

Eu não me preocupava muito com isso quando eu comecei a competir, porque eu era bem novo... e tinha pessoas que se envolviam bastante nisso... meu Pai e depois um técnico... comecei a me envolver mais nisso conforme eu fui amadurecendo e tendo consciência das coisas que acontecem e tudo o que envolve a carreira... a minha carreira... então fui participando cada vez mais (P4, 28 anos).

Em ambos os casos, o respaldo de terceiros na gestão da carreira facilitou o desenvolvimento e/ou aprimoramento da dimensão controle. P1 (27 anos) já demonstrava a dimensão controle antes de possuir o apoio da empresa patrocinadora, porém, o respaldo do *Manager* da empresa patrocinadora foi importante para que ele desenvolvesse autonomia no

gerenciamento de aspectos relativos à sua rotina de competições. E no caso de P4 (28 anos), o início precoce da carreira facilitou que o *locus* de controle da mesma estivesse localizado no outro (pais, técnicos e patrocinadores), porém, o amadurecimento pessoal associado ao apoio de uma rede social significativa, permitiu que ele se conscientizasse sobre sua responsabilidade no processo de construção e gestão de sua carreira e deslocasse, gradativamente, para si o locus de controle, se apropriando da mesma.

P1 (27 anos) pode ser considerado uma exceção, visto que apresentou um protagonismo precoce na gestão de sua carreira, demonstrando bons níveis das dimensões da adaptabilidade de carreira mais cedo que os demais participantes. Desde criança o participante sonhava ser surfista profissional e desejava provar para sua família, que era contra a prática da modalidade, que seria possível “viver do surfe”. Este sonho, ancorado em uma perspectiva otimista, a longo prazo (dimensão preocupação), e o desejo de superar as barreiras encontradas na tentativa de realizá-lo, facilitaram que o participante agisse de modo pró-ativo na construção de sua carreira (dimensão controle) e buscasse oportunidades de desenvolver-se no esporte (dimensão curiosidade). Assim, apesar das dificuldades vivenciadas ao longo da carreira, ele sempre se mostrou confiante em sua capacidade de realizar seu sonho (dimensão confiança).

As quatro dimensões da adaptabilidade de carreira foram apresentadas por ele já no início de sua adolescência, pois: ele era o responsável pela gestão dos aspectos relativos aos contratos profissionais (“Minha Mãe lia os contratos comigo, mas nunca se meteu... porque não era o mundo dela... era o meu... a minha carreira... sempre pedi espaço... deixa que eu resolvo, eu decido”), de modo que situava o locus de controle de sua carreira em si, demonstrava assertividade e capacidade de tomada de decisão autônoma (dimensão controle); ele apresentou sua trajetória no surfe para diversas empresas de forma autônoma, após obter um título nacional importante, objetivando conseguir um patrocínio mais forte do que o que possuía, demonstrando iniciativa em explorar ativamente o ambiente em busca de oportunidades profissionais (dimensão curiosidade); ele utilizou a longevidade do contrato como critério de escolha após receber diversas propostas de patrocínio (“Coloquei no papel pra analisar melhor... quem pagava mais, histórico das marcas com os atletas... neguei proposta maior, por não ver como duradoura... escolhi onde via minha carreira como mais duradoura”), considerando o futuro vocacional sob uma perspectiva temporal ancorada em planejamento (dimensão preocupação) e demonstrando capacidade de tomada de decisão autônoma (dimensão controle). Ao longo de sua carreira, é possível observar a relação estabelecida entre as dimensões de adaptabilidade de carreira, mencionada por Savickas (2005): a existência de uma delas facilita o desenvolvimento das demais.

Em relação aos objetivos de carreira, os participantes mencionaram objetivos relativos à carreira esportiva e ao período pós-transição de carreira esportiva, descritos na tabela 07 a seguir.

Tabela 07
Objetivos de carreira

PARTICIPANTES	OBJETIVOS NA CARREIRA ESPORTIVA	OBJETIVOS PÓS A TRANSIÇÃO DE CARREIRA ESPORTIVA
Todos	Atuar profissionalmente com o surfe Obter/ manter “patrocínio forte” Surfe como prática de tempo livre	Atuar profissionalmente com o surfe Surfe como prática de tempo livre
P1, P2 e P3	Destacar-se no <i>WQS</i> Entrar para o <i>WCT</i> Estar entre os melhores surfistas do <i>WCT</i> /ser campeão mundial	Atuar profissionalmente com o surfe (como primeiro plano)
P1 e P2	Não há preocupação com o papel de estudante (dupla-carreira) Atuar profissionalmente com o surfe	Não há preocupação com o papel de estudante (dupla-carreira). Porém há o desejo de atuar em área relacionada às Ciências do Esporte e ao Empreendedorismo (P2) Atuar somente com o surfe
P3 e P4	Dupla-carreira P3: continuar conciliando carreira esportiva com ensino médio P4: continuar conciliando atuação profissional (atua paralelamente com produção audiovisual, porém surfe ainda é 1º plano) e graduação em Jornalismo	Dupla-carreira P3: desejo de ser fisioterapeuta do esporte (atuar com o surfe e atletas de modo geral) P4: desejo de atuar com outra área concomitante à atuação no surfe (produção audiovisual como 1º plano)

O objetivo principal na carreira esportiva, compartilhado por todos os participantes, já mencionado anteriormente, é conseguir sustentar-se financeiramente com algo que amam fazer: a prática do surfe. Este objetivo aparece em seus discursos como “viver do surfe”:

Meu plano é conseguir viver do surfe... ter casa, carro, construir família através do surfe...muita gente conseguiu... não quero trabalhar (risos)... o surfe não é trabalho...porque não é obrigação (P2, 17 anos).

Meu objetivo é criar condições com meu trabalho para prolongar ao máximo o surfe como primeiro plano...manter este estilo de vida até quando for viável...continuar tendo um patrocinador forte, tendo condição de fazer um trabalho bacana pra continuar vivendo do surfe até quando for viável... (P4, 28 anos).

O objetivo “viver do surfe” está relacionado ao desejo de serem recompensados financeiramente por algo que já lhes é recompensador, que é inerente aos seus estilos de vida, o que é ilustrado pelo fato de P2 (17 anos) não considerar a prática do surfe como um trabalho, visto que é algo que ele faz naturalmente, por prazer.

Todos os participantes, com exceção de P4 (28 anos), que não se dedica mais ao surfe no âmbito competitivo, compartilham o desejo de entrar para a Divisão de Elite do Campeonato Mundial de Surfe — *WCT*: “todo atleta que se profissionaliza e tá no circuito mundial quer entrar no *WCT*, então esse é o foco” (P2, 17 anos); “quero conseguir correr todo o *WQS* pra poder entrar no *WCT*, onde estão Gabriel Medina, *Kelly Slater* e brigar por uma vaga entre os tops mundiais” (P3, 15 anos). Nos trechos “conseguir viver do surfe... ter casa, carro, construir família através do surfe... muita gente conseguiu” (P2) e “brigar por uma vaga entre os tops mundiais no *WCT*... onde estão Gabriel Medina, *Kelly Slater*” (P3), é possível observar que os surfistas que alcançaram sucesso na carreira esportiva atuam como referência na construção dos objetivos de carreira dos participantes. O desejo de ser campeão mundial de surfe também aparece entre os objetivos dos participantes, como ilustra a fala de (P3, 15 anos): “quero defender a bandeira do Brasil e ser campeão mundial”.

Entrar para o *WCT*, ou seja, estar entre os 34 melhores surfistas do mundo (*WSL*, 2017) e ser campeão mundial de surfe são metas bastante audaciosas. Afinal, de acordo com P5 (44 anos) muitos surfistas permanecem muitos anos no *WQS* para conseguir entrar no *WCT* (o que demanda perseverança e foco) e o *WQS* pode ser considerado um grande funil, que atua como uma espécie de seleção natural para os atletas, na qual só os “mais fortes”. E, segundo Rubio (2012), apenas uma minoria dos atletas atinge a elite esportiva. Para o alcance dos objetivos acima citados, é condição *sine qua non* a existência de um nível altíssimo de habilidade esportiva e um patrocínio esportivo forte. P1 (27 anos) e P3 (15 anos), que no momento encontram-se sem patrocínio e P4 (28 anos), que possui patrocínio, possuem consciência de que o auxílio de um patrocinador é uma pré-condição para o alcance das demais metas na carreira esportiva (P1: “a primeira meta é conseguir novamente um bom patrocinador, o quanto antes, ainda este ano”; P3: “pra competir viajando o mundo depende de dinheiro”; P4: “meu objetivo é criar condições com meu trabalho para prolongar ao máximo o surfe como primeiro plano... continuar tendo um patrocinador forte”).

Além disso, os participantes possuem a consciência de que, para atingir tais objetivos, é necessário um processo progressivo e gradual de estabelecimento de metas. O que é essencial, de acordo com Weinberg & Gould (2008), que enfatizam que o estabelecimento de metas no esporte deve incluir metas progressivas e graduais e desafiadoras (para gerar motivação), porém

tangíveis (para evitar frustrações) e de acordo com P6 (52 anos), que enfatiza que a progressão do surfista nas competições deve ser “uma escadinha” (com a seguinte sequência: 1 — o atleta deve alcançar bons resultados esportivos; 2 — os bons resultados facilitam a conquista de um bom patrocinador; 3 — um bom patrocínio facilita o desenvolvimento no esporte e no *WQS*; e 4 — um desempenho excelente no *WQS* é pré-condição para a entrada no *WC* e 5 — um desempenho excelente no *WCT* é pré-condição para a conquista do título mundial).

No que tange à relação entre a adaptabilidade de carreira e os objetivos almejados pelos participantes para a carreira esportiva, P1 (27 anos), apesar de estar sem patrocínio, apresenta as dimensões controle e confiança de carreira (“tenho que correr atrás”; “Apesar dos desafios, estou com boas expectativas”). P2 (17 anos) apresenta as dimensões preocupação e controle (“preferi já ir pro profissional e entrar no circuito mundial, eu quis e minha família e patrocinadores me apoiaram na decisão”... “me profissionalizei cedo, porque quero chegar lá”), ele também apresenta as dimensões curiosidade (“é continuar treinando...buscando oportunidades, me desenvolvendo, pra atingir meus objetivos”) e confiança (“tem vários obstáculos no caminho, mas minha expectativa é boa... é normal apanhar no começo, perder baterias, mas uma hora você vai ganhar, se fazer respeitar, vão ver que batalhei”; “tô com boas pranchas, no meu surfe acho que tá tudo certo”).

Já no caso de P3 (15 anos), as dimensões controle e confiança aparecem de forma menos clara. Ele não possui patrocinador (os gastos com sua carreira e rotina de atleta profissional são custeados por seus pais e por alguns apoios) e o alcance de seus objetivos na carreira esportiva depende da conquista de um patrocínio significativo. Devido a este panorama, a crença do participante em sua capacidade de atingi-los e o controle de sua carreira aparecem condicionados às oportunidades profissionais, ou seja, à variáveis externas (P3: “Meu futuro no surfe depende de como vou estar financeiramente nessa transição dos 15 pros 18 anos ...se vou conseguir um grande patrocinador”), de modo que é possível observar a presença da indecisão de carreira, que compreende a escassez da dimensão controle e a inibição de carreira, que compreende a escassez da dimensão confiança de carreira (Savickas, 2005).

E P4 (28 anos) apresenta as dimensões preocupação e controle (“cuido da minha carreira, do que está acontecendo no presente, visando a longo prazo”), e curiosidade (“Estou escrevendo para revistas, escrevendo roteiro para programa de TV, gravando como elenco também, entrevistando nos bastidores... tudo relacionado ao surfe”. Embora a maioria das atividades profissionais desenvolvidas por P4 sejam relativas ao surfe, ele se mostra uma pessoa multifacetada, ao desempenhar diversos papéis (escritor, ator, roteirista, jornalista), que requerem diferentes habilidades, passíveis de serem transferidas para âmbitos além do

esportivo. Neste sentido, P4 está desenvolvendo uma identidade multidimensional, o que compreende um fator de proteção para as transições na carreira e para a transição de carreira esportiva future (Stambulova et al, 2009).

O surfe também compõe o planejamento de vida de todos os participantes para o período pós-transição de carreira esportiva, como prática de tempo livre e lazer. E o objetivo de continuar atuando profissionalmente com o surfe após a transição de carreira esportiva também compõe o planejamento de todos os participantes. P1, P2 e P3 almejam ter a atuação relacionada ao surfe como primeiro plano no período pós-carreira esportiva e P4, percebendo a possibilidade de esta opção ser finita (“...é prolongar ao máximo o surfe como primeiro plano...manter este estilo de vida até quando for viável...continuar continuar vivendo do surfe até quando for viável”) e, tendo outros interesses (produção audiovisual) e novas habilidades (graduação em Jornalismo), possui um “plano” B (“No futuro vou fazer outra coisa em primeiro plano, como produção audiovisual”). Os demais participantes objetivam atuar prioritariamente com o surfe de diversas formas: “Vejo o surfe na minha vida pro resto da vida, não me vejo sair da área. Mesmo acabando a carreira de surfista, acredito que vou trabalhar de alguma forma ajudando o surfe” (P1, 27 anos); “depois de aposentar, vou continuar trabalhando com surfe...como técnico...treinador...ou ter uma empresa ligada ao surfe...uma escola de surfe...algo assim” (P2, 17 anos); “quero e vou sempre trabalhar com surfe...penso em ser Fisioterapeuta de atletas, surfistas...e acompanhar ele no mundo, ele surfando e eu sendo fisioterapeuta dele e automaticamente surfando também” (P3, 15 anos). Todos acreditam que irão alcançar seus planos de atuação profissional para o período após a transição de carreira esportiva, o que evidencia a existência das dimensões preocupação e confiança.

Todos os participantes, com exceção de P4 (28 anos), que não se dedica mais ao surfe no âmbito competitivo, compartilham o desejo de entrar para a Divisão de Elite do Campeonato Mundial de Surfe — *WCT*: “todo atleta que se profissionaliza e tá no circuito mundial quer entrar no *WCT*, então esse

O formato da atuação com o surfe no pós-carreira esportiva é relatado de forma vaga por P1 (27 anos) e não há uma ação concreta que permita construí-la no presente. P2 (17 anos) e P3 (15 anos) apresentam um formato de atuação mais concreto, visto que há o desejo de atuar em profissões da área das Ciências do Esporte, que demandam um nível superior de escolaridade (“treinador” e “fisioterapeuta de atletas”). O papel de estudante encontra-se inexistente na saliência de papéis (Super, 1980) de P1 (27 anos) e P2 (17 anos), que não consideram a possibilidade de investir na dupla carreira no momento. Apenas P3 (15 anos) e P4 (28 anos) demonstram a dimensão preocupação em relação à formação em nível superior e

ao desenvolvimento da dupla carreira, como mostram os excertos a seguir.

Penso em fazer faculdade paralela à carreira de atleta, pra sempre ter algo pra fazer quando acabar minha carreira de surfista... com uns 45 anos vou querer fazer outra coisa da vida também... não só o surfe (P3, 15 anos).

Termino a faculdade de jornalismo este ano. Tenho consciência do momento que estou, onde quero chegar, o que tenho que fazer para atingir meus objetivos. Faço coisas paralelas ao surfe... pois estou criando condições pro meu futuro, pra chegar onde quero (P4, 28 anos).

Além da dimensão preocupação, a fala de P3 (15 anos) também contém a dimensão controle (pois o locus de controle da carreira é situado no *Self*). Já a fala de P4 contém a presença das dimensões preocupação (há a consciência sobre a importância de preparar-se para um futuro vocacional e uma perspectiva temporal ancorada em planejamento), controle (o locus de controle da carreira é situado no *Self*, há assertividade e atitudes de autorregulação) e curiosidade de carreira (há iniciativa de explorar ativamente o ambiente em busca de oportunidades profissionais e futuros vocacionais, tanto no âmbito esportivo, quanto em outros cenários). O planejamento da aposentadoria enquanto ainda está ativo no esporte e a construção de uma dupla carreira são fatores de proteção para seu futuro processo de transição de carreira esportiva. Afinal, o desenvolvimento de uma identidade multidimensional ao longo da carreira esportiva e o desenvolvimento da dupla carreira, permitem uma transição mais saudável e facilitam a recolocação profissional, trazendo bons prognósticos para a autorrealização após a aposentadoria no esporte (Stambulova et al, 2009; Rubio, 2012). P4 (28 anos) também apresentou as dimensões controle e confiança ao relatar sobre sua transição para o *free surfer* (“virar *free surfer* foi uma decisão consciente, uma decisão pessoal... porque eu tinha condições de me tornar”). O fato de o participante já ter realizado uma transição de carreira bem-sucedida, voluntária e planejada (do surfe competitivo para o *free surfer*), fornece um bom prognóstico para sua transição de carreira esportiva no futuro, pois o sucesso no enfrentamento de transições ao longo da carreira favorece uma adaptação saudável às demais transições (Savickas, 2005).

No caso de P1 (27 anos), há a consciência de que a transição de carreira esportiva é um processo inevitável e delicado, que inclui o enfrentamento de dificuldades (“Tem muito atleta que acrescentou no surfe e não é lembrado. O fim do surfe é muito ingrato... você sacrifica sua vida pessoal... e depois é esquecido”). Porém, não há um planejamento ou preparação para este processo (“não tenho ainda planejamento a longo prazo... indo devagarzinho, um passo de cada vez, pensando nesse ano e nos próximos anos, vamos ver”). Ou seja, há a indiferença de carreira (escassez da dimensão preocupação, que inclui a falta de planejamento) em relação à

aposentadoria no esporte. A ocorrência da indiferença de carreira também pode ser observada, no período que precedeu a transição não normativa que ele está vivenciando atualmente em sua carreira.

Não fiz planejamento de carreira. Minha vida tava organizada... pelos planos da marca eu tava até o final de 2017 com patrocínio garantido... eles sempre renovaram comigo e o contrato era sempre de cinco anos... faltou renovar desta vez. E o histórico dessa marca no Brasil era de fazer carreira a longo prazo, na maioria dos atletas. Então quando fechei esse patrocínio, já me via surfando pra eles por muitos anos... então... não tava me programando pra outra coisa (P1, 27 anos).

Dentre todos os participantes, P1 (27 anos) é o que apresentou as dimensões de adaptabilidade de carreira mais precocemente em sua trajetória profissional, porém, paradoxalmente, também é o que apresentou mais indiferença de carreira após estruturar-se profissionalmente. Tal aspecto pode estar relacionado à existência de altos níveis das dimensões controle e confiança, observado em diversos momentos de sua carreira, nos quais apresentou bons níveis de autoeficácia e autoestima, capacidade de manter suas aspirações e objetivos a despeito dos obstáculos, agindo de modo pró-ativo e perseverante e desenvolvendo estratégias de autorregulação para ajustar-se às adversidades (em sua iniciação no surfe, ao não desistir da prática, apesar da oposição familiar e da dificuldade financeira; na volta ao surfe após o processo de reabilitação pós-lesão; no ajustamento à transição não normativa atual que vivencia em sua carreira; ao descrever sua autoimagem profissional: “consegui atingir o que buscava: um nível de surfe muito alto”; “sempre quis ser um atleta completo e consegui”). Por saber-se competente e capaz de superar as adversidades de modo resiliente, o participante parece confiar em sua capacidade de adaptação, de modo que não demonstra sentir a necessidade de preparar-se para o enfrentamento de demandas futuras.

Ademais, a segurança proporcionada pelo vínculo sólido e longo (12 anos) estabelecido com a empresa patrocinadora e a perspectiva de continuar sendo patrocinado pela mesma, permitiu-lhe experimentar estabilidade profissional, o que favoreceu que ele não se preocupasse em realizar um planejamento de carreira (“me via surfando para eles por muitos anos, então... não tava me programando pra outra coisa”). Neste trecho da fala de P1 também é possível observar uma grande identificação com o papel de atleta profissional, que pode ser ilustrada pelo fato de ele ter abandonado o ensino médio para se dedicar exclusivamente a carreira de atleta e pelo irrealismo de carreira (escassez da dimensão curiosidade, ou seja, da exploração de papéis e cenários) apresentado em relação a âmbitos que não sejam o esportivo (Savickas, 2005). Tais aspectos favorecem que ele não desenvolva outros papéis sociais além do de atleta

profissional, restringindo a amplitude de seus recursos de enfrentamento. Para adaptar-se à transição não normativa atual, por exemplo, os recursos utilizados se restringiram às habilidades esportivas (“estou tendo que dar aula de surfe para conseguir manter o sonho vivo”).

Na adaptação à transição não normativa atual (perda repentina de 85% de seu patrocínio), P1 (27 anos) apresenta a dimensão controle de carreira (“tenho que correr atrás... negocie para representar a marca no Brasil”), pois demonstra percepção da responsabilidade pessoal na gestão da própria carreira, pró-atividade, auto-regulação e capacidade de negociação da transição ocupacional). Dentre os participantes, ele foi o que encontrou mais adversidades ao longo da trajetória de carreira (dificuldade financeira, oposição familiar, lesão, perda repentina do patrocínio). E, ao vivenciá-las ele apresentou altos níveis das dimensões controle e confiança, enfrentando-as de modo resiliente. Segundo Savickas (2005), a confiança de carreira é desenvolvida através da resolução de problemas nas atividades diárias e, de acordo com Costa (2000), os praticantes de atividades físicas na natureza possuem maior probabilidade de apresentarem bons níveis de autoestima, autoconfiança e autoeficácia, devido às constantes oportunidades de enfrentamento e superação de adversidades intrínsecas do ambiente natural. Tais aspectos vão ao encontro da hipótese de que os altos níveis da dimensão controle e confiança apresentados pelo participante estão associados ao fato de ele perceber-se uma pessoa muito capaz de ser proativa e bem-sucedida no enfrentamento de adversidades, o que favorece a escassez nas dimensões preocupação e curiosidade de carreira (em relação a âmbitos que não se restrinjam ao universo esportivo).

Apesar de P1 (27 anos) ter conseguido enfrentar de modo bem-sucedido todos os obstáculos enfrentados em sua carreira até o momento atual, não significa que ele conseguirá fazê-lo em toda sua carreira. O fato de não ter se preparado previamente e não possuir recursos para além dos relativos ao âmbito esportivo já dificultou o enfrentamento da transição não normativa atual, o que pode ser ilustrado pelo fato de ele tê-la considerado um dos eventos mais aversivos em sua carreira. Logo, para fortalecer sua adaptabilidade de carreira, é essencial que haja o desenvolvimento das dimensões preocupação e curiosidade (na exploração de outros papéis, cenários e futuros vocacionais que não sejam restritos ao âmbito esportivo), especialmente no que tange à futura transição de carreira esportiva. Afinal, a identidade esportiva exagerada e as causas involuntárias de aposentadoria favorecem um processo de transição de carreira menos saudável e dificultam a recolocação ocupacional, de modo que não realizar um planejamento/preparação de carreira e não investir na dupla carreira podem ser considerados fatores de risco tanto nos achados de Stambulova *et al* (2009) e de Rubio (2012), quanto nos achados desse estudo.

2.6.2. Temas de vida (carreira subjetiva)

Os temas de vida permitem a compreensão da perspectiva vocacional subjetiva e da continuidade comportamental e sustentam a coerência da identidade facilitando a previsão da ação futura (Savickas, 2005). Todos os participantes se referem ao surfe como estilo de vida ao longo de sua trajetória de vida e de carreira. Logo, isto evidencia que a prática da modalidade tem uma conotação mais ampla em suas vidas, que transcende o autoconceito ocupacional (Super, 1980) e compreende um tema nuclear na composição do *Self* dos mesmos, que fornece coerência e unidade às suas trajetórias de vida e de carreira (Savickas, 2005), como ilustra as falas a seguir.

Surfe é estilo de vida... predomina na família... todos pegam onda... surfe é tudo... sempre vou surfar, até quando eu conseguir... sempre vou estar no mar... não tenho a menor dúvida que o surfe vai continuar na minha vida... independente de como, quando ou onde estiver (P2, 17 anos).

O surfe sempre vai estar na minha vida... porque significa muito, sempre significou... sempre vai significar... me traz alegria, diversão, movimento, prazer, realização... e quando estou mal, bravo, vou pro mar e fico lá, sentado na prancha, olhando tudo... é onde desabafo... onde me encontro, onde relaxo a mente... entro em contato com meus pensamentos... resfrio e organizo os pensamentos (P3, 15 anos).

O surfe significa quase tudo pra mim... cresci no mar, pegando onda... passei minha vida pegando onda, é minha principal atividade, é o que me sustenta financeiramente, é minha carreira... tudo envolve o surfe de alguma forma, amizades, família... é estilo de vida... surfar é o que mais gosto de fazer na vida, então... super natural... você fala pra uma criança ou adolescente que ela pode ser surfista... e ela gosta tanto de surfar... óbvio, vai querer isso pra vida. (P4, 28 anos).

Nestas falas, é possível observar que o “surfe como estilo de vida” envolve um grande apreço pela prática da modalidade, bem como uma relação existencial com o mar (e a natureza de modo geral) e com o surfe, que também podem ser considerados temas de vida. Esta relação profunda, ampla, intensa e afetiva, estabelecida com o mar e o surfe, está presente na narrativa dos participantes desde a infância até os planos de pós-transição de carreira esportiva, fornecendo unidade às suas histórias de vida e de carreira e exercendo função nuclear na existência dos mesmos, na medida em que o mar e a prática do surfe compreendem “locais” de: socialização; de realização pessoal, profissional e financeira; de compartilhamento da cultura familiar; de desenvolvimento do *Self* e da personalidade vocacional (o apreço pela prática do surfe foi mencionado por todos os participantes como facilitador da escolha da carreira

esportiva e como é possível observar na fala de P4, os temas “surfe como estilo de vida” e a “relação existencial com o mar e o surfe” estão intimamente relacionados com a construção da identidade profissional, visto que influenciaram no desejo de seguir a carreira esportiva), além de possuírem função terapêutica, facilitando, de forma lúdica, a introspecção, o autoconhecimento, a expressão não verbal e a organização / aquietação mental (como nos traz a fala de P3). Ademais, o fato de o surfe, enquanto prática de tempo livre, estar presente na trajetória de todos os participantes desde a infância até os objetivos após a transição de carreira esportiva reforça que o “surfe como estilo de vida” e a “relação existencial com o mar e o surfe” são importantes temas de vida.

Na medida em que a relação dos participantes com o mar e o surfe é tão inerente às suas existências, é compreensível que os mesmos queiram “viver do surfe”, ou seja, ser gratificados profissional e financeiramente por algo que já faz parte de suas vidas, que lhes é natural. Neste sentido, o desejo/ objetivo de “viver do surfe”, presente na narrativa de todos os participantes ao longo de suas trajetórias de vida e de carreira, também pode ser considerado um tema de vida. Este tema de vida esteve presente nas narrativas dos participantes a partir de dois marcadores: a percepção do prazer que sentiam com a prática da modalidade e a percepção de que poderiam ser remunerados por esta prática, após obterem bons resultados. Após tais marcadores, este tema de vida esteve sempre presente, norteando os objetivos para a carreira esportiva e para o pós-carreira esportiva (“obter/ manter patrocínio forte”; “fazer um trabalho bacana pra continuar vivendo do surfe até quando for viável”; ter empresa ligada ao surfe e escola de surfe” “ser fisioterapeuta de surfistas” e etc).

Os temas de vida “surfe como estilo de vida” e “viver do surfe” também podem ser observados como norteadores da transição de P4 (28 anos) para o *free surfer*, (visto que mesmo não sendo mais surfista de alto rendimento, estes temas ainda são centrais em sua atuação como *free surfer*) e no desejo de P1 (27 anos), de ajudar no desenvolvimento e disseminação do surfe (atualmente dá aulas da modalidade voluntariamente em um Projeto Social de seu Município e possui como plano para o período após a aposentadoria esportiva, continuar “ajudando o surfe de alguma forma”).

O “apreço pela prática esportiva” e o “desejo de atuar profissionalmente com esportes” também podem ser considerados temas de vida. O que pode ser ilustrado pelo exemplo de P3 (15 anos), que escolheu ser atleta profissional antes mesmo de escolher em qual modalidade (futebol ou surfe) desenvolveria sua carreira esportiva e que tem como objetivo para o pós-transição de carreira ser Fisioterapeuta não somente de surfistas, mas de atletas. Ademais, todos os participantes relatam praticar e apreciar esportes ao longo de sua trajetória de vida e de

carreira (o que fica evidente no fato de os participantes trabalharem com esporte e também praticarem surfe e outros esportes em sua prática de tempo livre)

Outros temas de vida presentes são “o apreço pela liberdade/exploração” e “o apreço pela experimentação de sensações hedonistas e desafiadoras”. Ambos os temas evidenciam-se no grande apreço que todos os participantes relatam ter com as constantes viagens que fazem parte da rotina profissional de surfista, na medida em que estas lhes permitem socializar, conhecer novas pessoas, lugares e culturas” e no desejo de P3 (15 anos) atuar no pós- transição de carreira esportiva “viajando o mundo como um Fisioterapeuta de surfistas e atletas”. O “apreço pela experimentação de sensações hedonistas e desafiadoras”, já foi observado na literatura por Betrán (1995) e Costa (2000) na prática de AFAN, por Modrono & Guillén (2016) na prática de windsurfe e por Diehm & Armatas (2004) e Amaral & Dias (2008) na prática do surfe e pode ser ilustrado pelos participantes (por P3, ao sentir imenso prazer na primeira vez que ficou “em pé na prancha”, sensação que o fez perceber que gostaria de atuar profissionalmente com o surfe; por P1, ao encarar as barreiras à construção de sua carreira como desafios a serem realizados e pelo apreço por competir, observado por P1, P2 e P3, que ainda atuam no surfe competitivo e possuem objetivos na carreira esportiva relacionados ao alcance de resultados nas competições: “me destacar no WQS”, “ser campeão mundial”, dentre outros).

Estes dois últimos temas de vida também podem ser ilustrados pelo caso de P4, que considerava muito difícil não poder “fazer o que todo mundo fazia” na adolescência e infância devido à rotina de atleta; que se sentiu extremamente realizado ao viajar a costa brasileira surfando e gravando um filme de surfe; que ao competir no circuito mundial e ter a obrigação de apresentar resultados sentia menos prazer com a prática do surfe e que decidiu realizar a transição para o free surfer para ficar com o “lado bom da prática”, ou seja, seu aspecto lúdico e hedonista. Ademais, para esse participante, o apreço por produção audiovisual também pode ser considerado um tema de vida, visto que está presente em sua satisfação ao viajar pela costa brasileira gravando um filme de surfe, em sua graduação em Jornalismo, em sua atuação atual como roteirista e protagonista de filmes e programas de surfe e em seu desejo de atuar com produção audiovisual em primeiro plano após a transição de carreira esportiva.

Os temas de vida compartilhados por todos os participantes (surfe como estilo de vida; relação existencial com o mar/natureza e com o surfe; desejo de “viver do surfe”, apreço por esportes e o desejo de atuar profissionalmente com esportes; o apreço pela liberdade/exploração e o apreço pela experimentação de sensações hedonistas e desafiadoras, facilitaram o enfretamento, modo perseverante, de barreiras sociais, emocionais e financeiras encontradas, ao longo de suas trajetórias de carreira.

Em pesquisa sobre carreira esportiva no futebol brasileiro, Ângelo (2014) encontrou dados que vão ao encontro das ideias de Savickas (2005), sobre a relevância dos temas de vida no processo de gestão de carreira. Ambos os autores enfatizam que o processo de gestão de carreira se dá na relação que o indivíduo tem com sua carreira construída socialmente, mas principalmente com sua carreira subjetiva. Isto denota que o processo de gestão de carreira inclui o conhecimento do contexto objetivo de trabalho, mas seu cerne está na compreensão dos temas de vida nucleares contidos nas narrativas dos indivíduos sobre suas trajetórias de vida e de carreira. Neste sentido, este estudo permitiu a compreensão do contexto objetivo de trabalho destes surfistas profissionais, bem como de seus temas de vida, que nortearam a construção de suas carreiras subjetivas. Logo, esperamos que estes dados possam contribuir para o desenvolvimento de futuras pesquisas e intervenções em desenvolvimento de carreira de surfistas profissionais.

2.7 EIXO TEMÁTICO 7 SATISFAÇÃO PROFISSIONAL E SUCESSO NA CARREIRA

O presente eixo temático inclui a categoria temática Sentidos atribuídos à satisfação profissional e ao sucesso na carreira”, definida a priori.

Todos os participantes relatam sentirem-se realizados e satisfeitos em suas carreiras esportivas. P1 (27 anos) e P4 (28 anos) associam a satisfação profissional ao fato de terem conseguido alcançar grande parte dos objetivos que traçaram para suas carreiras esportivas (P1: “Me sinto realizado porque atingi o que buscava: um nível de surfe muito alto... poli minhas manobras, políciei muito meu surfe em termos técnicos... Sempre quis ser um atleta completo e consegui”). P4 relata ter alcançado objetivos profissionais, financeiros e pessoais ao atuar como surfista e se expressa no registro a seguir.

Atingi vários objetivos, realizei coisas incríveis... coisas que tinha muita vontade... construí praticamente tudo que tenho através do surfe... colégio, faculdade, conquistas materiais, viajar o mundo. Me sinto muito realizado, principalmente porque não é fácil ser atleta profissional, ainda mais no Brasil... sem noção de difícil... muita gente fica pelo caminho por vários motivos... então sinto que o que tô fazendo tá certo (P4, 28 anos).

Nessa fala é possível observar que o participante alcançou uma longevidade na carreira esportiva e conseguiu desfrutar das recompensas de uma carreira de elite. Ele apresenta consciência sobre quão desafiador é alcançar este patamar na carreira esportiva, o que vai ao

encontro de Durand-Bush & Salmela (2002) e Rubio (2012), que enfatizam que apenas uma minoria dos atletas consegue atingir e manter uma carreira de elite. Ademais, o Brasil aparece em sua fala como um país no qual o desafio de desenvolver e manter uma carreira de sucesso no esporte é ainda maior.

A satisfação profissional também foi relacionada por todos os participantes ao apreço que possuem por surfar, de modo que o desempenho do papel de surfista profissional lhes permite a oportunidade de atuarem com aquilo que amam: “me sinto realizado pra caramba, gosto muito do que faço... posso trabalhar com o que amo” (P2, 17 anos); “É uma realização muito grande poder fazer o que gosto” (P3, 15 anos) e de vivenciar experiências que satisfazem seus interesses e despertam prazer: “com meu trabalho posso viajar o mundo, conhecer lugares, culturas, competir, tá com a lycra na bateria, fazendo meu melhor... ser recompensado financeiramente pelas vitórias” (P2, 17 anos); “posso trabalhar com o que me dá prazer... surfando, viajando, socializando, competindo... fazendo o que todo surfista mais ama... estar em contato com a natureza” (P3, 15 anos). Estas falas vão ao encontro de Super (1963a, 1963b *apud* Skorikov & Vondracek, 2010), que ressalta o nível de satisfação profissional associado à oportunidade do indivíduo satisfazer as próprias habilidades, valores, interesses, traços de personalidade e necessidades em seu papel de trabalhador.

Os participantes também associam a satisfação profissional à possibilidade de vivenciarem experiências e alcançarem realizações que não seriam viáveis, caso não fossem atletas profissionais: “quem jogava bola comigo antes do surfe... muitos trabalham na padaria... no supermercado” (P1, 27 anos); “se eu não fosse um surfista, nunca teria viajado pros lugares que viajei” (P3, 15 anos).

Vivi e conheci coisas, lugares que nunca conheceria se não fosse o surfe”; “gravei filme de surfe, viajando a costa brasileira em uma van com outros surfistas... Baita sonho realizado, fiz aquilo que via nos filmes, revistas de surfe, que os surfistas que eu admirava faziam... foi o máximo do máximo pra mim (P4, 28 anos).

Nestas falas, é possível observar que o desempenho do papel de surfista profissional lhes permitiu o desenvolvimento físico, pessoal, acadêmico e profissional: “Sou quem sou hoje pelo surfe... que me fez virar um Homem... crescer em todos os sentidos, como profissional, como pessoa... ter cultura, aprender inglês... devo muito ao surfe” (P1, 27 anos); “faço tudo pelo surfe... treino, natação, inglês... me desenvolvo pelo surfe” (P2, 17 anos) e a realização de sonhos: o sonho de ascender profissional e socialmente através do esporte, que habita o

imaginário daqueles que almejam e idealizam a profissão de atleta profissional, o sonho de viajar o mundo e o sonho de protagonizar o papel desempenhado pelos ídolos admirados na infância. De acordo com Super (1963a, 1963b apud Skorikov; Vondracek, 2010), o desenvolvimento da identidade vocacional está diretamente relacionado ao desenvolvimento do *Self* e vice-versa. Os trechos “Sou quem sou hoje pelo surfe... que me fez virar um Homem... crescer em todos os sentidos...como profissional, como pessoa” (P1, 27 anos) e “me desenvolvo pelo surfe” (P2, 17 anos) ilustram tal aspecto apontado pelo autor, na medida em que o desenvolvimento profissional favoreceu o processo de individuação e o desenvolvimento do *Self* dos participantes.

Segundo Savickas (2005), a satisfação ocupacional está relacionada ao estabelecimento em um tipo de ocupação, situação de trabalho e estilo de vida nos quais há a oportunidade de desempenhar os papéis sociais que foram considerados agradáveis, apropriados e admirados nas experiências vivenciadas nos maxiciclos de crescimento e exploração. Este aspecto vai ao encontro da satisfação ocupacional experimentada por P4 ao conseguir realizar seu sonho de protagonizar o papel desempenhado por seus modelos de conduta na infância, através de sua atuação profissional. Ademais, todos os participantes relatam terem sentido prazer e apreço pelo desempenho do papel de surfista nos maxiciclos de crescimento e exploração do ciclo vital, incluindo P2 (17 anos) e P3 (15 anos), que ainda se encontram vivenciando o maxiciclo de exploração e todos consideram o surfe como um “estilo de vida”. Logo, a satisfação profissional citada por todos, também pode estar relacionada ao fato de a atuação profissional permitir-lhes desempenhar um papel social considerado agradável na infância e adolescência e estabelecer um estilo de vida em que é possível desfrutar do estilo de vida que já lhes é inerente.

Em relação ao sucesso na carreira, os participantes o associam principalmente à realização financeira. Logo, apesar de todos participantes experimentarem grande satisfação profissional, dois deles, P1 (27 anos) e P3 (15 anos), que se encontram sem patrocínio, não se consideram bem-sucedidos atualmente em suas carreiras (P1: um atleta bem-sucedido tem que ter estabilidade financeira, né? Então é um negócio que não está acontecendo comigo agora). Neste contexto, novamente o apreço pela atuação profissional como surfista foi mencionado como um aspecto importante, que facilita a manutenção da dedicação à carreira esportiva, mesmo quando não há a motivação extrínseca ideal (P3: “Não sou bem-sucedido, mas sou feliz... dinheiro não é tudo. O objetivo é conseguir ir pros grandes campeonatos, aí sim vem dinheiro... as coisas vão vindo no tempo”). Logo, a motivação intrínseca para o desenvolvimento no surfe e na carreira esportiva possui grande relevância para que o atleta

mantenha-se focado para perseguir seus objetivos, visto que o retorno financeiro não é imediato, nem garantido.

Já P2 (17 anos) e P4 (28 anos), que possuem patrocínio, consideram que atingiram sucesso em suas carreiras e o atribuem principalmente à realização financeira. Neste sentido, P4 enfatiza a longevidade financeira alcançada (“minha carreira é bem-sucedida porque alcancei uma longevidade no surfe, que me proporcionou muito... tenho 28 anos e sou independente financeiramente desde os 14”) e P2, a relevância do apoio financeiro e social, para que o investimento na carreira esportiva seja viável:

Tive o privilégio de ter minha família ao meu lado, ter patrocínio bom, equipamento bom, condição de viajar pros campeonatos... o que me ajudou ir bem nas competições no amador... tem muito atleta muito bom, que não tem condição, não tem patrocínio... tudo isso já me faz bem-sucedido... tomara que eu consiga continuar assim (P2, 17 anos).

Na fala dos participantes, é possível perceber que a estabilidade e longevidade financeira na carreira é considerada um privilégio para poucos, visto que não está relacionada apenas ao talento no surfe. O trecho “tomara que eu consiga continuar assim”, de P2 (17 anos) ilustra que a instabilidade financeira na carreira é algo presente, e que preocupa todos os atletas, incluindo aqueles que possuem patrocínio.

2.8 NORTEADORES PARA O DESENVOLVIMENTO DE CARREIRA ESPORTIVA

O presente eixo temático inclui as categorias temáticas “Condições consideradas importantes para a formação e o desenvolvimento de futuros atletas” e “Demandas de intervenção em Aconselhamento de carreira”, construídas a partir dos dados obtidos.

2.8.1 Condições consideradas importantes para a formação e o desenvolvimento de futuros atletas

Em relação à formação de futuros atletas de surfe, os participantes consideram importante a existência de recursos internos (do atleta) e externos (ambientais), e que o

desenvolvimento na prática e na carreira esportiva seja bem-sucedido. P1 (27 anos) considera a relevância dos recursos internos e externos, porém, enfatiza que os principais aspectos para o desenvolvimento do atleta no esporte e na carreira são internos e incluem altos níveis de motivação intrínseca para a prática do surfe (apreço pelo surfe e desfrute da prática) e pelo surfe de alto rendimento (ser competitivo e ter foco em alcançar o sucesso) e a capacidade de agir de modo resiliente, como ilustra a fala a seguir.

São muitos fatores para se tornar um surfista de alto nível. Toda uma estrutura que o atleta precisa pra se desenvolver. Mas se tiver toda estrutura e não gostar de surfar, não tiver capacidade de superar as dificuldades, não vai ter sucesso. O principal é ter vontade de vencer, capacidade de se divertir ao máximo surfando. E tem que querer muito. A vontade tem que sair de dentro de você, não dos outros. E tem que ser forte o suficiente, senão é muito fácil desistir... ter um piripaque.

Além dos recursos internos mencionados por P1, também foram citados os atributos e competências necessários ao atleta: estabelecimento de metas; foco, determinação e perseverança para perseguir objetivos (“Pra quem quer ser um grande atleta, a dica que eu daria é sempre focar no próprio objetivo, no próprio desejo” — P3, 15 anos); pró-atividade; sair da zona de conforto e buscar constante evolução; autoconfiança; otimismo; capacidade de priorizar o esporte e abrir mão de realizações momentâneas em prol de metas a longo prazo; inteligência emocional; alta motivação intrínseca para o desempenho do papel de atleta profissional; foco em se desenvolver e atingir sucesso na carreira; dedicação intensa e constante ao esporte (o que inclui: ser assíduo ao treinamento físico, não ter o hábito de “sair de balada”, ter disciplina, dormir e acordar cedo para surfar, surfar diariamente e filmar a prática do surfe, para observar, analisar e corrigir eventuais erros, objetivando o aprimoramento da performance esportiva) e encontrar um equilíbrio entre o desfrute da prática (ludicidade e prazer) e o profissionalismo no desenvolvimento da carreira. E, nesse sentido, P4 fornece suas dicas.

Uma dica aos atletas iniciantes, que querem sucesso profissional: é não levar o surfe tão a sério (risos)... Tem que se dedicar, levar a carreira a sério claro, senão não vai alcançar objetivos, mas também tem que se divertir... A carreira de atleta profissional é extremamente estressante e se não se divertir é muito difícil... O principal é gostar do que você faz... É sempre reativar o encantamento com a primeira coisa que te encantou na vida: o esporte, o surfe... Ter um balanço entre levar a sério e se divertir (P4, 28 anos).

Além dos recursos internos mencionados, P4 considera essencial que haja uma estrutura externa adequada e enfatiza que os recursos internos, isoladamente, não são suficientes para

que o surfista alcance o sucesso na prática e na carreira esportiva e assim se expressa: “o mais importante é ter condições... condições de treinamento e preparação física excelentes... faz muita diferença... condições extra-talento, extra-vontade, porque talento e vontade já são inerentes a qualquer atleta de alto nível”. Nesse sentido, é possível observar que, quando ocorrem isoladamente, os recursos externos não são suficientes, como enfatiza P1 (27 anos), nem os internos, como enfatiza P4 (28 anos). Logo, de acordo com os participantes, é a coexistência de ambos os recursos que permite o alcance do sucesso na prática e na carreira esportivas.

P4 (28 anos) também enfatiza a importância de haver uma estrutura mais organizada no surfe enquanto esporte, pois considera que a desorganização que há neste sentido na modalidade favorece a desistência de surfistas da carreira esportiva. Para o participante, o surfe difere muito de outras modalidades mais clássicas em termos de estrutura, por se tratar de um esporte ainda novo e muito peculiar, de modo que alguns aspectos, incluindo os parâmetros de avaliação nos campeonatos, ainda não são devidamente organizados (“tem várias situações ainda meio adaptadas, como a competição... Vejo atletas super dedicados desistindo e falando: ‘não consigo levar essa bagunça a sério’”).

Outros recursos externos, referentes à estrutura necessária para a formação e desenvolvimento do atleta, foram citados como essenciais: apoio social, emocional, financeiro e multiprofissional (fornecido pelos familiares, amigos, empresas patrocinadoras e profissionais responsáveis pelo desenvolvimento físico, técnico, tático e psicológico) e equipamentos adequados para a prática esportiva. Em relação ao apoio multiprofissional, foram citados como relevantes os profissionais da Educação Física, da Psicologia, da Nutrição, da Fisioterapia, além do Técnico esportivo.

Todos os participantes citaram a relevância da preparação física para que o atleta profissional, de qualquer modalidade, incluindo o surfe, possa alcançar sucesso no esporte e na carreira. Neste sentido, tanto a dedicação à prática do surfe, quanto à preparação física para a prática do surfe (incluindo o treinamento funcional específico para a modalidade), foram mencionados: “Pra ser um grande atleta tem que ter condicionamento físico muito bom... Tem que treinar e surfar muito...treinar dentro e fora do mar” (P3, 15 anos). Além do desenvolvimento físico, P2 (17 anos) citou a relevância do desenvolvimento técnico e tático do atleta no surfe (principalmente na fase de formação esportiva) e da figura do Técnico Esportivo como principal responsável neste processo.

A preparação psicológica foi considerada essencial por todos os participantes, na formação e desenvolvimento de um surfista de alto rendimento: “Na formação tem que ter

muito treinamento mental” (P2, 17 anos); “A parte mais importante do surfe é a psicológica” (P3, 15 anos). Tal aspecto vai ao encontro de Badari (2016), que ressalta a relevância da preparação psicológica para a prática do surfe de alto rendimento, na medida em que compreende uma modalidade que impõe ao atleta as demandas de estar sozinho no mar sem o respaldo direto de técnicos ou treinadores, lidar com variáveis intrínsecas e imprevisíveis do ambiente marinho e tomar decisões de forma autônoma, incluindo decisões relativas à “leitura de onda” e à realização de manobras adequadas e em segurança.

P1 (27 anos) considera a preparação psicológica especialmente importante nos anos iniciais de carreira e principalmente na transição do surfe amador para o surfe profissional, justificando: “é onde a pressão é mais forte... o acompanhamento é fundamental... por falta de experiência o atleta às vezes perde o foco ou não aguenta a pressão e desiste”. Esses trechos das falas dos participantes reforçam a relevância do acompanhamento psicológico como fator de prevenção do *dropout* esportivo e apontam fases críticas, que favorecem a ocorrência deste fenômeno e que demandam atenção especial. Apesar de todos os participantes apresentarem consciência sobre a importância do desenvolvimento psicológico para a prática esportiva, apenas dois deles, P1 (27 anos) e P4 (28 anos), realizaram algum tipo de intervenção com profissionais da Psicologia: “Nunca fiz preparação psicológica... Essa entrevista é a primeira vez que eu sento com uma Psicóloga” (P2, 17 anos); “sinto mesmo que tem que trabalhar meu psicológico... mas nunca fiz” (P3, 15 anos).

Na fala dos participantes também é possível observar que não houve nenhum tipo de intervenção psicológica nas fases iniciais de desenvolvimento esportivo (iniciação e especialização esportivas), apesar de os mesmos reconhecerem a relevância da preparação psicológica nas referidas fases. A intervenção só se deu no momento em que os atletas já se dedicavam ao surfe de alto rendimento e se fez possível por intermédio da empresa patrocinadora. E, tanto no caso de P1, quanto de P4, é possível observar que a intervenção psicológica realizada foi desenvolvida em diversos momentos da carreira, porém de modo intermitente, não havendo uma intervenção contínua e à longo prazo: “Fiz acompanhamento psicológico em vários momentos da carreira, desde os 14 anos” (P1, 27 anos); “Comecei com Psicólogo quando competia no amador... fiz em vários momentos, mas não foi contínuo (P4, 28 anos). Este tipo de intervenção intermitente não é o ideal, pois, como ressalta Gomes (2009), a preparação do atleta de alto rendimento deve incluir o desenvolvimento físico, técnico, tático e psicológico e ser realizada a longo prazo.

Ademais, os participantes trouxeram a intervenção psicológica como sinônimo de treinamento mental, que compreende o emprego de estratégias psicológicas para ressignificar

representações mentais e desenvolver habilidades psicológicas, objetivando o aprimoramento da performance esportiva e tem sua origem na psicologia cognitivista (Souza & Scalón, 2004), como é possível observar na fala de P4 (28 anos): “Quando eu tava competindo era mais pra esse acompanhamento psicológico mesmo, de competidor” e na fala de P3 (15 anos) a seguir.

A parte psicológica influencia muito no resultado... É o que te guia... os grandes atletas, os surfistas campeões tem que saber ter psicológico bom, psicológico muito forte... com psicológico fraco é difícil... porque vai bem em uma etapa e super mal em outra... isso abala o psicológico... se meu psicológico tá bom, forte, vou bem nas competições, faço tudo certo. Se tá abalado, bate aquela depressão.

O treinamento mental é essencial e faz parte do desenvolvimento psicológico do atleta, porém, compreende apenas uma das frentes de atuação em Psicologia do Esporte.

Além do treinamento mental, o Psicólogo do Esporte também atua no desenvolvimento e orientação de carreira do atleta, o que inclui intervenções preventivas, intervenções para o enfrentamento de crises e intervenções clínicas, caso haja o desenvolvimento de problemas específicos, como o *dropout* prematuro, abuso de drogas, dentre outros transtornos (Anderson & Morris, 2000; Gorely, Lavalley e Wylleman, 2001, Wylleman et al., 1999 apud Wylleman, Alfermann & Lavalley, 2004, Stambulova et al, 2009). Deste modo, a representação dos atletas sobre a atuação da Psicologia no Esporte evidencia uma demanda de ressignificação da atuação deste profissional no imaginário dos atletas. Ou seja, o desenvolvimento da atuação da Psicologia no Esporte não deve se dar apenas âmbito acadêmico, deve, também, alcançar os contextos nos quais as práticas esportivas se dão.

P4 (28 anos) menciona a relevância da realização de um processo de gestão da carreira esportiva e enfatiza que muitos surfistas profissionais não obtêm êxito em suas carreiras por não darem a devida atenção a esta questão: “Muitos ficam pela estrada porque ficaram focados só na prática... surfe, surfe, surfe...e não prestam atenção em outras coisas importantes...como o gerenciamento da carreira... tem que ter alguém fazendo isso de forma profissional”. Apesar de todos os participantes reconhecerem a importância do processo de gestão da carreira esportiva e de P4 enfatizar a relevância de haver um respaldo profissional neste processo, nenhum deles mencionou qual seria o profissional responsável pelo mesmo, nem menciona a atuação do profissional da Psicologia neste âmbito.

2.8.2 Demandas de intervenção em Aconselhamento de carreira

As demandas de intervenção em Aconselhamento de carreira encontradas ao longo da trajetória de carreira esportiva dos participantes incluem intervenções preventivas de desenvolvimento e orientação de carreira, intervenções para o enfrentamento de crises e intervenções clínicas (Anderson & Morris, 2000, Gorely, Lavalley e Wylleman, 2001, Wylleman et al., 1999 apud Wylleman, Alfermann & Lavalley, 2004, Stambulova et al, 2009).

No que tange às intervenções preventivas de desenvolvimento e orientação de carreira, os participantes apresentaram demandas relativas: ao aprimoramento das dimensões de adaptabilidade de carreira, com ênfase nas dimensões preocupação (para conscientização sobre futuras transições normativas e não normativas e o planejamento da carreira, incluindo a preparação para a aposentadoria no esporte) e curiosidade de carreira (principalmente em relação à exploração de papéis sociais, cenários e futuros vocacionais extra-esportivos); ao desenvolvimento de recursos/estratégias, incluindo o aprimoramento de habilidades sócioemocionais para o enfrentamento de transições normativas e não normativas (presentes e futuras) e de demandas intrínsecas ao alto rendimento esportivo (especialmente para lidar com os processos de especialização esportiva, transição do âmbito de competição nacional para o internacional e profissionalização esportiva precoces); ao desenvolvimento de uma identidade multidimensional, incluindo a construção da dupla carreira (coordenação das carreiras esportiva e acadêmica); à adaptação às constantes mudanças no suporte social e financeiro; ao estabelecimento estratégico de metas de carreira (de modo progressivo e gradual); ao desenvolvimento de habilidades de vida transferíveis e ao aprimoramento dos fatores de proteção internos e externos.

Em relação às intervenções para o enfrentamento de crises de transição e intervenções clínicas, as demandas apresentadas pelos participantes ao longo de suas trajetórias de carreira foram: *dropout* prematuro após a especialização esportiva; lesão e período de reabilitação e a perda repentina de patrocínio.

Além das demandas em Aconselhamento de carreira citadas, os participantes apresentaram demandas de treinamento mental, relacionadas ao aprimoramento da capacidade de lidar com a ansiedade pré-competitiva; gerenciar o estresse gerado pela pressão por resultados nas competições e lidar com as variáveis do ambiente marinho e gerenciar eventos aversivos, incluindo as derrotas nas baterias, de modo que os desempenhos ruins não afetem negativamente a motivação para a prática esportiva e a performance em competições

subsequentes (em todas as fases da carreira, mas especialmente nas transições do esporte infantil com fins lúdicos para o esporte de alto rendimento, da categoria amadora para a categoria profissional, do âmbito de competição nacional para o internacional e na série de qualificação do campeonato mundial — *WQS*).

Os dados obtidos também permitem concluir que não apenas a prática do surfe, por se tratar de um esporte de aventura na natureza e, portanto incluir riscos e superação de adversidades, como enfatizam Costa (2000) e Betrán (1995), mas também a precarização da organização do trabalho no surfe de alto rendimento impõe muitos riscos e adversidades ao atleta. Deste modo, a construção da carreira esportiva no surfe de alto rendimento demanda uma grande capacidade de resiliência e uma alta motivação intrínseca para o desempenho do papel de surfista profissional.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo consistiu em compreender como a atuação profissional e a construção da carreira do surfista de alto rendimento vem sendo desenvolvidas no contexto brasileiro. Em relação à caracterização sociodemográfica dos atletas, suas famílias de origem pertencem à classe socioeconômica baixa e, principalmente média e o nível de escolaridade inclui ensino médio completo ou incompleto e, em apenas um dos casos, ensino superior incompleto.

O fato de as entidades nacionais e internacionais responsáveis pela gestão e desenvolvimento do surfe não atuarem de modo hierárquico e sistêmico, elas favorecem a desorganização estrutural enquanto esporte e a precarização do trabalho observadas na modalidade. Não há um órgão responsável pela regulamentação da “profissão surfista”, de modo que os atletas não possuem garantia de direitos trabalhistas e a atuação no surfe pode ser considerada uma carreira “clandestina ou informal”. Em contraposição ao progressivo destaque de surfistas brasileiros profissionais na elite do surfe mundial, e à crescente disseminação e espetacularização da modalidade, é possível observar a existência de uma crise atual no mercado nacional do surfe, que resulta em uma escassez de oportunidades profissionais e patrocínios esportivos. Há surfistas que competem pela categoria amadora e possuem patrocínio para fazê-lo, porém, há surfistas profissionais que não possuem patrocínio e investem na carreira esportiva com recursos próprios. A obtenção dos patrocínios se dá apenas após o alcance de bons resultados esportivos, lógica alinhada ao paradigma de detecção de talentos esportivos. Logo, não há investimento no desenvolvimento de atletas nas fases de formação da carreira esportiva. O que não é o ideal, de acordo com a literatura atual sobre carreira esportiva, alinhada ao paradigma de desenvolvimento de talento esportivo.

O termo surfista profissional apresenta duas conotações: o atleta que atua profissionalmente com o surfe e o atleta que compete na categoria profissional de surfe. A atuação profissional do surfista pode se dar no âmbito do surfe competitivo ou no formato de *free surfer*. Para atuar como *free surfer*, o atleta necessita ter tido uma carreira bem-sucedida no surfe competitivo e/ou apresentar habilidades relativas à comunicação e influência social. O surfista, em sua atuação profissional, se aproxima mais da imagem de atleta trabalhador do que da figura mítica de herói, pois possui obrigações profissionais como qualquer trabalhador e muitas vezes constrói sua carreira em condições precárias de trabalho. Ainda há resquícios do preconceito histórico associado ao surfista, principalmente por ser o surfe uma modalidade

menos tradicional. Porém, após os títulos mundiais obtidos pelos surfistas brasileiros, a mídia tem veiculado o surfe de forma cada vez mais adjetivada e positiva.

Em relação à trajetória de carreira, a sequência de estágios vivenciados foi: iniciação / amostragem esportiva, desenvolvimento / especialização esportiva; perfeição / maestria / investimento esportivo. As transições normativas vivenciadas ao longo da carreira foram: transição do esporte infantil (com foco em recreação) para o esporte especializado focado no alto rendimento; transição da prática esportiva não patrocinada para a prática esportiva patrocinada; transição da categoria amadora para a categoria profissional; transição do âmbito nacional de competição para o âmbito internacional e transição do surfe competitivo para o *free surfer*. As transições não-normativas, vivenciadas foram: transição da prática esportiva para o período de reabilitação de lesão esportiva; transição da reabilitação para a retomada da prática esportiva e transição da prática esportiva patrocinada para a prática esportiva autônoma. Os estágios e transições encontrados se assemelham aos modelos gerais existentes, porém, há variações em decorrência das especificidades da modalidade, visto que tais modelos foram embasados em esportes olímpicos clássicos. A transição para o *free surfer* pode ser considerado uma espécie de destreinamento esportivo e, portanto, uma opção viável de transição gradativa do surfe de alto rendimento para a carreira de pós-atleta.

A iniciação esportiva dos participantes ocorreu na primeira infância, com fins recreativos e incluiu a prática de diversas modalidades, como futebol e surfe. A iniciação esportiva no surfe foi favorecida pela influência da família e dos amigos, pelo apreço pelo mar, pela acessibilidade ao ambiente marinho e pela motivação intrínseca para a prática da modalidade. Todos os participantes realizaram a especialização esportiva precocemente, entre os 9 e 11 anos, motivados pelo desejo de serem atleta/surfista profissionais e pelo alcance de bons resultados esportivos. A transição para o estágio de investimento esportivo, de modo geral, se deu após a obtenção de patrocínios significativos, que viabilizaram a dedicação ao papel de atleta profissional.

A extinção do circuito brasileiro profissional “Supersurfe”, em decorrência da crise atual no mercado nacional de surfe, resultou em uma alteração no formato da progressão da carreira: atualmente, a maioria dos atletas brasileiros não utiliza mais o âmbito nacional para desenvolver e sedimentar suas carreiras antes de competir no âmbito mundial. De modo que optam por realizar, concomitantemente, as transições da categoria amadora para a categoria profissional e do âmbito nacional para o internacional. E, nesta transição precoce para o âmbito internacional, o atleta não necessariamente desenvolveu as habilidades socioemocionais necessárias para lidar com as demandas enfrentadas.

Em relação ao *life-span*, de modo geral, os participantes, anteciparam a realização das tarefas evolutivas esperadas para cada maxiciclo, apresentando alto nível de maturidade de carreira, o que não necessariamente denota algo positivo, pois esta precocidade pode gerar prejuízos. O estabelecimento em uma ocupação antes da transição escola-trabalho observado entre os atletas, por exemplo, atuou como fator de risco para o prejuízo da formação acadêmica. Logo, para a compreensão da carreira dos participantes, o construto da adaptabilidade de carreira foi considerado mais coerente que o da maturidade de carreira neste cenário e contexto. Ao longo dos maxiciclos, também foram observados a vivência de miniciclos, eliciados principalmente por transições não normativas.

Em relação ao *life-space*, a partir da especialização esportiva, na medida em que o papel de atleta mudou o foco da recreação para o alto rendimento esportivo, passou a ocorrer o conflito de papéis, em decorrência da preponderância do papel de atleta. Em decorrência do conflito de papéis, foram citados prejuízos no desempenho do papel de estudante, na socialização, no lazer, nos relacionamentos interpessoais fora do âmbito esportivo e em atividades consideradas normativas na vida de não atletas. O desenvolvimento da dupla carreira foi dificultado após a especialização esportiva, devido à alta dedicação à prática esportiva e à rotina de viagens para competições e facilitado pelo apoio social e pela transição para o *free surfer*. Em termos de dedicação temporal e comprometimento emocional, o papel de atleta/surfista foi o mais saliente na trajetória de carreira dos participantes, estando presente inclusive no âmbito do lazer, com fins recreativos.

Dentre os aspectos considerados adversos na construção da carreira esportiva na modalidade surfe, foram citados: rede de apoio social e financeira insuficientes; riscos inerentes ao ambiente marinho; dificuldade de adaptação ao surfe com fins competitivos; dificuldade de adaptação ao surfe com fins competitivos e à transição da categoria amadora para a profissional, em decorrência da escassez de habilidades socioemocionais; pressão para o alcance de resultados; lesão e processo de reabilitação; e privações e prejuízos devido ao desempenho do papel de atleta profissional. Dentre tais aspectos a rede de apoio social e financeira insuficientes e a escassez de habilidades socioemocionais para lidar com as demandas do âmbito do alto rendimento esportivo podem ser consideradas barreiras de transição, pois dificultaram o enfrentamento e a adaptação às transições.

De modo geral, os participantes agiram de modo resiliente ao enfrentar as adversidades ao longo da trajetória de carreira. Em relação ao repertório de *coping* vocacional utilizado, foram mencionados recursos internos (alta motivação intrínseca para a prática do surfe e para o desempenho do papel de surfista profissional, comportamento direcionado ao estabelecimento

e alcance de metas, capacidade de encarar as adversidades como desafios alta competitividade, foco em alcançar o sucesso, otimismo e equilíbrio entre profissionalismo e desfrute da prática esportiva) e recursos externos (apoio social, emocional, material e multiprofissional, preparação psicológica para a prática esportiva e “apego-seguro” aos mediadores da prática esportiva). Dentre os recursos citados, todos podem ser considerados recursos de transição, pois facilitaram a adaptação às transições.

Todos participantes apresentam altos níveis de satisfação profissional. Dentre os fatores responsáveis pela satisfação profissional, estão: o êxito no alcance de objetivos de carreira; a longevidade alcançada na carreira; a possibilidade de atuar com o que mais amam, com o que é intrínseco aos seus estilos de vida e que lhes desperta o interesse e gera prazer; a possibilidade de vivenciarem experiências e alcançarem realizações que não seriam viáveis, caso não fossem atletas profissionais (ascensão social e a realização de sonhos infantis) e o desenvolvimento físico, pessoal, acadêmico e profissional facilitados pelo desempenho do papel de surfista profissional. Já o sucesso na carreira foi associado principalmente à realização financeira.

Ao longo da trajetória profissional, de modo geral, houve um progressivo desenvolvimento do protagonismo dos participantes na gestão de suas carreiras, facilitado pelo protagonismo inicial de terceiros significativos na infância e adolescência, incluindo os técnicos, empresas patrocinadoras e principalmente os pais. Ao deslocarem gradativamente o *locus* de controle de suas carreiras para si, os participantes apresentaram melhores níveis das dimensões de adaptabilidade de carreira.

Em relação aos objetivos almejados na carreira esportiva estão: alcançar/ manter a estabilidade financeira através da prática do surfe, entrar para a Divisão de Elite do Campeonato Mundial de Surfe e ser campeão mundial de surfe. Apenas dois participantes apresentaram a dimensão preocupação em relação à formação em nível superior e ao desenvolvimento da dupla carreira. Em relação aos objetivos almejados após a transição de carreira esportiva, com exceção de um participante, todos almejam continuar atuando com a modalidade de alguma forma. De modo geral, os participantes apresentam bons níveis nas dimensões de adaptabilidade de carreira. Porém, foi observada a demanda de desenvolvimento da dimensão preocupação em relação à preparação para a aposentadoria esportiva e da dimensão curiosidade, em relação à exploração de papéis, cenários e futuros vocacionais para além do âmbito esportivo.

Os temas de vida compartilhados por todos os participantes, que fornecem coerência e unidade às suas trajetórias de vida e de carreira e são centrais na composição do autoconceito ocupacional e do *Self*, são: surfe como estilo de vida; relação existencial com o mar (e a natureza) e com o surfe; desejo de “viver do surfe”, apreço por esportes e o desejo de atuar

profissionalmente com esportes; o apreço pela liberdade/exploração e o apreço pela experimentação de sensações hedonistas e desafiadoras. Tais aspectos são essenciais na gestão de carreira dos participantes, pois são os elementos chave para a construção da carreira subjetiva.

Foram mencionados recursos essenciais para a construção de uma carreira bem-sucedida no surfe, que podem ser considerados norteadores para a formação de futuros atletas, dentre eles: altos níveis de motivação intrínseca para construir a carreira esportiva, para a prática do surfe e para o alto rendimento esportivo; competitividade e desejo de vencer; resiliência; foco, determinação e persistência para estabelecer e perseguir objetivos; autoconfiança; otimismo; capacidade de priorizar o esporte; inteligência emocional; dedicação ao desenvolvimento físico e pró-atividade no aprimoramento da performance esportiva; disciplina e hábitos saudáveis; equilíbrio entre desfrute da prática e profissionalismo; condições de treinamento e preparação física excelentes; aprimoramento da organização do surfe enquanto modalidade; apoio social, emocional, financeiro e multiprofissional e desenvolvimento técnico, tático e psicológico.

Todos os participantes consideram a preparação psicológica essencial, principalmente nas fases de formação e desenvolvimento da carreira e na transição da categoria amadora para a categoria profissional. Mas apenas dois deles realizaram algum tipo de intervenção psicológica, com foco no treinamento mental, de modo intermitente e somente após a especialização esportiva. No imaginário dos atletas a preparação psicológica se restringe ao treinamento mental para a otimização da performance esportiva.

Este estudo permitiu a análise e compreensão de aspectos importantes sobre a cultura do surfe, a atuação profissional e a construção da carreira esportiva na modalidade no âmbito brasileiro, dados que permitem o desenvolvimento de intervenções e programas de desenvolvimento de carreira de surfistas de alto rendimento. O treinamento mental para a otimização da performance esportiva é essencial, especialmente pelo surfe compreender uma modalidade na qual o atleta lida com as intempéries da prática esportiva no ambiente marinho. Porém, as demandas de intervenção em Psicologia do Esporte e em Aconselhamento de Carreira, no contexto esportivo, explicitadas nos relatos sobre as trajetórias de carreira dos atletas, participantes deste estudo transcendem o treinamento mental. Há demandas de desenvolvimento de recursos e habilidades socioemocionais para o enfrentamento e a adaptação às transições normativas precoces (processos de especilização e profissionalização esportivas e transição para o âmbito internacional de competição), às transições não normativas significativas como lesões esportivas e perda brusca de patrocínio; a uma estrutura de trabalho

muitas vezes precária e a uma modalidade esportiva que ainda não está devidamente estruturada e regulamentada, facilitando o *dropout* esportivo. E haverá demandas novas e complexas, em se tratando de uma modalidade que realiza a transição da essência amadora para uma modalidade olímpica. Neste sentido, é essencial que novos estudos, teóricos e práticos, sejam desenvolvidos sobre a temática, no intuito de compreender e disseminar, no âmbito acadêmico e entre os atores da prática esportiva, os diversos tipos de intervenção passíveis de serem desenvolvidas pela Psicologia no âmbito do Desenvolvimento e Orientação de Carreira esportiva.

Camilo (2016) observou múltiplas versões do atleta de MMA que se alternam, de acordo com a fase do calendário esportivo e o contexto vivenciado. Dentre as versões observadas pela autora, estão a de “trabalhador precarizado”, que tem sua vida regradada e cerceada e suas demandas biopsicossociais relegadas ao segundo plano, em detrimento das demandas de treinamento e da busca pelo alto rendimento; a de “herói casca-grossa”, que é tido como ídolo e em competições realiza feitos memoráveis e a de “humano comum”, que possui demandas e sentimentos humanos, como a dor. No presente estudo, essas três versões também puderam ser observadas, evidenciando que a multiplicidade do atleta profissional transcende a modalidade esportiva. Do mesmo modo, a demanda de “combater” uma estrutura de organização social do trabalho no esporte precária, também parece transcender a modalidade esportiva.

Na biografia do surfista Carlos Burle (Burle & Viana, 2017) é possível observar que a precarização do trabalho também ocorre no surfe de ondas gigantes, que reserva aos atletas uma grande carga de estresse, como ilustra algumas de suas falas retiradas do referido livro: “...é a coisa mais estressante do mundo. Nunca sabemos como, nem onde as ondas vão quebrar. Temos de voar de última hora, sacrificar convívio com nossas famílias e ainda lidar com as ondas gigantes” – p. 266; “quinto lugar...depois de quase sacrificar a vida ao Deus Netuno” p. 263; “Terminei a competição com a virilha esquerda distendida e o joelho direito torcido, mas cheguei heroicamente à semifinal” – p. 287; “sempre que precisava preencher formulário...escrevia atleta profissional em vez de surfista profissional. Minha sensação é que todos iam rir na minha cara. Daí minhas batalhas na tentativa de construir o respeito de todos por uma profissão para chamar de minha”- p. 288; “dedicava cada um dos dias da minha vida...sacrificando minha família para estar em todos os swells possíveis...tentando dar o exemplo...e afastar o estereótipo do surfista desleixado, vagabundo e maconheiro” – p. 263; “a vida profissional permanecia às mil maravilhas. Apesar de tudo, a questão financeira continuava no fio da navalha...não vivíamos no aperto, mas estávamos longe da tranquilidade” – p. 268.

Nestas falas, além da precarização do trabalho é possível observar a inerência de

aspectos negativos da atuação profissional com o surfe, também encontrados no presente estudo, como: a existência do conflito de papéis e o prejuízo de papéis sociais em decorrência da preponderância do papel de atleta; a negligência de demandas biopsicossociais e a exposição a riscos, incluindo o risco de vida, na busca pela alta performance; a instabilidade financeira e a ausência de uma rotina profissional estruturada e segura e a luta por uma profissão que ainda não é regulamentada e reconhecida como tal e pela desconstrução de um estereótipo pejorativo associado ao surfista. Porém, em sua biografia, Carlos Burle (Burle & Viana, 2017) também revela uma alta motivação intrínseca para a prática do surfe e para o desempenho do papel de atleta profissional, bem como o estabelecimento de uma relação existencial com a modalidade, corroborando os dados encontrados neste estudo, o que pode ser ilustrado por alguns trechos de seu livro, dentre eles: “faria tudo de novo” – p. 282; “minha entrega total, no fundo, era uma declaração de amor...à minha vida dedicada ao surfe” – p. 262; “...quantas vezes não olhei para o lado e tive vontade de me afastar de minha profissão por sentir que não era entendido...sempre me perguntei, por que eu insisto nisso?...para minha sorte, jamais consegui levar essa dúvida adiante”.

Dentre as limitações deste estudo estão o tamanho e a abrangência da amostra utilizada, que contou com atletas do sexo masculino, que se encontram atuando na categoria profissional de competição e vivenciando o estágio de perfeição/maestria/investimento esportivo. Recomenda-se, para o desenvolvimento de futuros estudos, a utilização de amostras maiores, que também incluam atletas do sexo feminino e atletas que estejam vivenciando outros estágios de desenvolvimento esportivo e de carreira (por exemplo, atletas que já tenham realizado a transição de carreira esportiva e que estejam vivenciando o processo de recolocação profissional), para melhor compreensão das especificidades do desenvolvimento da carreira no surfe relativas ao gênero e para compreensão de outros estágios e transições existentes ao longo da mesma.

Ademais, o presente estudo apresenta uma perspectiva mais focada no atleta, de modo que uma questão essencial enfatizada por Stambulova et al (2009) não foi devidamente aprofundada: os fatores macro-sociais, como a cultura e os sistemas esportivos. Neste sentido, a não existência de um Sistema Esportivo Nacional brasileiro adequado, que proporcione ao atleta uma estrutura básica para desenvolver-se na modalidade, favorece que as oportunidades de desenvolvimento profissional dos surfistas sejam reguladas pelas empresas patrocinadoras, facilitando a reificação do atleta. A relação da mídia com o surfe e suas consequências para a construção da carreira na modalidade também não foram aprofundadas. O surfe é uma modalidade bastante peculiar no que tange à relação estabelecida com a mídia, o que pode ser

ilustrado pela grande quantidade de mídia especializada sobre surfe (revistas, canais fechados, portais da web, aplicativos e etc). Logo, é importante que novos estudos sejam desenvolvidos, a partir de uma abordagem que permita uma melhor compreensão da influência destes fatores macro-sociais de motivação extrínseca citados na construção da carreira no surfe.

4. REFERÊNCIAS

- Alfermann, D., & Stambulova, N. (2007). Career Transitions and career termination. In G. Tenenbaum & R. C. Eklund (Eds). *Handbook of Sport Psychology*. New York: Wiley.
- Amaral, A. V., & Dias, C. A. G. (2008). Da praia para o mar: motivos à adesão e à prática do surfe. *Licere*.
- Angelo, L. F. (2014). *Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol*. Tese. (Doutorado Educação Física). Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Assis, S. G., Pesce, R. P., & Avanci, J. Q. (2006). *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Badari, H. M. G. (2016). *A presença da mídia no crescimento do surf no Brasil: um estudo sob a perspectiva da Psicologia do Esporte*. Monografia (Bacharelado em Educação Física) Universidade Estadual Paulista. Rio Claro.
- Barros, K. S. (2015). *Nunca deixe de tentar: compreendendo as vivências de ser atleta em transição*. (Mestrado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Betrán, J. O. (2003). Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: asatividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A., BRUHNS, H. *Turismo, lazer e natureza*. São Paulo: Manole.
- Bitencourt, V., Amorim, S., Vigne, J. A., & Navarro, P. (2006). Surfe / Esportes radicais. *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro, Confep.
- Bloom, B. S. (1985). *Developing talent in young people*. New York: Ballantine, 1985.
- Brandão, M. R. F., et al. (2000). Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, Brasília, v. 8, n.1, 49 -58.
- Brewer, B. W., Van Raalte, J. L., & Linder, D. E. (1993). Athletic identity: Hercules' muscles or Achilles heel. *International Journal of Sport Psychology*, 24, 237-254.
- Burle, C.; Viana, A. (2017). Carlos Burle. Profissão: surfista. Em depoimento a André Viana. Biografia. Rio de Janeiro: Sextante
- Camilo, J. A. O. (2016). *Trabalhador, ídolo, sobrevivente, “casca-grossa” e humano: um estudo sobre versões de atletas de Mixed Martial Arts*. Doutorado Mestrado em Psicologia). Pontificia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- Canaloff. (2015). *Brazilian storm*. Disponível em <<http://canaloff.globo.com/programas/brazilian-storm>> Acesso em 10 Set. 2015.
- Cenasurf. (2015). *Cuidado com a brazilian storm*. Disponível em <<http://www.cena-surf.com.br>>

surf.com.br/cuidado-com-a-brazilian-storm/> Acesso em Set 2015.

Cenasurfe (2015). Disponível em <www.cenasurf.com.br/conheça-brazilianstorm>. Acesso em 20 Nov 2015.

Cohen, M., & Abdalla, J. R. (2003). *Lesões nos esportes*. Diagnóstico, prevenção e tratamento. Rio de Janeiro: Revinter.

Conde, M. (2003). Por trás das notas: Amador ou profissional? Disponível em. <<http://waves.terra.com.br/surf/noticias/columaspalanquemovel/por-tras-das-notas/amador-ou-profissional>> Acesso em 23 de julho de 2017

Conselho Nacional de Saúde: Resolução nº 466 2012: *diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*, disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em Ago 2015.

Costa, V. L. M. (2000). *Esportes de aventura e risco na montanha*: um mergulho no imaginário. São Paulo: Manole.

Cote, J. (1999). The influence of family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, 13, 395-417.

Dacosta, L. (org). (2006). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Surfe / Esportes Radicais, CONFEF.

Diehm, R., Armatas, C. (2004). Surfing: an avenue for socially acceptable risk-taking, satisfying needs for sensation seek and experience seeking. *Personality and Individual Differences*, 36, 663-677.

Donald, E. Super, (1980). *A Life-Span, Life-Space Approach to Career Development Journal of Vocational Behavior* 16, 282-298.

Durand-Bush N., Salmela J. (2002). The Development Maintenance of Expert Athletic Performance: Perception of World and Olympic Champions. *J App Sport Psychology*, v. 14, p. 154 -171.

Esportesterra (2015). Disponível em <<http://esportes.terra.com.br/esportes-aquaticos/surfe-sera-incluido-no-programa-esportivo-dos-jogos-pan-americanos-de-2019,0e77471308db480f-19f0-389e8e51c66692x4RCRD.html>> Acesso em 10 Mai 2016.

Forneck, G. R. (2008). *Os padrões e estratégias de competitividade da indústria de Surfwear em Santa Catarina*. Monografia submetida ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

Fortes, R. (2009). *O surfe nas ondas da mídia: um estudo de fluir nos anos 1980*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social, Departamento de Comunicação.

Fortes, R. (2011). *O surfe nas ondas da mídia: esporte, juventude e cultura*. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj.

Globoesporte (2015). Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2015/09/toquio-2020-propoe-surfe-skate-e-mais-esportes-para-olimpiadas.html>> Acesso em 20 Nov 2015.

Gomes, A. C. (2009). *Treinamento desportivo: estruturação e periodização*. Porto Alegre: Artmed, 2ª Edição.

Gullin, N., & André. H. A. (2015). A representação do surfe brasileiro na mídia antes e depois da conquista do campeonato mundial de 2014 pelo surfista Gabriel Medina. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro. Anais eletrônicos.

Humberston, B. (2007). *Transgressões de gênero e naturezas contestadas*. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v. 28, n. 3, p. 21-38.

Kampion, D., & Brown, B. (1998). *Uma história da cultura do surfe*. Los Angeles: Evergreen.

Levy, M. et al. (2005). Career Transitions. In: Taylor, J, Wilson, G. S. (Eds.). *Applying Sport Psychology*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Mcilveen, P. (2012). Extending the Metaphor of Narrative to Dialogical Narrator. Em Mcilveen, P., & Schultheiss, D. E. (Eds.). *Social constructionism in vocational psychology and career development* (pp.59-70). Rotterdam, The Netherlands: Sense Publishers.

Minayo, M. C. de S. (1992). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO.

Modrono, C., & Guillén, F. (2016). Motivacional and self-concept in windsurfers: A study os professional and recreational participants. *Rev de Psicología del Deporte*. Vol.25, número 1.pp.105-112.ISSN: 1132-239X; ISSNc: 1988-5636.

Moreira, M. (2009). *Surf: da ciência à Prática*. Cruz Quebrada: FMH Edições.

Petitpas, A. J., Champagne, D., Chartrand, J., Danish, S., & Murphys, A. (1997). *Athlete's guide to career planning: keys to success from the playing field to professional life*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Placco, V. M. N. S. Prefácio. In: TAVARES, J. (Org.) (2002). *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, p. 7-12.

Ramos, M. A., & Neves, R. L. R. (2008). A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da Complexidade — notas introdutórias. *Pensar a prática* 11/1: 1-8, jan./jul.

Ribeiro, M. A., & Melo-Silva, L. L. (orgs.) (2011). *Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira* (Vol. 1). São Paulo: Vetor.

Rubio, K. (2012). *Destreinamento e transição de carreira no esporte*. (org.) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rubio, K. (2001). *O atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rubio, K. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. (2002). *Rev Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Vol: VI, núm.119 (95), agosto.

Rubio, K. (2003). *Psicologia do esporte: teoria e prática*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Salmela, J. H. (1994). Phases and transitions across sport careers. In: Hackfort D. (Ed.). *Psychosocial issues and interventions in elite sports*. Frankfurt: Peter Lang, 1994. p.11-28.

Sanches, M. S. (2009). *Prática esportiva e resiliência*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Savickas, M. (2005). The theory and practice of career construction. In S. Brown & R. Lent (Eds.), *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (pp. 42-70). Hoboken, NJ: Wiley.

Schmidt, Richard A.; & Wrisberg, Craig, A. (2001). *Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema*. **Porto Alegre**: Artmed.

Schlossberg, N. K. (1981). A model for analysing adaption to transition. *The Counseling Psychologist*, 9,2 -18.

Skorikov, V. B., vondracek, F. W. (2010). Vocational Identity. Em Skorikov, V.B. e Patton, W. (Eds.), *Career Development in Childhood and Adolescence*, 143- 168, Rotterdam / Taipei : Sense Publishers *Psychologist*, v. 9, n. 2, p. 2-18, 1981.

Souza, R. (2004). *Boas ondas: surfando com Rico de Souza*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Souza, P. C. (2013). Surf: do desenvolvimento histórico ao profissionalismo. *Rev. Acta Brasileira do Movimento Humano*. Vol. 3, n. 3, p. 84-98 – Julho\Set. ISSN 2238-2259.

Souza, A. P. S., Scalon, R. M. (2004). O treinamento mental como uma variável significativa na performance de atletas e na aprendizagem de habilidades motoras. *Revista Digital*, Buenos Aires, Ano 10, n 75, s/ p. ago.

Stambulova, N. V. (1994). Developmental sports career investigations in Russia: a post-perestroika analysis. *The Sport Psychologist*, 8(3), pp. 221-237.

Stambulova, N., Alfermann, D., Statler, T., & Côte, J. (2009). ISSP Position stand: Career development and transitions of athletes. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 7, 395-412. doi: 10.1080/1612197X.2009.9671916.

Tavares, J. (2001). A resiliência na sociedade emergente. In: Tavares, J. (Org.) *Resiliência e Educação*. São Paulo. Cortez, p. 13-42.

Weinberg, R. S., Gould, D. (2008). *Fundamentos da psicologia do esporte e exercício*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed.

World Surf League (2017), WSL Livro de Regras 2017. Santa Mônica, CA. USA. Disponível em www.worldsurfleague.com. Acesso em 15 Set 2017.

Wylleman, P., Alfermann, D., & Lavallee, D. (2004). Career transition in sport: European perspectives. *Psychology of Sport and Exercise*, 5, 7–20.

Worldsurfleague (2016, 2017). Disponível em <<https://www.worldsurfleague.com/>> Acesso em 10 Mai 2016.

Wikipedia (2016). Disponível em <https://en.m.wikipedia.org/wiki/World_Surf_League> Acesso em 10 Maio 2016.

5. APÊNDICES

5.1 APÊNDICE A — FICHA DE IDENTIFICAÇÃO SÓCIODEMOGRÁFICA

1 — Idade: _____

2 — Sexo: _____

3 — Escolaridade: _____

4 — Estado Civil: _____

5 — Filhos? ☐ Sim ☐ Não Se sim, quantos? _____

6 — Classe Social da Família de Origem:

☐ Alta ☐ Média ☐ Baixa ☐ Outro _____

5.2 APÊNDICE B — ROTEIRO (A) DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1 — Como você definiria a fase na qual se encontra em sua carreira?
- 2 — Conte-me sobre sua trajetória esportiva
- 3 — O que contribuiu para que você se tornasse um atleta profissional?
- 4 — Quais foram os principais desafios e dificuldades vivenciados ao longo de sua carreira esportiva?
- 5 — Quais foram as principais transições vivenciadas ao longo de sua carreira esportiva? Como você se adaptou a elas?
- 6 — O que o surfe significa para você?
- 7 — O que significa ser um atleta profissional para você?
- 8 — Você se sente realizado como atleta profissional?
- 9 — Você se considera bem-sucedido em sua carreira esportiva?
- 10 — Conte-me como foi (é) conciliar o seu papel de atleta com os demais papéis de sua vida ao longo de sua carreira.
- 11 — O que você gosta de fazer quando não está se dedicando à sua carreira?
- 12 — Houve/ há algum de planejamento ou gestão de sua carreira esportiva?
- 13 — Fale sobre as expectativas que você tem em sua carreira como atleta profissional.
- 14 — Há algum tipo de planejamento/preparo para seu processo de aposentaria no esporte? Quais são seus planos após aposentar-se no esporte?
- 15 — Quais aspectos você considera importantes na formação de um atleta profissional? E na formação do atleta profissional do surfe?
- 16 — Quais dicas você daria aos atletas iniciantes que pretendem se tornar atletas profissionais de sucesso?

5.3 APÊNDICE C — ROTEIRO (B) DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1 — A atuação no surfe pode ser considerada uma profissão e/ou uma carreira?
- 2 — Há algum órgão que regulamente a profissão surfista?
- 3 — Quais são os órgãos no Brasil e no mundo, responsáveis pela gestão e desenvolvimento do surfe de alto rendimento e como atuam?
- 4 — Como se dá a progressão na carreira no surfe?
- 5 — Quais os critérios utilizados para a transição da categoria amadora para a profissional e do âmbito nacional para o internacional de competição?
- 6 — Qual a denotação do termo surfista profissional?
- 7 — Existe algum programa de desenvolvimento de carreira esportiva no surfe?

5.4 APÊNDICE D — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (VERSÃO PARA PARTICIPANTES COM IDADE ACIMA DE 18 ANOS)

Você está sendo convidado/a para participar da pesquisa de Mestrado intitulada “Construção da Vida e da Carreira de Surfistas Profissionais”, que tem como pesquisadora responsável Mariana Vannuchi Tomazini, sob a orientação da Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva, pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP — USP). A pesquisadora responsável pela pesquisa é quem irá apresentar este termo visando à obtenção de seu consentimento, bem como quem irá conduzir a coleta e análise dos dados. Em qualquer etapa desta pesquisa você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Esta pesquisa objetiva investigar como a atuação profissional e a carreira esportiva do no surfe vem sendo construída no Brasil. Os participantes deste estudo serão atletas que atuam profissionalmente com o surfe e profissionais que possuem atuação relacionada ao desenvolvimento e à organização do surfe de alto rendimento no Brasil. Embora a participação nesta pesquisa não traga benefício direto aos participantes, sua colaboração poderá contribuir para a construção do conhecimento científico na área de aconselhamento de carreira atlética, além de oportunizar uma situação de reflexão sobre sua carreira e vida, contando com o apoio da pesquisadora para tanto. Caso você aceite participar desta pesquisa, esta será realizada em formato de entrevista sobre sua trajetória de vida/carreira (presencial, em local designado pelo participante, ou via Skype), a ser realizada em um ou dois encontros, sendo que cada um deles terá a duração entre uma e duas horas. A entrevista será gravada em áudio, com a finalidade de posterior transcrição e análise de dados. Este estudo possui a finalidade de pesquisa, sendo que os dados obtidos serão divulgados em eventos e publicações científicas. A fim de possibilitar desenvolvimento de estudos posteriores, os dados obtidos serão armazenados no banco de dados que envolve pesquisas na área de Orientação Profissional, da FFCLRP (USP). Contudo, o sigilo é garantido por meio da preservação da identidade dos participantes, assim como qualquer informação que possa levar alguém a identificá-lo. Informamos que este convite pode ser recusado e que você pode desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem que isso acarrete em penalidade ou represálias de qualquer natureza. A sua participação será de caráter voluntário (não haverá nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que a participação na pesquisa não envolve nenhum gasto). Embora esta pesquisa não envolva riscos previsíveis, o tema estudado é instigante e pode gerar desconfortos. Sendo assim, a pesquisadora responsável por este trabalho está apta a lidar com eventuais desconfortos, disponibilizando-se a auxiliar os participantes durante e após a coleta de dados, inclusive realizando encaminhamentos a serviços de Psicoterapia e/ou de Orientação Profissional, acessíveis aos participantes, caso necessário. A pesquisadora responsável pela obtenção dos dados se coloca à disposição para informar sobre os resultados individuais a cada participante. Para o esclarecimento de dúvidas sobre as questões éticas desta pesquisa, pedimos que entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto — USP,

localizado na Avenida Bandeirantes, 3900, bloco 23, casa 37, CEP 14040-901, Ribeirão Preto, São Paulo,

Brasil. Telefone: (16) 33154811, Fax: (16) 36332660 e e-mail: coetp@ffclrp.usp.br, homepage: <http://www.ffclrp.usp.br>. Caso você aceite participar de nossa pesquisa, pedimos que assine as duas vias deste termo. Uma das duas vias deste Termo ficará com o/a participante.

Pelo presente Termo de Consentimento, eu, _____, de RG número _____, declaro que sou maior de 18 anos e que fui informado sobre os propósitos de investigação desta pesquisa e sobre os procedimentos que serão utilizados, e estou de acordo em participar da mesma.

Cidade, Data

Assinatura do pai/mãe ou responsável

Assinatura do pesquisador responsável pela pesquisa

Contatos das pesquisadoras responsáveis pela pesquisa:

■ Mestranda — Mariana Vannuchi Tomazini — Fone: (19) 98200-1888

E-mail: marianavtomazini@usp.br/ marianavtomazini@gmail.com

■ Orientadora — Profª. Dra. Lucy Leal Melo-Silva — Fone: (16) 3315-3789

E-mail: lucileal@ffclrp.usp.br

■ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP — Avenida Bandeirantes, 3900
CEP 14040-901 — Bairro Monte Alegre — Ribeirão Preto/SP/Brasil.

5.5 APÊNDICE E — TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA INCLUSÃO EM BANCO DE DADOS (VERSÃO PARA PARTICIPANTES COM IDADE ACIMA DE 18 ANOS)

Você está sendo convidado/a para participar da pesquisa intitulada “Construção da Vida e da Carreira de Surfistas Profissionais”, que será desenvolvida por Mariana Vannuchi Tomazini, aluna de Mestrado, sob a orientação da Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva, Professora e Pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP — USP). A fim de possibilitar desenvolvimento de estudos posteriores e publicações científicas, os dados obtidos serão armazenados no banco de dados que envolve pesquisas na área de Orientação Profissional, da FFCLRP (USP). Um banco de dados tem a finalidade de recolher e agrupar todas as informações já obtidas pelos pesquisadores orientados pela Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva, a responsável institucional. O intuito é contribuir para o desenvolvimento de estudos futuros e de publicações científicas, que têm como objetivo beneficiar a área de Orientação Profissional no Brasil e em outros países. Todos os dados serão armazenados, o que incluirá as referências dos participantes e a transcrição de suas falas, obtidas através do roteiro de entrevista semiestruturada, gravada em áudio durante a coleta de dados. É importante ressaltar que o acesso ao banco de dados é restrito, podendo ser acessado apenas sob autorização da responsável institucional e, além disso, o sigilo da identidade dos participantes é garantido, assim como qualquer informação que possa levar alguém a identificá-lo. Também oferecemos a garantia de acesso aos resultados obtidos com a utilização das informações oriundas desta pesquisa em questão e caso queira se informar das conclusões, poderá contatar através dos telefones e endereços mencionados logo abaixo. Para o esclarecimento de dúvidas sobre as questões éticas deste trabalho, pedimos que entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, localizado na Avenida Bandeirantes, 3900, bloco 23, casa 37, CEP 14040-901, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Os contatos são: (16) 33154811, Fax: (16) 36332660 e email: coetp@ffclrp.usp.br, homepage: <http://www.ffclrp.usp.br>. Caso você autorize que seus dados sejam incluídos no nosso banco de dados, pedimos que assine as duas vias deste termo. Uma das duas vias deste Termo ficará com o participante.

Pelo presente Termo de Consentimento, eu, _____, de RG número _____ declaro que sou maior de 18 anos e que estou de acordo em permitir que meus dados sejam incluídos no banco de dados de pesquisas na área de Orientação Profissional, da FFCLRP (USP).

Cidade, Data

Assinatura do(a) participante

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa

Contatos das pesquisadoras responsáveis pela pesquisa:

■ Mestranda — Mariana Vannuchi Tomazini — Fone: (19) 98200-1888

E-mail: marianavtomazini@usp.br/ marianavtomazini@gmail.com

■ Orientadora — Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva — Fone: (16) 3315-3789

E-mail: lucileal@ffclrp.usp.br

■ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP — Avenida Bandeirantes, 3900
CEP 14040-901 — Bairro Monte Alegre — Ribeirão Preto/SP/Brasil.

5.6 APÊNDICE F — TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA (VERSÃO PARA PAIS E/OU RESPONSÁVEIS LEGAIS POR PARTICIPANTES COM IDADE ABAIXO DE 18 ANOS)

Seu filho/a está sendo convidado/a para participar da pesquisa de Mestrado intitulada “Construção da Vida e da Carreira de Surfistas Profissionais”, que tem como pesquisadora responsável Mariana Vannuchi Tomazini, sob a orientação da Profa. Dra. Lucy Leal Melo- Silva, pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP – USP). A pesquisadora responsável pela pesquisa é quem irá apresentar este termo visando à obtenção de seu consentimento, bem como quem irá conduzir a coleta e análise dos dados. Em qualquer etapa desta pesquisa você e seu filho/a terão acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Esta pesquisa objetiva investigar como a atuação profissional e a carreira esportiva do no surfe vem sendo construída no Brasil. Os participantes deste estudo serão atletas que atuam profissionalmente com o surfe e profissionais que possuem atuação relacionada ao desenvolvimento e à organização do surfe de alto rendimento no Brasil. Embora a participação nesta pesquisa não traga benefício direto aos participantes, a colaboração de seu filho/a poderá contribuir para a construção do conhecimento científico na área de aconselhamento de carreira atlética, além de lhe oportunizar uma situação de reflexão sobre sua carreira e vida, contando com o apoio da pesquisadora para tanto. Caso você autorize a participação do seu filho/a nesta pesquisa, esta será realizada em formato de entrevista sobre sua trajetória de vida/carreira (presencial, em local designado pelo participante, ou via Skype), a ser realizada em um ou dois encontros, sendo que cada um deles terá a duração entre uma e duas horas. A entrevista será gravada em áudio, com a finalidade de posterior transcrição e análise de dados. Este estudo possui a finalidade de pesquisa, sendo que os dados obtidos serão divulgados em eventos e publicações científicas. A fim de possibilitar desenvolvimento de estudos posteriores, os dados obtidos serão armazenados no banco de dados que envolve pesquisas na área de Orientação Profissional, da FFCLRP (USP). Contudo, o sigilo é garantido por meio da preservação da identidade dos participantes, assim como qualquer informação que possa levar alguém a identificá-lo. Informamos que este convite pode ser recusado e que você pode retirar sua autorização, bem como seu filho/a pode desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem que isso acarrete em penalidade ou represálias de qualquer natureza. A participação de seu filho/a será de caráter voluntário (não haverá nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que a participação na pesquisa não envolve nenhum gasto). Embora esta pesquisa não envolva riscos previsíveis, o tema estudado é instigante e pode gerar desconfortos. Sendo assim, a pesquisadora responsável por este trabalho está apta a lidar com eventuais desconfortos, disponibilizando-se a auxiliar os participantes durante e após a coleta de dados, inclusive realizando encaminhamentos a serviços de Psicoterapia e/ou de Orientação Profissional, acessíveis aos participantes, caso necessário. A pesquisadora responsável pela pesquisa se coloca à disposição para informar sobre os resultados

individuais a cada participante. Em qualquer momento, caso a participação nesta pesquisa gere algum tipo de dano que não havia sido previsto em sua idealização, o participante terá a assistência necessária para sua reparação. Para o esclarecimento de dúvidas sobre as questões éticas desta pesquisa, pedimos que entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, localizado na Avenida Bandeirantes, 3900, bloco 23, casa 37, CEP 14040-901, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Telefone: (16) 33154811, Fax: (16) 36332660 e e-mail: coetp@ffclrp.usp.br, homepage: <http://www.ffclrp.usp.br>. Caso você autorize a participação de filho/a em nossa pesquisa, pedimos que assine as duas vias deste termo. Uma das duas vias deste Termo ficará com o responsável pelo participante.

Pelo presente Termo de Consentimento, eu, _____, de RG número _____ declaro que sou maior de 18 anos e que fui informado sobre os propósitos de investigação desta pesquisa e sobre os procedimentos que serão utilizados, e estou de acordo em permitir que meu filho(a) _____

_____, de RG número _____, participe da mesma.

Cidade, Data

Assinatura do pai/mãe ou responsável

Assinatura do pesquisador responsável pela pesquisa

Contatos das pesquisadoras responsáveis pela pesquisa:

■ Mestranda — Mariana Vannuchi Tomazini — Fone: (19) 98200-1888

E-mail: marianavtomazini@usp.br/ marianavtomazini@gmail.com

■ Orientadora — Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva — Fone: (16) 3315-3789

E-mail: lucileal@ffclrp.usp.br

■ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP — Avenida Bandeirantes, 3900
CEP 14040-901 — Bairro Monte Alegre — Ribeirão Preto/SP/Brasil.

5.7 APÊNDICE G — TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA INCLUSÃO EM BANCO DE DADOS (VERSÃO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS PELOS PARTICIPANTES COM IDADE ABAIXO DE 18 ANOS)

O seu filho/a está sendo convidado/a para participar da pesquisa intitulada “Construção da Vida e da Carreira de Surfistas Profissionais”, que será desenvolvida por Mariana Vannuchi Tomazini, aluna de Mestrado, sob a orientação da Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva, Professora e Pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP – USP). A fim de possibilitar desenvolvimento de estudos posteriores e publicações científicas, os dados obtidos serão armazenados no banco de dados que envolve pesquisas na área de Orientação Profissional, da FFCLRP (USP). Um banco de dados tem a finalidade de recolher e agrupar todas as informações já obtidas pelos pesquisadores orientados pela Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva, a responsável institucional. O intuito é contribuir para o desenvolvimento de estudos futuros e de publicações científicas, que têm como objetivo beneficiar a área de Orientação Profissional no Brasil e em outros países. Todos os dados serão armazenados, o que incluirá as referências dos participantes e a transcrição de suas falas, obtidas através do roteiro de entrevista semiestruturada, gravada em áudio durante a coleta de dados. É importante ressaltar que o acesso ao banco de dados é restrito, podendo ser acessado apenas sob autorização da responsável institucional e, além disso, o sigilo é garantido por meio da preservação da identidade dos participantes, assim como qualquer informação que possa levar alguém a identificá-lo. Também oferecemos a garantia de acesso aos resultados obtidos com a utilização das informações oriundas desta pesquisa em questão e caso queira se informar das conclusões, poderá contatar através dos telefones e endereços mencionados logo abaixo. Para o esclarecimento de dúvidas sobre as questões éticas deste trabalho, pedimos que entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, localizado na Avenida Bandeirantes, 3900, bloco 23, casa 37, CEP 14040-901, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Os contatos são: (16) 33154811, Fax: (16) 36332660 e email: coetp@ffclrp.usp.br, homepage: <http://www.ffclrp.usp.br>. Caso você autorize que os dados de seu filho/a sejam incluídos no nosso banco de dados pedimos que assine as duas vias deste termo. Uma das duas vias deste Termo ficará com o responsável pelo participante.

Pelo presente Termo de Consentimento, eu, _____, RG _____ declaro que sou maior de 18 anos e que estou de acordo em permitir que os dados de meu filho/a _____, RG _____ sejam incluídos no banco de dados de pesquisas na área de Orientação Profissional, da FFCLRP (USP).

Cidade, Data

Assinatura do pai/mãe ou responsável

Assinatura do pesquisador responsável pela pesquisa

Contatos das pesquisadoras responsáveis pela pesquisa:

■ Mestranda — Mariana Vannuchi Tomazini — Fone: (19) 98200-1888

E-mail: marianavtomazini@usp.br/ marianavtomazini@gmail.com

■ Orientadora — Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva — Fone: (16) 3315-3789

E-mail: lucileal@ffclrp.usp.br

■ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP — Avenida Bandeirantes, 3900
CEP 14040-901 — Bairro Monte Alegre — Ribeirão Preto/SP/Brasil.

5.8 APÊNDICE H — TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (VERSÃO PARA PARTICIPANTES COM IDADE ABAIXO DE 18 ANOS)

Você está sendo convidado/a para participar da pesquisa de Mestrado intitulada “Construção da Vida e da Carreira de Surfistas Profissionais”, que tem como pesquisadora responsável Mariana Vannuchi Tomazini, sob a orientação da Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva, pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP – USP). A pesquisadora responsável pela pesquisa é quem irá lhe apresentar este termo e conduzir a coleta e análise dos dados. Em qualquer etapa desta pesquisa você terá acesso aos profissionais responsáveis para esclarecimento de qualquer dúvida. Esta pesquisa objetiva investigar como a atuação profissional e a carreira esportiva do no surfe vem sendo construída no Brasil. Os participantes deste estudo serão atletas que atuam profissionalmente com o surfe e profissionais que possuem atuação relacionada ao desenvolvimento e à organização do surfe de alto rendimento no Brasil. Embora a participação nesta pesquisa não traga benefício direto aos participantes, sua colaboração poderá contribuir para a construção do conhecimento científico na área de aconselhamento de carreira atlética, além de oportunizar uma situação de reflexão sobre sua carreira e vida, contando com o apoio da pesquisadora para tanto. Caso você aceite participar desta pesquisa, esta será realizada em formato de entrevista sobre sua trajetória de vida/carreira (presencial, em local designado pelo participante, ou via Skype), a ser realizada em um ou dois encontros, sendo que cada um deles terá a duração entre uma e duas horas. A entrevista será gravada em áudio, com a finalidade de posterior transcrição e análise de dados. Este estudo possui a finalidade de pesquisa, sendo que os dados obtidos serão divulgados em eventos e publicações científicas. A fim de possibilitar desenvolvimento de estudos posteriores, os dados obtidos serão armazenados no banco de dados que envolve pesquisas na área de Orientação Profissional, da FFCLRP (USP). Contudo, o sigilo é garantido por meio da preservação da identidade dos participantes, assim como qualquer informação que possa levar alguém a identificá-lo. Informamos que este convite pode ser recusado e que você pode desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem que isso acarrete em penalidade ou represálias de qualquer natureza. A sua participação será de caráter voluntário (não haverá nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que a participação na pesquisa não envolve nenhum gasto). Embora esta pesquisa não envolva riscos previsíveis, o tema estudado é instigante e pode gerar desconfortos. Sendo assim, a pesquisadora responsável por este trabalho está apta a lidar com eventuais desconfortos, disponibilizando-se a auxiliar os participantes durante e após a coleta de dados, inclusive realizando encaminhamentos a serviços de Psicoterapia e/ou de Orientação Profissional, acessíveis aos participantes, caso necessário. A pesquisadora responsável pela pesquisa se coloca à disposição para informar sobre os resultados individuais a cada participante. Em qualquer momento, caso a participação nesta pesquisa gere algum tipo de dano que não havia sido previsto em sua idealização, o participante terá a assistência necessária para sua reparação. Para o esclarecimento de dúvidas sobre as questões éticas desta pesquisa, pedimos

que entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, localizado na Avenida Bandeirantes, 3900, bloco 23, casa 37, CEP 14040-901, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Telefone: (16) 33154811, Fax: (16) 36332660 e e-mail: coetp@ffclrp.usp.br, homepage: <http://www.ffclrp.usp.br>. Caso você aceite participar de nossa pesquisa, pedimos que assine as duas vias deste termo. Uma das duas vias deste Termo ficará com o responsável pelo participante.

Pelo presente Termo de Consentimento, eu, _____, de RG número _____, declaro que fui informado sobre os propósitos de investigação desta pesquisa e sobre os procedimentos que serão utilizados, e estou de acordo em participar da mesma.

Cidade, Data

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador responsável pela pesquisa

Contatos das pesquisadoras responsáveis pela pesquisa:

- Mestranda — Mariana Vannuchi Tomazini — Fone: (19) 98200-1888
E-mail: marianavtomazini@usp.br/ marianavtomazini@gmail.com
- Orientadora — Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva — Fone: (16) 3315-3789
E-mail: lucileal@ffclrp.usp.br
- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP — Avenida Bandeirantes, 3900
CEP 14040-901 — Bairro Monte Alegre — Ribeirão Preto/SP/Brasil.

6. ANEXOS

6.1 ANEXO A — CARTA DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA DO ESPORTE

A pesquisa de Mestrado intitulada “Construção da Vida e da Carreira de Surfistas Profissionais”, tem como pesquisadora responsável Mariana Vannuchi Tomazini, sob a orientação da Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP – USP) e objetiva investigar como a carreira esportiva do atleta profissional de surfe vem sendo construída no Brasil. Os participantes deste estudo serão atletas Profissionais do surfe, de ambos os sexos, que estão vivenciando a fase de manutenção esportiva de suas carreiras.

Pelo presente Termo de Consentimento, eu, Luciana Ferreira Angelo, atual Presidente da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP) de RG número 18.881.144-8, declaro que estou de acordo em permitir que a pesquisadora responsável por esta pesquisa entre em contato com os Profissionais associados à ABRAPESP objetivando convidar, entre os atletas por eles atendidos, participantes para este estudo.

São Paulo, 18 de novembro de 2015

Luciana Ferreira Angelo

Presidente da ABRAPESP